convergência

OUTUBRO • 1998 • ANO XXXIII Nº 316

- EDUCAÇÃO CRISTÃ NUMA SOCIEDADE NEOLIBERAL
- OS DESAFIOS QUE A ATUAL SITUAÇÃO NACIONAL E ECLESIAL APRESENTAM PARA O NOSSO APOSTOLADO
- À ESPERA DA EXORTAÇÃO PÓS-SINODAL
- A ANÁLISE INSTITUCIONAL A SERVIÇO DA REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA
- NOVO ROSTO DO(A) CONSAGRADO(A) NA AMÉRICA LATINA
- LEITURA ORANTE DA BÍBLIA: FONTE DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

SUMÁRIO

EDITORIAL 449

PALAVRA DO PAPA 451

INFORME CRB 453
Frater Henrique Cristiano José Matos, CFMM

EDUCAÇÃO CRISTÃ NUMA SOCIEDADE NEOLIBERAL 459
Pe. J. B. Libânio, SJ

OS DESAFIOS QUE A ATUAL SITUAÇÃO NACIONAL E ECLESIAL APRESENTAM PARA O NOSSO APOSTOLADO 470
Pe. Francisco Ivern, SJ

À ESPERA DA EXORTAÇÃO PÓS-SINODAL 478
D. Demétrio Valentini

A ANÁLISE INSTITUCIONAL A SERVIÇO DA REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA 482
Pe. Victor Hugo Silveira Lapenta, CSSR

NOVO ROSTO DO(A) CONSAGRADO/A NA AMÉRICA LATINA . 491
Pe. Edênio Valle, SVD

LEITURA ORANTE DA BÍBLIA: FONTE DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL 503
Frater Henrique Cristiano José Matos, CFMM

NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto **(Pe. João Roque Rohr, SJ)**.

ASSINATURA PARA 1998:

BRASIL: taxa única
Terrestre ou aérea ..... R$ 60,00

EXTERIOR: taxa única
Terrestre ou aérea ..... R$ 85,00
Número avulso (Brasil) ..... R$ 6,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

convergência
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:
Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

C.R.B.
- BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara, 24 - 4.º
Rio - RJ

MISSÃO EVANGELIZADORA E COMPROMISSO SOCIAL

O **"Momento Nacional"** da Terceira Semana Social Brasileira, ocorrido recentemente em Itaici (São Paulo) constituiu um evento de singular relevância na vida do País e da Igreja. Inserida no Projeto do Jubileu 2000, a Terceira Semana Social Brasileira responde a uma "exigência de serviço da Missão evangelizadora com a incumbência de garantir as repercussões sociais da celebração do Jubileu".

O tema central do evento, ou seja, a questão das "Dívidas" colocou em evidência o quanto é importante para a Sociedade e para a Igreja nos tempos atuais, refletir e debater sobre aquilo que constitui o cerne da proposta bíblica do Jubileu. Insistindo no enfoque do "resgate das dívidas sociais", a Terceira Semana Social Brasileira confere a esse grande tema bíblico do Jubileu um realismo e uma atualidade singulares: "possibilita que este tema seja assumido de maneira prática, concreta, aberta e adaptada às diversas circunstâncias" e situações da complexa realidade nacional.

Precedido de numerosas Semanas Sociais Regionais o **"Momento Nacional,** composto na sua maioria, de representantes dessas Semanas Regionais, processou-se em quatro fases: a) identificar as dívidas sociais; b) buscar as raízes dessas dívidas; c) encontrar pistas para o seu resgate; d) estabelecer compromissos a serem assumidos. Com essa dinâmica, cerca de 400 pessoas (representantes de Pastorais, de Igrejas Cristãs, de entidades de todo País) se debruçaram sobre as candentes questões que esse resgate das dívidas sociais supõe no momento atual e sobre o que isso significa para a melhoria das condições de vida do povo, particularmente dos mais pobres e dos excluídos.

Dentro desse marco mais amplo da Terceira Semana Social Brasileira foi igualmente importante a celebração do "Grito dos Excluídos", ocorrida em várias cidades brasileiras com o tema: "Aqui é meu País", e com o lema: "A ordem é ninguém passar fome". O sugestivo símbolo da sacola vazia expressava de maneira bastante gráfica as carências do povo brasileiro geradas, em grande parte, precisamente pelo não resgate das dívidas sociais.

Esses eventos e as grandes questões neles debatidas adquirem singular relevância na atual conjuntura política do País, quando o povo vai às urnas para eleger aqueles que ocuparão os mais altos cargos no Executivo e no Legislativo, e devem permanecer no horizonte da consciência cristã como um desafio maior para a ação evangelizadora.

A Vida Religiosa vem participando das realizações da Terceira Semana Social Brasileira e marcou presença também na celebração do **"Momento Nacional"**. Não podia ser de outra maneira, pois a VR pela sua própria natureza está chamada a ser presença profética e solidária nos acontecimentos e nas vicissitudes da história humana. Uma das linhas inspiradoras votadas na última AGO da CRB insiste precisamente nisto, urgindo a VR do Brasil hoje a uma "solidariedade profética e qualificada". Uma solidariedade que "exige vigor sapiencial, competência científica e qualificação técnica".

Convergência deste mês faz chegar aos leitores as conclusões do **"Momento Nacional"**, no intuito de possibilitar e dinamizar nas comunidades a reflexão e o debate sobre o tema central do evento e candentes questões nele debatidas. Alguns dos artigos publicados neste número estão relacionados também com essas questões e constituem subsídios valiosos para repensar a Missão evangelizadora da VR e sua presença na sociedade atual!

Em seu artigo "Educação Cristã numa Sociedade Neoliberal", o Pe. João Batista Libânio nos convida a refletir sobre as repercussões culturais do modelo neoliberal em nossas Escolas. De que maneira os educadores, conscientes de que os valores do sistema neoliberal estão presentes dentro da Escola, devem se posicionar para serem portadores de uma transmissão crítico-transformadora e criativa? Uma reflexão pedagógico-teológica faz-se necessária. É preciso rever a crise de certos valores na sociedade moderna e pós-moderna e confrontá-la com valores evangélicos. Este é o caminho da educação cristã.

"Os Desafios que a atual Situação Nacional e Eclesial apresentam para o nosso Apostolado" é o texto do padre Francisco Ivern, dirigido aos jesuítas, mas que é certamente válido para a Vida Religiosa e por isso o publicamos em Convergência.

O texto nos apresenta a situação nacional em nossos dias, os vários problemas que enfrentamos e as conseqüências para o nosso apostolado em termos de valores ou contravalores. Ao mesmo tempo nos descreve a situação eclesial nesse contexto, os desafios que enfrentamos, as exigências concretas do nosso apostolado.

Dom Demétrio Valentini, no seu texto "À espera da Exortação Pós-Sinodal", oferece aos leitores e leitoras uma breve síntese da exortação, ainda em fase de elaboração, destacando as suas ênfases centrais. Com isso procura criar entre Religiosos e Religiosas um clima propício a uma recepção criativa e fecunda do documento pontifício. Para ele, a publicação da exortação Pós-Sinodal "mais que simples colheita se destina a ser nova semeadura. Todo processo sinodal é, na verdade, um canteiro de mudas que se cultivam e selecionam para serem transplantadas em terras que possibilitem sua expansão e crescimento".

O artigo do Pe. Edênio Valle sobre "O Novo Rosto do Consagrado na América Latina" nos leva a refletir sobre nossa imagem como Religiosos. Como somos vistos pelos outros, pelos mais pobres, pela sociedade secularizada, pela Igreja oficial e pela própria Vida Religiosa? À luz da teologia da Vida Consagrada o artigo nos sugere um novo rosto para a vida religiosa que passa necessariamente pela opção preferencial e evangélica pelos pobres, mantendo vivas a perseverança, a esperança, a oração encarnada.

O texto " A Análise Institucional a Serviço da Refundação da Vida Religiosa", do padre Vitor Hugo Lapenta, nos ajuda a refletir sobre o futuro da Vida Religiosa. É necessário que haja uma mudança institucional e que estejamos atentos para perceber as novas formas que irão surgindo, considerando-se o carisma e a espiritualidade de cada instituto religioso e sua concretização no momento atual. Todos os membros da Comunidade deverão estar envolvidos nesse projeto.

Frater Henrique Cristiano José Matos em seu artigo "Leitura Orante da Bíblia" nos propõe uma reflexão sobre origens, conteúdo e estrutura da Lectio Divina: um encontro dialogal entre o Deus que fala e a pessoa que escuta. Esta Palavra de Deus – "a grande Carta que o Pai envia a seus filhos" – é atual, pessoal, saborosa e orante. Ela nos convida à conversão diária, exercendo uma função purificadora.

O FUTURO DA MISSÃO ESTÁ NO VOSSO PROGRAMA: «HOJE E PARA ALÉM DO ANO 2000»

Após alguns dias dedicados a uma reflexão pastoral sobre a obra de evangelização, foi realizada em Roma, de 1 a 6 de junho, a Assembléia geral das Pontifícias Obras Missionárias, para uma consideração de todo o trabalho missionário de animação e cooperação missionárias no mundo inteiro e para a distribuição das ajudas materiais às Igrejas mais necessitadas.

Na manhã do dia 5 de junho, os participantes da Assembléia missionária foram recebidos em audiência pelo Santo Padre. Na ocasião lhes dirigiu o seguinte discurso:

Venerados Irmãos
no Episcopado e no Sacerdócio
Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. Na conclusão da vossa anual Assembléia Geral desejastes, como no passado, encontrar-me, e é para mim uma grande alegria acolher-vos e apresentar-vos a minha saudação cordial. A ocasião é-me propícia para vos exprimir um vivo agradecimento pela incansável e intensa obra que realizais ao serviço da Igreja missionária. Saúdo, antes de tudo o Cardeal Josef Tomko, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, que se fez intérprete dos comuns sentimentos; D. Charles Schlech, Secretário-Adjunto da Congregação e Presidente das Pontifícias Obras, os Secretários-Gerais, os Conselheiros, os Diretores Nacionais vindos de muitos Países do mundo e o pessoal dos Secretariados gerais. Com afeto vos renovo as minhas sentidas e fraternas boas-vindas.

2. Através de cada um de vós desejaria fazer chegar a minha saudação às vossas Comunidades eclesiais de proveniência. Algumas delas são de antiga e gloriosa tradição missionária, tendo um papel significativo na difusão do Evangelho. Com o generoso envio de missionários e o empenho de notáveis recursos econômicos, elas favoreceram o nascimento e desenvolvimento das jovens Igrejas, muitas das quais estão a celebrar, neste ano, o centenário da evangelização. Mas como não exprimir um apreço público também àquelas Dioceses que, embora carentes de pessoal apostólico e de meios financeiros, se preocupam igualmente em responder com coragem ao apelo missionário, abrindo-se às exigências da chamada universal à salvação, segundo as suas limitadas possibilidades? Que providencial realidade de intercâmbio mútuo entre

as Igrejas, onde cada uma compartilha com as outras os dons recebidos de Deus! Trata-se de um impulso do Espírito Santo, que abre o coração de cada crente, com uma significativa experiência apostólica, às necessidades do mundo inteiro. Graças à ajuda de cada batizado, é assim possível difundir a um número sempre maior de pessoas a perene verdade do Evangelho.

Sim, é obra do Espírito Santo o impulso a erguer o olhar das próprias necessidades imediatas, para as exigências de quantos são «como ovelhas sem pastor» (Mc 6,24), e «querem ver Jesus» (Jo 12,31).

Caros Diretores Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias, importante é o papel a vós reservado nesta ação evangelizadora. O cuidado de sensibilizar para a obra da evangelização os membros das comunidades cristãs seja sempre a vossa primeira e fundamental preocupação. Como responsáveis destas Obras, as quais «têm em comum o objetivo de promover o espírito missionário universal no seio do povo de Deus» (Enc. *Redemptoris missio*, 84), prestais um trabalho de modo variado e complementar.

Enquanto a Pontifícia Obra da Santa Infância tem como objetivo infundir nos católicos, desde a mais tenra idade, um espírito autenticamente missionário, a Pontifícia Obra de S. Pedro Apóstolo tem como intento a formação dos seminaristas, dos religiosos e das religiosas nas Igrejas de recente fundação. É necessário que esta atividade de sensibilização missionária interesse o inteiro Povo de Deus e se torne exigência sentida por todos. Para ter vivo esse anélito apostólico é chamada sobretudo a Pontifícia Obra da Propagação da Fé, cujo objetivo é envolver na nova evangelização as famílias, as comunidades de base, as paróquias, as escolas, os movimentos, as associações, os Institutos religiosos, de maneira que cada diocese tome consciência da sua vocação missionária universal (cf. *Estatutos das Pontifícias Obras Missionárias*, Roma 1980, II 9/a), não só no que concerne à coleta de ajudas materiais e à cooperação espiritual, mas também à promoção das vocações missionárias, tanto «ad tempus» como «ad vitam».

Depois, dou graças ao Senhor pelo trabalho que a Pontifícia União Missionária está a realizar e encorajo-a a orientar todo o seu esforço para a animação dos animadores, a formação dos formadores, respondendo desse modo à sua específica vocação. Precisamente por isso ela foi definida «a alma das outras Obras» (cf. Paulo VI, Carta Apost. *Graves et increscentes*).

3. Caríssimos Irmãos e Irmãs! Como conclusão deste encontro, formulo de coração os votos por que o vosso ardor apostólico, alimentado pela oração constante e por uma filial devoção a Maria Santíssima, acompanhe dia após dia a vossa atividade. O ícone da Virgem, recolhida em contemplação orante no cenáculo com os Apóstolos, seja a imagem das comunidades cristãs em constante escuta de Deus e prontas a receber a força do Espírito Santo. Deixai-vos guiar pelo Espírito de Deus! Colaborai com Ele na animação do inteiro povo cristão, para que seja fiel a Cristo que o quer generosamente dedicado à edificação do seu Reino. «A todos os fiéis – recorda o Concílio Vaticano II – incumbe, portanto, o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a terra» (*Apostolicam actuositatem*, 3).

Eis o futuro da missão, eis o vosso programa: «Hoje e para além do Ano 2000», como bem é expresso pelo título da vossa assembléia.

Enquanto vos confio às mãos misericordiosas de Maria, Estrela da evangelização, asseguro-vos a minha constante lembrança na oração e, ao exortar-vos a prosseguir no caminho empreendido, concedo-vos de coração uma especial Bênção Apostólica, que faço extensiva a todos os vossos Colaboradores no incansável trabalho de animação missionária.

Joannes Paulus PP. II

MOMENTO NACIONAL

3ª Semana Social Brasileira

Itaici/SP, 04 a 08 de agosto de 1998

CARTA AO POVO BRASILEIRO

Quinhentos anos depois da Carta em que os colonizadores europeus descreveram, pela primeira vez, as belezas e as riquezas do Brasil, é também com uma Carta que fazemos chegar ao povo brasileiro as alegrias, preocupações e esperanças das mais de 10 mil pessoas que participaram dos 150 eventos regionais e locais da 3ª Semana Social Brasileira.

Iniciativa da CNBB e parte de sua programação para viver o Jubileu dos 2000 anos do nascimento de Jesus Cristo, a 3ª Semana Social é assumida e coordenada por pastorais, entidades ecumênicas, organismos e movimentos populares.

Motivados pela fé cristã, que nos convoca a remover as montanhas da ignorância e da indiferença; motivados pelo compromisso com o povo, que vive uma situação intolerável de sofrimento e de dor; e motivados por um novo milênio, que queremos muito diferente deste que se encerra, nós, os 396 participantes do Momento Nacional da 3ª Semana Social, reunidos em Itaici (SP), de 4 a 8 de agosto de 1998, denunciamos as dívidas sociais que atingem a população brasileira e assumimos compromissos para superá-las.

Quais são as dívidas sociais?

São as dívidas que as elites dominantes impuseram ao nosso povo, em 500 anos de exploração. Dívidas que se materializam no desemprego, nos salários indignos, nos sem-terra, no abandono dos pequenos agricultores e dos pescadores artesanais, na escravidão que persiste, na fome torturante, no extermínio dos povos indígenas e de outros grupos sociais.

Dívidas que se expressam, também, nos sem-teto, na discriminação dos migrantes, no sucateamento dos serviços de saúde e educação, na precariedade dos serviços urbanos, nas agressões ao meio ambiente.

Dívidas que se revelam, ainda, na negação do pleno direito à cidadania dos portadores de deficiência, dos idosos, jovens, crianças, adolescentes, meninos e meninas de rua, mulheres, povos indígenas, negros, ciganos e outras etnias, maiorias e minorias de nosso povo.

Dívidas que se fortalecem na violência cotidiana, na injustiça, na corrupção, na falta de democracia real, nas distorções veiculadas por meios de comunicação de massa, na destruição de valores individuais e coletivos.

Os credores das dívidas sociais são a maioria do povo brasileiro. Não precisa-

mos, aqui, indicar quantos são os sem-terra, os sem-teto, os desempregados, os sem-cidadania... A existência de uma única criança abandonada já nos causa indignação e nos faz lutar contra o projeto político excludente que domina a sociedade brasileira, campeã mundial de desigualdades sociais.

Raízes e resgate das dívidas sociais

As dívidas sociais possuem raízes profundas, que remontam ao processo colonizador europeu, a séculos de escravidão, de transferência de nossas riquezas para o exterior, de democratização lenta e restrita, de justiça parcial e perpetuadora de desigualdades, de subordinação do Estado aos interesses privados nacionais e internacionais, de um desenvolvimento econômico que gera e reproduz estruturalmente a desigualdade.

O modelo neoliberal, implementado no Brasil principalmente a partir de 1990, reforça a desigualdade estrutural existente na sociedade brasileira. Vivemos sob o domínio das chamadas leis do mercado, do individualismo, da competitividade, do consumismo. A idolatria do mercado sufoca os valores da igualdade, da solidariedade, da soberania nacional, de uma democracia participativa.

O grande capital exige subordinação de nossa sociedade, impondo privatização de estatais, abertura comercial sem salvaguardas nem contrapartidas, desmantelamento dos serviços públicos.

Agravam-se o desemprego, a violência, a crise de valores. Mas as soluções estão à vista e à mão. Nossas mazelas não se devem à falta de recursos: suas causas são políticas e estruturais.

É necessário construir um novo projeto de sociedade, orientado por valores e por estratégias capazes de promover a distribuição da riqueza, da renda, da terra, do poder e do saber, criando oportunidades para que todos os brasileiros possam viver com justiça, dignidade e alegria.

Esta nova sociedade já vem sendo construída, pelos movimentos populares, pela sociedade civil, na luta contra o projeto dominante. O novo é visível nas lutas por terra e água, na batalha por direitos sociais e políticas públicas, na defesa do meio-ambiente, nas iniciativas de produção alternativa, em todos que, de diferentes formas, procuram viver a verdadeira democracia, a cooperação e a solidariedade.

Nossos compromissos

Convocamos o povo brasileiro e as Igrejas a concretizar os ideais do Jubileu bíblico, assumido por Jesus como sua missão permanente na construção do Reino de Deus. O Jubileu consiste no resgate das dívidas sociais, recriando as condições de igualdade e de liberdade na vida do povo, concretizando o propósito de Deus: que as relações humanas sejam caracterizadas por amor, justiça e comunhão.

Convidamos a todos vocês, a todo o povo brasileiro, a assumir conosco os seguintes compromissos:

1. *Com a vida*: denunciaremos o neoliberalismo e tudo que atenta contra a dignidade da vida, em todas as suas dimensões.

2. *Com a verdade*: lutaremos pela democratização da informação, incentivando as rádios e TVs comunitárias, desmascarando a manipulação e a desinformação promovidas pelos monopólios de comunicação.

3. *Com a organização e a mobilização do povo*: lutaremos pelos direitos dos povos indígenas e dos remanescentes de Quilombos, por reforma agrária, moradia digna, emprego, saúde, justiça, pela plena realização dos direitos humanos. Combateremos todo e qualquer tipo de discriminação e intolerância. Assumimos o **Grito dos Excluídos**, o **Tribunal da Dívida Externa** e

a **Campanha Brasil 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular.**

4. *Com a verdadeira democracia*: queremos que o Estado seja um instrumento da sociedade para a sociedade. Lutaremos por uma política que garanta o exercício pleno da cidadania, contra as distorções na representação proporcional e contra a corrupção eleitoral promovida pelo poder econômico.

5. *Com um novo projeto de sociedade*: trabalharemos pela instalação de uma nova ordem econômica, política, social e cultural, que rompa a dependência frente ao capital externo, que afirme a soberania nacional, que garanta uma vida digna e com segurança para nosso povo e o futuro de nossa juventude. Que sejam definidos limites orçamentários para os gastos com o pagamento das dívidas externa e interna, compatíveis com o resgate das dívidas sociais e ecológicas.

6. *Com a educação*: lutaremos por um sistema educacional público, que garanta a todos os brasileiros uma educação de qualidade, fundamentada nos valores da justiça e da solidariedade. Apoiaremos as iniciativas de educação popular no campo e na cidade.

7. *Com o direito ao trabalho*: lutaremos por empregos estáveis e por salários dignos. Estimularemos iniciativas que gerem trabalho e renda para os trabalhadores e suas famílias.

8. *Com a **Campanha Internacional Jubileu 2000***: assumiremos esta Campanha, que pede o cancelamento da injusta dívida externa. No Brasil, exigiremos uma auditoria da dívida externa, possibilitando identificar a dívida ilegítima e injusta que deve ser cancelada.

9. *Com o estabelecimento de uma nova ordem internacional*: lutaremos para que a globalização financeira e excludente seja substituída por uma globalização solidária e ecológica.

Que esta Carta seja lida em cada casa, em cada praça, em cada grito, em cada encontro, em cada Igreja. E que suas palavras se tornem realidade na caminhada de cada um de nós, reforçando nossa esperança e nosso sonho de justiça e solidariedade na construção de uma sociedade democrática.

Itaici, agosto de 1998.

Frater Henrique Cristiano José Matos, CFMM

Palavras dirigidas à Ir. Eugênia Teixeira, OSB, em solenidade ocorrida no Mosteiro da Virgem em Petrópolis.

Alegro-me de poder estar neste sábado do mês de maio nesta Comunidade monástica beneditina. É também em nome do PROFOCO, Programa de Formação para Contemplativas, um Serviço da CRB Nacional, que me encontro aqui. Desde a sua criação, em 1979, a Irmã Eugênia faz parte da equipe de coordenação do PROFOCO que iniciou efetivamente suas atividades em 1980. Neste grupo, ela tem uma participação ativa e muito apreciada. Tendo uma experiência concreta e diuturna na Formação de uma comunidade monástica, seu contributo ao diálogo possui sempre algo de realista e vital. No decorrer desses quase vinte anos de atuação, o PROFOCO pôde efetivamente ajudar na promoção da vocação à Vida Contemplativa no Brasil, como apelo à esperança: esperança de renovação, de aprofundamento, de vivência sempre mais dinâmica e comprometida no seguimento de Jesus, mediante esta modalidade típica de Vida Consagrada, que é precisamente a comunidade claustral, posta como cidade no cimo do monte ou como candeia em cima do velador (cf. Mt 5,14-15), que, mesmo na simplicidade de sua vida, representa a meta para a qual caminha a comunidade eclesial inteira que, empenhada na ação e dada à contemplação, avança pelas estradas do tempo com o olhar fixo na futura recapitulação em Cristo... (cf. *Exortação Apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*, 25-3-1996, n. 59c).

Sem dúvida é uma imensa alegria poder apresentar hoje, neste lugar, o livro que tem como título **A Aliança da Misericórdia divina pela Vida,** da Editora "O Lutador", de Belo Horizonte. A dedicatória explicita porque este lançamento tem lugar neste Mosteiro da Virgem, aqui em Petrópolis. Diz o texto: *Para Irmã Eugênia Teixeira, OSB, cujo Jubileu de Ouro de Profissão Monástica revelou a profundidade da Aliança do Amor, vivida na alegre doação a Deus e aos irmãos ao longo desses 50 anos de vida consagrada.* Madre Eugênia, amiga de muitos anos, tem tudo a ver com o conteúdo deste livro que possui três eixos centrais: trata da **Aliança divina** para conosco, expressão do incomensurável amor de Deus, encontrando na **Misericórdia** sua nota mais característica. Semelhante acercamento do Senhor que se revela simultameamente como o *Pai e Mãe*, tem como objetivo oferecer **Vida** e "vida em abundância", sendo convite à participação da vida plena na comunhão trinitária.

A nossa homenageada encarna bem na sua pessoa a vivência deste mistério de amor que tem em Deus-Pai sua fonte e realização final. Irmã Eugênia vive sua consagração como uma relação amorosa com Aquele que é o Esposo único de seu amor, a razão de sua vida, a plenitude de seus afetos e aspirações mais íntimas. É a experiência de alguém que sabe ser amado por primeiro, por eleição gratuita e totalmente imerecida. Ela respondeu com ge-

nerosidade a este convite "nada antepondo ao amor de Cristo" (São Bento). Sua consagração, realizada na alegria, resultou numa fecundidade espiritual marcada pela bondade, compreensão, doçura e transparência, mas sobretudo, pelo *amor misericordioso*, isto é, o amor de predileção por quem que é frágil, pequeno, pobre, doente e necessitado de cuidados especiais. Adotar como *estilo-de-vida* esta **compaixão,** ou seja, entrar no sofrimento do outro para assumi-lo como próprio, constitui a nota peculiar da "*sequela Christi*", aproximando-nos do próprio coração de Deus. Assim, a Aliança de consagração, revestida de misericórdia, fez nascer a *maternidade espiritual* que gera *vida* para suas coirmãs. Aliás, quantos de nós não experimentaram no contato com a Madre Eugênia esta presença amiga, que não se apossa da pessoa do outro, mas se traduz num diálogo respeitoso, numa aceitação compreensiva, num perdão fraterno? Temos sobejos motivos para agradecer ao Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação" (2Cor 1,3), por esta consagração ao Amor, vivida há 50 anos nas sendas evangélicas traçadas por São Bento.

Entro agora no conteúdo do livro que é dedicado à Madre Eugênia, mas, no fundo, diz respeito a cada um de nós, discípulos(as) de Jesus que juntos formamos o Povo de Deus, com quem o Senhor selou sua Aliança de Amor.

A temática da Aliança é o que há de mais belo e profundo na Sagrada Escritura. Na realidade perpassa todas as páginas da Bíblia. Não se trata tanto de uma *doutrina* mas de uma *experiência vital* do Povo de Deus ao longo de sua milenar história. É Deus que, *movido por misericórdia*, vem ao encontro dos homens e mulheres para "estar com eles", numa relação de amor, a fim de que todos tenham *vida nova* e esta possa transbordar na eternidade feliz. A Aliança constitui o oferecimento gratuito da salvação, dom divino por excelência, que paulatinamente é revelado no decurso da História. Podemos reconhecer as etapas desta Revelação que são ao mesmo tempo o **itinerário da Aliança.**

ABRAÃO é chamado para ser amigo de Javé que o convida a ser *totalmente seu*. Experimenta a proximidade do Senhor que lhe faz uma promessa de vida plena e promissora, expressa em termos de prosperidade material. Ele obedece na fé e, aceitando a oferta divina, torna-se o *pai daqueles que crêem*. Será a patriarca do Povo de Israel. Dá um passo no escuro, confiando plenamente no Senhor que o amou por primeiro e a ele entrega incondicionalmente seu destino.

A partir de Abraão, o Povo de Deus inicia sua caminhada de fé, marcada por altos e baixos, momentos de intensa proximidade e outros de sofrido afastamento. Fidelidade e traição alternam-se na sua trajetória histórica.

Se a Aliança selada com Abraão é unilateral, no sentido de uma iniciativa exclusivamente de Deus, sem ser condicionada por parte do homem, o **PACTO DO SINAI** terá uma feição bilateral, isto é, Javé convida a Israel a ser seu parceiro co-responsável: "Se ouvirdes minha voz e guardardes minha Aliança sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos" (Ex 19,5). De fato, a realização da Aliança dependerá da observância das cláusulas do Pacto. Israel entra numa nova fase de relacionamento com Deus em que se reconhece sua liberdade e participação ativa. Moisés é o intérprete de Javé ao povo e, por sua vez, leva ao conhecimento de Deus as reações de Israel. Sinai representa o ponto alto da Aliança divina, mas, ao mesmo tempo, revela a fragilidade de um Pacto cuja efetivação é condicionada pela fidelidade humana. Na realidade, o Povo Eleito não responde aos desígnios de amor manifestados por Deus. A infidelidade e

traição são constantes e ameaçam o próprio sentido da Aliança sinaítica.

São os **PROFETAS** que denunciam esta situação anômala e anunciam a necessidade de uma nova Aliança. O coração deve ser convertido e nele infundido o espírito do Senhor. As cláusulas do Pacto ou os mandamentos de Javé deixam de ser imperativos que atingem apenas interiormente o povo e, por sua graça, interiozar-se-ão, atingindo o coração tornado agora dócil à observância dos preceitos do Senhor que conduzem à vida. É a misericórdia de Javé que aqui se manifesta numa ternura que comove, revelando também a profundidade do amor divino, todo ele voltado para a vida de seu povo. Os profetas mostram exatamente a transitoriedade da Aliança sinaítica e apontam para a urgência de uma nova Aliança (cf. Jr 31,31).

Em **CRISTO JESUS** esta **NOVA ALIANÇA** torna-se realidade plena e definitiva. No Filho de Deus feito homem, o Pai se acerca da Humanidade, oferecendo-lhe a salvação que é a própria vida divina. Através de seu *sangue*, derramado pela salvação de muitos, Jesus estabelece a Comunhão vital com Deus, realizando assim uma *Aliança melhor*, pela qual, nós, homens e mulheres temos *acesso ao Pai* e podemos entrar na vida trinitária, objeto plenificante do amor, aspiração suprema e derradeira de toda a nossa existência. O que Deus começou misericordiosamente em Abraão, Ele leva a seu cumprimento em Jesus, o Mediador da nova e definitiva Aliança. "Aproximemo-nos, então com segurança do trono da graça para conseguirmos misericórdia e alcançarmos graça, como ajuda oportuna" (Hb 4,16).

A riqueza espiritual da temática da ALIANÇA pode ser aplicada com proveito à vida pessoal de cada um de nós, à própria Comunidade daqueles que crêem no Senhor, como também à Humanidade no seu todo. Estende-se, igualmente, ao Cosmos inteiro como promessa de vida que permanece, sendo esta assumida na plenitude divina. Fascinante itinerário de uma *esperança* que não morre, mas impulsiona dinamicamente a *fé* para vivermos o *amor* como sentido último da nossa existência. A consagração batismal nos introduz vitalmente nessa novidade da Aliança, que tende -- por coerência interna -- a plenificar-se cada vez mais. A Vida Religiosa Consagrada expressa, sob novo título, esta vivência batismal e a leva a uma intensificação amorosa em que Deus se torna tudo em nós. Destarte, a Aliança adquire uma feição pessoal de amor interrelacional que constrói o(a) consagrado(a) a partir de dentro tornando-o(a) inteiramente disponível – a exemplo de Jesus – para a doação de sua vida aos irmãos e irmãs, sem perdê-la, privilegiando nesta oferta gratuita os mais débeis, os menores entre os amigos do Senhor, os excluídos, os doentes de todo gênero e aqueles que sofrem por causa de sua pobreza ou marginalização. Assim, a **Aliança do Amor**, expressão intima do Deus que se doa, é vivida coerentemente na prática da **compaixão-misericórdia**, a serviço da vida para todos e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Que esta experiência central da vida cristã que constitui o coração da Boa-Nova do Reino, seja a força impulsionadora e o constante conforto na vida da nossa Jubilar, sentido de seu caminhar nas estradas do Evangelho, a serviço de sua comunidade monástica e de todos aqueles e aquelas que dela se aproximam para receber direção e consolo espiritual.

Petrópolis, 23 de maio de 1998.

EDUCAÇÃO CRISTÃ NUMA SOCIEDADE NEOLIBERAL

Pe. J. B. Libânio, SJ

Nada tão importante para uma cultura do descartável que recuperar a dimensão da escatologia e da transcendência já presente e atuante na história.

Toca aos economistas discutir em profundidade o modelo neoliberal com suas propostas, impasses, soluções emergenciais e sobretudo suas profundas contradições em relação ao bem comum das maiorias, povos e cidadãos. Numa reflexão pedagógico-teológica, interessa-nos analisar as repercussões culturais de tal modelo.

É conhecida a tese de P. Bourdieu de que a Escola reproduz o sistema (Bourdieu, 1974). O seu papel reprodutivo se manifesta em duas direções. Traz para dentro das relações internas da Escola aquelas que vigem no grande sistema. Desta sorte, o tipo de valores e de dominação predominante no sistema neoliberal se faz presente no interior da Escola.

Um sistema não pode perpetuar-se, se ele não formar seus sujeitos-portadores. A Escola cumpre a função de reproduzir o sistema neoliberal, adaptando os alunos a ele e fazendo-os, hoje, agir segundo suas regras, para amanhã, em cargos mais decisivos, levá-lo à frente.

Evidentemente seria trágico para a Escola se sua função fosse meramente reprodutiva. Entre as relações do sistema maior e as vigentes no seio da Escola intermedia a consciência crítica dos educadores. Aí está sua esperança. Eles podem introduzir, dentro de certos limites, inflexões importantes e decisivas nesse movimento de modo que já se não transmite um sistema rotineiramente, mas criticamente. A transmissão crítica é transformadora, criativa.

Para conseguir-se tal mudança na mera reprodução, cabe aos educadores analisar o mundo de valores que configuram as relações básicas da sociedade neoliberal e interpor aí sua cunha crítica.

1. CRISE OU AUSÊNCIA DE VALORES

O ser humano não pode não viver sem valores (Nogaro, 1997). Desde o momento em que lhe aflorou a racionalidade das brenhas escuras da consciência animal, defronta-se necessariamente com a pergunta pelo sentido, pelo que vale em sua vida. Se chegasse à conclusão da absoluta inexistência de valores, entregar-se-ia a uma vida puramente instintiva, animal, não-humana ou tirar-se-ia a vida, como o caso de tantos suicidas, individuais e coletivos. Ora, se ele continua existindo em consciência e liberdade, já não se pode falar de ausência de valores. A verdadeira pergunta gira em torno de que valores. Portanto, não vivemos uma ausência de valores, mas sim a presença de determinados valores.

A expressão tão repetida de "crise de valores" cai sob ponderação semelhante. De fato, não há "crise de valores", mas de "certos valores". Trata-se, sim, de confronto entre escalas de valores. O termo "crise" pode denunciar o fato da mudança dessa escala de modo que quem estava presente a uma outra, sente escapar-se-lhe o chão dos pés.

Por isso, nossa consideração intenta desvelar a escala de valores que a sociedade moderna e pós-moderna, sob a égide do sistema econômico neoliberal, tem desenvolvido e confrontá-la com valores evangélicos. Poderemos chegar então à conclusão de que um conjunto de valores cristãos estão sendo postos em questão pela atual onda de valores. E nesse contexto, pergunta-se pelo papel da educação cristã.

2. NÚCLEO IRRADIADOR DA SOCIEDADE NEOLIBERAL

Os princípios básicos, que regem o sistema neoliberal, constituem um núcleo ardente de onde se irradiam para o mundo cultural e religioso ondas axiológicas. Defini-lo com concisão pode ajudar-nos a captar suas irradiações.

O neoliberalismo realiza no mundo econômico *o princípio darwiniano* da vitória do mais forte, mais sadio, mais competente, mais modernizado e a morte do fraco, doente, incompetente, atrasado. Os países economicamente sadios crescem, fortalecem-se enquanto os outros minguam. Dentro de cada país, por sua vez, os setores, as empresas, as iniciativas, os grupos, que conseguem um grau maior de sanidade econômica, triunfam. Essa lógica não poupa até mesmo segmentos que outrora foram dominantes, poderosos. Assistimos no Brasil ao colapso de vários banqueiros de alta tradição financeira que não conseguiram manter suas instituições bancárias no nível de sanidade exigido pela saúde econômica mundial. Mesmo na sua riqueza pessoal, são uns alijados do sistema.

Um *segundo princípio* importante consiste em estabelecer o termômetro para medir o grau de sanidade. É o mercado. Sadio economicamente é quem compete eficientemente no mercado. Para isso, terá que produzir todos os ajustes necessários em suas instituições de qualquer natureza que seja. Fracassando nesse ponto, adoece e morre. Quem não triunfa no mercado, está condenado à morte.

Um *terceiro princípio*, conseqüência do anterior, pretende apontar para a doença mais grave que ameaça a sanidade econômica. É o Estado, especialmente o do Bem-estar social, enquanto impede a liberdade do mercado, onera as empresas com impostos. Ele só tem sentido para garantir as regras do livre mercado e tratar das questões que não interessam ao mercado. Como o socialismo se tornara o sistema do poder do Estado, por excelência, é apresentado como inimigo derrotado. Nesse sentido, toca desmontar todo o seu ideário, jogando fora a água suja, a bacia e a criança.

Uma análise de natureza econômica exigiria muito mais rigor e explicitação das afirmações gerais. No entanto, para entender o momento cultural e religioso, julgo suficiente essa breve indicação dos pilares do neoliberalismo.

3. OS VALORES IMPLICADOS NO SISTEMA NEOLIBERAL

A sanidade total

Esse princípio de sanidade econômica implica uma série enorme de decisões a serem tomadas, de atitudes a serem desenvolvidas, de valores a serem vividos. A expressão "qualidade total" traduz muito bem esse comportamento básico, imposto pelo sistema econômico com repercussão em todos os setores da vida humana.

"Qualidade total" compreende um processo complexo. Submete todas as atividade-

des humanas a rigoroso exame para detectar nelas as falhas que impedem um resultado total e perfeito. O pressuposto fundamental é o do perfeccionismo e a rejeição de conviver com qualquer limite superável. O projeto de ser sempre o melhor, o mais eficiente. Nesse sentido, estamos no coração da modernidade, da racionalidade instrumental. Querer sempre o melhor em tudo torna-se a expressão máxima dessa atitude.

A "qualidade total" visa ao rendimento material, ao aumento da lucratividade da empresa e condiciona a isso as melhorias introduzidas nas relações entre as pessoas, nas condições de trabalho, no uso dos mais diversos recursos psicossomáticos. Supera-se uma instrumentalidade puramente tecnológica, como ineficiente, como contrária a uma qualidade total, em benefício da introdução de fatores afetivos, relacionais, estéticos, relaxantes em busca de melhor desempenho global.

A educação vê-se colocada sob esse imperativo. As Escolas ajustam-se a tal procedimento, revendo todos os passos de seu projeto para eliminar todo entrave de um resultado pleno. À primeira vista, parece algo absolutamente aceitável e até desejável. É a famosa excelência tão ambicionada. No entanto, torna-se problemático esse comportamento, quando se pergunta pela natureza dos resultados almejados e pelos meios empregados para tal. Então pode-se levantar suspeita a respeito do sentido de todo esse esforço. A leitura crítica, desde o prisma cristão, pergunta simplesmente pela natureza do "resultado pleno". Que é, na verdade, tal sucesso?

Perspectiva cristã

O questionável da "qualidade total" não é o empenho de obter plenamente os objetivos da Instituição. Mas, é decidir, desde o princípio básico da sanidade econômica e de toda sanidade, a natureza do objetivo almejado.

A Escola de princípios cristãos pode e deve rever os passos de seu caminhar para descobrir os estrangulamentos a fim de conseguir resultados melhores. No entanto, cabe estabelecer com clareza a que tipo de resultado se visa.

Sob o prisma da sanidade, interessa somente trabalhar com os mais sadios para que possam render ainda mais. Mas o Evangelho não ensina a preferência pelos fracos, pequenos, marginalizados, excluídos?

O risco da "qualidade total" é transferir a análise do processo para a natureza do objetivo. Cria-se então um clima em que o valor maior é a "qualidade total". Ela deixa de ser um instrumento de análise para ser o valor central. Viver sob o clima desse valor gera profunda desumanização num duplo sentido.

Antes de tudo, porque reduz a humanidade aos sadios. Em segundo lugar, termina por ser um peso exagerado sobre os próprios sadios que se desgastam psíquica e espiritualmente. Contaminam-se com a febre da razão moderna instrumental, esquecendo o continente da razão comunicativa gratuita.

Mercado e transitoriedade do produto

Em termos culturais e de valor, que significa na educação o império do princípio neoliberal da centralidade absoluta do mercado? Os valores, que emergem desse fator primordial do sistema econômico, são competitividade, eficiência e modernização. Mercado significa produzir e vender com tal eficiência que consiga vencer todas as concorrências. Para isso, requer-se que se insira totalmente no processo contínuo de modernização. Nesse sentido, tudo o que torna uma realidade mais eficiente e portanto mais competitiva é um valor. E, por sua vez, a inovação tecnológica e gerencial, ao lado de uma mão de obra reduzida e competente, é a garantia absoluta do êxito.

Em nível cultural, esse processo provoca uma percepção de fugacidade, de instabilidade, de transitoriedade de tudo. Os bens materiais duram pouco. As inovações tecnológicas são para pouco tempo, já que no horizonte se delineiam sempre outras novas. Cria-se assim uma cultura da provisoriedade. Esta, ao definir as regras do convívio humano, transforma todas as nossas relações em provisórias, sem consistência, sem compromisso, sem definitividade. O jovem já não namora sério, "fica". Ela oferece uma representação da realidade "em que tudo o que é sólido desmancha no ar" (Berman, 1987).

Os símbolos da transitoriedade multiplicam-se. Mediatizam a realidade para as pessoas de modo que estas a percebem sob esse ângulo. Estabelece-se uma lógica de sentidos, que tornam possíveis e compreensíveis as condutas sociais e suas interpretações a partir dessa inconsistência cultural, que afeta os valores.

A cultura da transitoriedade oferece um novo arranjo aos elementos da vida das pessoas de maneira que elas subestimam os compromissos definitivos. Se se lhes exige uma expressão verbal de tal caráter definitivo, dificilmente elas conseguem interiorizá-lo. Cria-se uma defasagem entre o discurso e a prática. Isso aparece, entre outros casos, no compromisso matrimonial que na versão católica sacramental é definitivo, mas que cada vez mais é relativizado pelo crescimento estatístico dos divórcios. Desta sorte, a cultura da transitoriedade está imponto sua lógica na vida social, sendo assim a sua forma real e dinâmica.

Esse mundo, em que tudo é provisório, constitui, como pano de fundo normalmente não tematizado, o espaço para nossas ações propriamente humanas, realizadas no horizonte do sentido. Por isso, ninguém estranha que as pessoas modifiquem freqüentemente decisões, antes tidas, como irrevogáveis.

Perspectiva cristã

A fé cristã levanta séria crítica a tal traço cultural, ao afirmar a característica escatológica da existência humana. Com isso, não quer simplesmente apontar para uma vida para além da morte, mas sim relacioná-la com a vida presente, que adquire dessa maneira um caráter de definitividade.

Não é pensável uma educação cristã, feita puramente de provisoriedade. Confunde-se o caráter histórico da vida humana com historicismo. Este afirma unicamente o elemento de transitoriedade, enquanto a história é, ao mesmo tempo, sucessão e continuidade, caducidade e perpetuidade. O puro presente, o puro transitório não é histórico. Ao querer-se superar um dogmatismo a-histórico, tem-se caído num positivismo histórico sem consistência, totalmente preso ao aqui e agora. Em cada momento presente, o ser humano experimenta algo de definitivo, de transcendente, de para-além-da-morte. Sem cair num moralismo e dogmatismo fixista, cabe ao educador preparar os alunos para captar e vivenciar essa dimensão. O agir cristão joga com a dupla luz do presente valorizado pela Encarnação do Divino e do futuro aberto pela Ressurreição. Entre o Encarnado e o Ressuscitado há uma identidade de pessoa. Entre nossa história e a eternidade há um traço de continuidade e simultaneidade de modo que o presente adquire valor transcendente.

Nada tão importante para uma cultura do descartável, do provisório que recuperar a dimensão da escatologia e de Transcendência, não vinda de fora e extrinsecamente, mas já presente e atuante na história.

O mercado e a modernização tecnológica

A centralidade do mercado implica também outros traços axiológicos. A modernização impõe-se como imperativo incontornável. Ela, por sua vez, traduz um processo de adap-

tação das instituições às rápidas transformações comandadas pelo crescente acervo de conhecimento dinamicamente traduzido em tecnologia (Azevedo, 1981, p. 14s). Nesse movimento, constituem-se valores, tanto a adaptação ao vertiginoso ritmo de mudança, como os conhecimentos tecnológicos.

A cultura cria um entendimento intercomunicativo entre as pessoas de maneira que as afirmações se tornam inteligíveis e algumas atingem o nível do óbvio. Entre elas, está a naturalidade positiva do desenvolvimento tecnológico. É passaporte garantido para atravessar as fronteiras das nações, das classes, das mentes e corações. As feiras de novos produtos atraem milhares e milhões de consumidores, desejosos de ver e possuir as invenções mais sofisticadas da microeletrônica e afins. Ninguém se pergunta pelo custo social de tais descobertas. Nem a pergunta inocente de por que não investir tanto cérebro e capital em outros campos mais urgentes e abrangentes da saúde pública, da habitação popular, do transporte coletivo, da educação básica, da alimentação dos continentes e países famintos.

A sofisticação tecnológica pertence hoje ao reservatório de evidências que se tornou o chão familiar não questionado em que todas as inovações adquirem significado, enquanto outros tipos de investimentos e interesses encontram a inércia da modernidade avançada. Este fundo de certezas inabaláveis, de natureza pré-reflexiva, em que se radica o consenso das pessoas não se deixa facilmente abalar.

É, pois, tarefa da educação ir modificando criticamente esse modo de pensar, viver, comunicar-se, espontâneo e natural, em que o critério da modernização eficiente, do processo sem limite, das inovações sofisticadas se impõe sobre as decisões políticas em todos os níveis.

Paulo VI alertou para a confusão fácil entre desenvolvimento tecnológico e crescimento humano. Ele, ao introduzir o conceito de desenvolvimento integral, quis precisamente evitar tal equívoco. "O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo" (Paulo VI, 1979, n. 14). E a pós-modernidade assesta precisamente suas baterias contra tal identificação, ao questionar o mito do processo.

Mercado existe, cresce pelo força da concorrência, da competição, da disputa dos mesmos espaços. Sua seiva é a competitividade eficiente. Deixa de ser simples mecanismo econômico e transforma-se em cultura no momento em que se transforma em teia de símbolos e sentidos com que se representa a vida. Arvora-se em verdadeira crença, código de convivência familiar e comunitária. Comanda técnicas e estratégias de reprodução e produção do trabalho (Brandão, 1990).

A competitividade encontra ampla ressonância por diversas razões. Lança sua raiz profunda na nossa própria animalidade. O poeta latino Plauto já nos advertia "para precaver-nos do homem como de um lobo". Idéia que depois Hobbes retoma e imortaliza-a. A violência do "homo sapiens", verdadeiro "homo destruens", contra seu semelhante é, sem dúvida, o pecado original da humanidade. A cultura, que deveria ser uma humanização da animalidade violenta do ser humano, potencializou-a, acirrando a disputa, a concorrência, e dotando-o de meios de alto potencial mortífero.

Nos anos do governo militar, imperou a Ideologia da Segurança Nacional. Os seus estudiosos mostraram como propugnava a "guerra total", tendo no horizonte o inimigo maior e comum do comunismo mundial. O seu binômio interpretativo da história humana era amigo-inimigo. Todo ser humano, todo grupo humano, toda raça, toda classe, etc. ou é inimigo ou amigo. Com os amigos, aliança. Contra os inimigos, a guerra. E como ele se infiltra por todas as par-

tes, esta tem de ser total sob quatro sentidos: mobiliza todos os cidadãos com todos os seus recursos, todos os países e nações estão envolvidos, todas as atividades humanas são, em última análise, ações de guerra e já não há diferença entre tempo de paz e de guerra (Comblin, 1973).

Já sem esse duplo condicionamento do regime militar e da onipresença ameaçadora do comunismo, o discurso da "guerra total" continua em outro registro. De fato, "estamos engajados numa guerra tecnológica, industrial e econômica em escala mundial. O objetivo é sobreviver, não se deixar matar. A sobrevivência passa pela competitividade" (Neutzling, 1996, p.28).

A Escola, envolvida pela cultura da competição, constitui-se arena em que os alunos disputam notas, premiações, resultados. Nem faltaram casos, em que os educadores, lúcidos e conscientes, tentaram trabalhos coletivos e solidários, e então esbarraram com protesto formal dos pais. Julgaram serem seus filhos prejudicados e lesados, ao terem de ajudar colegas mais fracos e ao participarem de seus insucessos escolares.

Perspectiva cristã da cultura da solidariedade

Se a cultura é da competição, não há outro caminho que criar a cultura da solidariedade. De novo, se é cultura, a solidariedade deve tecer nossas relações, dar sentido ao nosso agir, gestar um horizonte simbólico em que tudo que é solidário se torna plausível e a falta de solidariedade anômica. Mudar a cultura da competitividade para a da solidariedade implica desfazer as estruturas de plausibilidade que justificam e protegem a lógica de guerra entre as pessoas, deslegitimando-as como caóticas, sem sentido, desumanizantes. E, pelo contrário, instituir a solidariedade como "nómos", ponto referencial de significado para nossas condutas humanas.

A Escola é convidada a ser, juntamente com a família, o laboratório vivo desse duplo movimento de desfazimento da competitividade e de criação de clima, espírito, ambiente de solidariedade.

A morte do social e o império do individualismo

O neoliberalismo, propugnado nos seus inícios, pelo par Mrs. Thatcher e R. Reagan, desfechou o golpe de morte econômica no sistema socialista vigente na União Soviética e nos países do Leste Europeu. Sobre o cadáver econômico, ficou fácil prosseguir a tarefa necrófila em relação a todo ideário socialista. Aproveitou-se, portanto, da derrocada econômica do socialismo para livrar-se de qualquer resquício da tradição socialista. O neoliberalismo arvora-se em única ideologia legítima e triunfante, selando o fim da guerra fria, não por armistício ou acordo de paz, mas simplesmente por "falta de um dos combatentes".

Tal vitória ideológica vestiu-se até mesmo de uma dimensão messiânico-escatológica. "A última batalha contra o poder arbitrário está diante de nós. É a luta contra o socialismo, a luta para abolir todo poder coercitivo que pretenda dirigir os esforços individuais e distribuir deliberadamente os seus resultados" (Hinkelammert, 1996, p. 791). Evidentemente o grande messias do neoliberalismo é o mercado irrestrito (Assmann, 1994, p. 18).

Uma primeira conseqüência grave do colapso do socialismo e do império da ideologia neoliberal é a morte do social, do compromisso, como marco fundamental dessa pós-modernidade emergente. O socialismo era um freio que impedia o processo individualizante da modernidade tornar-se absolutamente avassalador. Ao romper-se, já nada impede que o individualismo assuma alta aceleração no plano inclinado da cultura moderna e pós-moderna. Mrs.

Thatcher formulou apodícticamente. "Não há sociedade, só há indivíduos e famílias".

Há muitas maneiras de analisar o movimento da modernidade. Uns centram-no na razão científica, iluminista, instrumental. A ideologia do racionalismo comanda o processo do Ocidente (Taylor, 1994). Outros focalizam o indivíduo. A ideologia moderna é identificada com o individualismo (Dumont, 1985, p. 21). Em todo caso, a base do conjunto de traços da modernidade é o antropocentrismo (Mac Dowell, s/d).

Em oposição às culturais tradicionais, à cristandade medieval, a modernidade estabelece a ideologia do individualismo, ao considerar o indivíduo como "realidade primeira", "valor supremo" a partir do qual se entende, se valora, se explica qualquer vínculo social.

O efeito-demonstração do socialismo provocava críticas e suspeitas contra essa centralidade do indivíduo. Por isso, o capitalismo por pressão das lutas sociais dos operários, pela presença dos partidos socialistas e comunistas em seus países, por reivindicação de amplos setores cristãos respaldados no Ensinamento Social da Igreja, viu-se obrigado a mitigar seu individualismo exacerbado. Agora, essas pressões, se não cessaram totalmente, perderam muito de sua força. E o individualismo campeia sem freios.

Uma pesquisa da Revista Isto É (1993) revela como uma mentalidade alheia ao social triunfa nos setores das classe A e B da juventude paulista. É a geração 90 que não quer mudar o mundo, mas viver bem, muito prazer dentro do capitalismo, respeitando a família e a propriedade. "A vida é um interminável videoclipe, uma mistura alucinante de dinheiro, sucesso e fama com uma pitada de romantismo e quase que nenhum idealismo". "É a primeira geração pronta para viver sem culpa. Ela não quer romper com nada nem criar novos padrões", comenta o publicitário Jaime Troiano, 45, diretor da agência que coordenou a pesquisa. Sem conflito existencial, mais superficial, hiperativa, pouco rebelde, irreverente e contestadora da hierarquia, acrescenta o pedagogo Sílvio Bock, 40. A Escola ideal é a que dá liberdade de opinião em que os alunos são ouvidos e respeitados e por isso, ouvem e respeitam. Sem patrulhamento, cada um seja o que quiser. Mesmo as manifestações políticas de que participam não revelam necessariamente um compromisso social, mas exprimem razões diversas: curiosidades, fazer bagunça, acompanhar amigos, matar aula, fazer um programa diferente, ver-se envolvido por um acontecimento maior, ter sido estimulado pela TV, etc..

Os juízos sobre tal comportamento variam. O psicólogo romeno naturalizado Haim Grünspu, 65, acha que o Brasil deve ficar muito satisfeito com esta geração pós-Muro de Berlim. "Afinal, estes jovens têm ambição E querem fazer sucesso, sonhos que mostram que eles não estão perdidos, sem valores". A entrevista prossegue. É uma geração que vive mais saudável a adolescência. "Eles não se sentem responsáveis pela miséria social, não se angustiam por não responder às expectativas dos pais. Vivem a própria vida e pronto". "Não seguem gurus, apenas modelos por que pautam as aspirações. Modelos que se encaixam no perfil que eles traçam de si e nos sonhos para o futuro, tais como Airton Senna, Xuxa. Em Senna, os rapazes vêem quem foi rico, arrojado, conhecido, reverenciado internacionalmente. Xuxa é para as meninas alguém rica, famosa, bonita. Santiago, 17, filho do governador A. Britto, define: "Ser feliz é ganhar muito dinheiro na profissão escolhida".

Esses poucos testemunhos, posto sejam de uma camada social de São Paulo, podem refletir um universo maior da juventude de hoje. Predomina um clima de distância do compromisso social e de preocupações narcisistas.

A morte da utopia

Em íntima ligação com essa temática social, está a questão da morte da utopia. H. Marcuse já aspirava ares de cepticismo em relação a criar uma sociedade diferente da que se construía na seqüência das inovações tecnológicas, anunciando no final da década de 60 a morte da utopia (Marcuse, 1967). Todos os sonhos humanos se situam na prolongação das possibilidades científicas da modernidade. Não se necessita criar um "não-lugar", pois tudo já se tornou lugar. Que terrível ilusão!

Maio 1968 na França tentou desfazer, ironicamente na esteira do mesmo filósofo alemão, essa perspectiva letal da utopia, pensando numa sociedade sob o lema: "C'est défendu, défendre" – É proibido, proibir. Outra dolorosa ilusão!

Pesaram nas décadas seguintes sobre o mundo as terríveis proibições dos regimes militares, das repressões sangrentas, da luta armada em muitos países. Alguns anos depois, iniciaria a era da Dama de Ferro (1979-1991) na Inglaterra e de Ronald Reagan nos Estados Unidos (1981-1988) que travaram a batalha final contra o mundo socialista e implantaram em seus países as medidas neoliberais. Na Inglaterra, reprimiram-se os movimentos trabalhistas, quebrando-se-lhes a coluna vertebral.

A seu modo, F. Fukuyama anunciou também a mote de toda utopia, ao afirmar que "a democracia liberal pode constituir o 'ponto final da evolução ideológica da humanidade' e 'a forma final de governo humano', e como tal, constitui 'fim da história'" (F. Fukuyama, 1992, p. 11).

A queda do socialismo, que agitara para os países em desenvolvimento a bandeira da libertação do capitalismo selvagem e a passagem para uma sociedade igualitária, fraterna e justa, tornou-se duro golpe para a utopia das esquerdas.

E no próprio coração da Igreja, a primavera anunciada pelo Concílio Vaticano II parece caminhar, contra toda meteorologia, não para o verão da vida mas para o inverno do recuo, do medo, da falta de perspectiva futura (Rahner, 1983, p. 17s).

E uma última onda, pós-moderna, pôs uma pá de cal no túmulo das utopias. Este é um momento histórico que nasce da dor, ou, pelo menos, da decepção de um "desejo louco e convencido da mudança histórica total, que nos movia há alguns anos, e que foi bandeira da Modernidade". Vive-se "uma experiência e estado de ânimo" do fracasso das utopias, dos mitos, dos desejos da Modernidade (González Faus, 1996, p. 9). Chega-se à conclusão da Revolução impossível. E na origem de toda revolução existe uma utopia, que se tornou, portanto, impossível.

Perspectiva cristã social e utópica

A Escola cristã é chamada a criar um clima social em contraposição ao individualismo dominante. Sem compromisso com as causas sociais fundamentais da vida, nenhuma sociedade encontrará seu rumo. Cava seu túmulo.

O caminho da pura militância parece fechado. Cabe então à educação cristã tentar articular a dimensão social e utópica com o surto de espiritualidade, de mística. É inegável o fato da força neopentecostal. H. Cox, o escritor da Cidade do Homem (Cox, 1968), considera essa onda espiritualista pentecostal fato de imensa importância para entender o momento atual (Cox, 1996). Tudo leva a crer que está em movimento de ascensão em todas as religiões.

Há, de fato, analisa o sociólogo português Boaventura Santos (Santos, 1995, p. 102), duas vertentes da pós-modernidade. Uma se mostra **satisfeita com a modernidade**, celebra-lhe as conquistas no conformismo. É o festejo da alienação. Convive até mesmo com uma irracionalidade global, desde que se ancore em mini-racionalidades que se sucedem

e justificam os momentos presentes da vida. Por esse lado, não há nada que esperar no campo social e da utopia. Nessa vertente, a espiritualidade veste-se da roupagem do consolo, do lenitivo, mas nunca da pergunta, da conversão, da mudança.

A outra vertente é uma **pós-modernidade inquietante, de oposição e da resistência.** A modernidade prometeu "liberdade, igualdade e fraternidade", a felicidade da vitória sobre a natureza, a emancipação das peias do Estado Absolutista, das Tradições pesadas e da Religião opressora. E apresenta resultados pífios. Nunca tanta desigualdade social. A fraternidade não levantou vôo, atada pelas cadeias do individualismo. A liberdade é combatida subliminarmente por propagandas que levam as pessoas compulsivamente a desejarem o antes desejado pelos anunciadores. A felicidade se alimenta de prosak ou exctasy. As tradições desfeitas deixam as pessoas perdidas num oceano de propostas, de pluralismo estonteante. A natureza dominada reclama, vinga-se com os custos ecológicos. Enfim, é uma modernidade que naufraga.

Diante dos monstrengos que ela criou, desde Auschwitz até os gigantescos shopping-centers, a onda espiritualista, com traços utópicos, afirma a primazia do sentido sobre a coisa, do espírito enquanto relação com o mundo dos irmãos e divino sobre a produção, do encontro profundo consigo na contemplação sobre o ativismo frenético, da sobriedade sobre o consumismo desvairado, da esperança sobre o conformismo.

"O futuro prometido pela modernidade não tem, de fato, futuro" (Santos, 1995, p. 322), porque descrê dele a maioria dos povos da periferia do sistema mundial. Recusaram-se-lhes outros futuros menos brilhantes, mais próximos do passado, mas com subsistência comunitária e relação equilibrada com a natureza, agora tão precárias. Também ajuntam-se aos descontentes com a modernidade largos setores dos povos do centro por causa dos seus riscos ilimitados, especialmente ecológicos, que ameaçam a sobrevivência da humanidade.

O caminho é reinventar o futuro, abrir novo horizonte de possibilidades, na esteira dos movimentos religiosos, ecológico, pacificista, feminista, étnico-culturais, ético-políticos, etc. É momento de busca, mas de perspectiva.

Que seria uma educação na perspectiva utópica? Paulo Freire, no final de sua trajetória histórica, depois da Pedagogia do Oprimido, deixa-nos a Pedagogia da Esperança (Freire, 1992) precisamente no momento da "democratização da sem-vergonhice que vem tomando conta do país" (Freire, 1992, p. 10). A esperança é uma "necessidade ontológica", comenta o autor. Os caminhos devem ser abertos entre os sectarismos fundados nas verdades universais e únicas e as acomodações pragmáticas aos fatos (id., p. 51).

"A utopia é exploração de novas possibilidades e vontades humanas por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar" (Santos, 1995, p. 323).

A dificuldade de pensar uma utopia é a mesma de um técnico que quer mudar um time que está vencendo. Receberá apupos da torcida. O neoliberalismo na sua face econômica venceu o socialismo. Nem se pode dizer que está vencendo, porque não tem adversários. A economia vai bem. O sistema geral vai mal.

O "bem" radica-se na abundância crescente dos bens produzidos, cada vez mais sofisticados. O "mal" vem da crise de sentido de uma humanidade afogada no materialismo e consumismo, do anonimato, o império absoluto da razão instrumental às custas da razão comunicativa, da geração de inúmeras irracionalidades que se visibilizam no tráfego, na moradia, na alimentação, no

descanso, etc. E muitas delas ameaçam crescer a ponto de tornar-se um problema sem solução.

A Escola pode ensaiar a sociedade alternativa a partir da mudança das relações em todos os níveis. Inspirada na ecologia e espiritualidade cósmica, o aluno pode ser introduzido numa perspectiva holística em contraposição ao antropocentrismo e individualismo imperantes. A partir de um primeiro passo, mais facilmente captável, da ecologia ambiental, pode-se caminhar até uma ecologia social, mental, espiritual. A defesa e conservação da natureza é apenas um início do despertar respeitoso diante da natureza até compreender-se, como ser humano, em profunda harmonia com todo o cosmos. Nós somos parte dele, ele parte de nós (Boff, 1993, p. 10-17).

As relações podem ampliar-se no sentido horizontal da igualdade, superando o cancro da mentalidade machista, racista, elitista, classista, bairrista. Quanto campo para uma nova consciência planetária para além das raças, das classes, das culturas, das regiões!

Em relação a si mesmo, a educação defronta-se com a fragmentação do Eu. O homem e a mulher modernos, trabalhados pelas análises psicanalíticas, percebem-se profundamente segmentados. Quem decide? Eu? O inconsciente? O superego fiscalizador? O id enganador?

Uma relação de maior harmonia consigo está na mira da espiritualidade atual com auxílio da psicologia, de práticas orientais, de exercícios pranaterapêuticos, de música "new age", etc. Em todas essas práticas, há uma autêntica crítica à modernidade prometeica pelo incentivo à gratuidade, à liberdade interior, à pacificação do espírito.

Uma Escola cristã pode ser capaz de provocar deslocamento significativo nas relações da mística atual com a Transcendência. Na Alemanha, escrevia-se nos muros: *"Gott Nein! Religion ja!"* Essa espiritualidade religiosa sem Deus, sem contornos, sem compromisso, sem conversão, aliena. Para o Cristianismo, Deus é comunidade. "No princípio está a comunhão dos Três, não a solidão do Um" (Boff, 1988, p. 23). Criados pela comunidade trinitária, só podemos entender-nos como seres humanos em comunhão. Com a própria Trindade. Com os demais. E esta comunhão hoje estende-se a dimensões planetárias.

Dessa maneira, a dimensão social e espiritual não só não se opõem, mas podem construir um projeto unificado alternativo, utópico. Cada vez se torna mais claro que a solidariedade social implica uma solidariedade cósmica e vice-versa. E, por sua vez, uma comunhão religiosa tem possibilidades inéditas de construir a solidariedade humana.

CONCLUSÃO

Concluo aludindo ao Projeto de Ética Mundial (Küng, 1992) em que se encara o problema da paz mundial. Paz hoje significa sobrevivência de toda a humanidade. Guerra pode significar um Harmaguedon apocalíptico. O Projeto de Ética Mundial estabelece o primado da Paz. "Não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões". E as religiões terão papel fundamental na sua construção. Uma Escola cristã situa-se, portanto, nessa perspectiva de Paz por meio do diálogo ecumênico e inter-religioso.

BIBLIOGRAFIA

P. Bourdieu – J. Cl. Passeron, *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Rio, Francisco Alves, 1974.

A. Nogaro, "Crise de valores" ou Ausência de Educação Ética, *in Revista Filosofazer*, Passo Fundo, 16 (1997/1) n. 10: 21-34.

M. Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*, São Paulo, Companhia de Letras, 1987.

M. Azevedo, *Modernidade e cristianismo. O desafio à inculturação*, São Paulo, Loyola, 1981: 14s.
J. Comblin, *A Ideologia da Segurança Nacional. O poder militar na América Latina*, Rio, Civilização Brasileira, 1973.
I. Neutzling, "A construção da fraternidade e da solidariedade. Notas sobre a contribuição do serviço presbiteral na criação de uma cultura da solidariedade", in *Vida Pastoral* 37 (1996) n. 186: 27-32.
H. Assmann, *Crítica à lógica da exclusão. Ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo, Paulus, 1994.
F. Hayek, "El ideal democrático y la contención del poder," *Estudios Públicos*, n. 1, dez 1980, Santiago do Chile, p. 74: cit. (Hinkelammert, 1994, p. 791).
F. Hinkelammert, "O cativeiro da Utopia. As utopias conservadoras do capitalismo atual, o neoliberalismo e o espaço para alternativas", in *REB* 54 (1994): 787-819.
Paulo VI, *O desenvolvimento dos povos. Carta Encíclica Populorum Progressio*, Petrópolis, Vozes 1979. Documentos Pontifícios, n. 165.
L. Dumont, *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rio, Rocco, 1985.
J. A. MacDowell, *O impacto da modernidade sobre a cultura brasileira*, mimeo, Rio, Centro João XXIII, s/d.
ISTO É: 21 abril de 1993/n. 1229, pp. 34-6.
H. Marcuse, *Das Ende der Utopie*, Berlin, Peter von Maikowski, 1967, trad. bras. Rio, Paz e Terra.
C. Brandão: *O trabalhador de saber*, São Paulo, FTD, 1990.
K. Rahner, "L'hivers de l'Eglise", in *ICI* n. 585 (15 abril 1983): 17ss.
H. Cox, *A cidade do homem*, trad. bras., Rio, Paz e Terra, 1968.
B. de Sousa Santos, *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 1995.
P. Freire, *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1992.
H. Cox, *Fire from Heaven: The rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century*, Addison-Wesley, 1996.
L. Boff, *Ecologia, a mundialização, espiritualidade. A emergência de um novo paradigma*, São Paulo, Ática, 1993.
L. Boff, *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, São Paulo, Vozes, 1988.
Ch. Taylor, *Le Malaise de la Modernité*, Paris, Cerf, 1994.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Você e sua comunidade têm total consciência de que a função da Escola já não pode ser meramente reprodutiva, que a transmissão deve ser crítica, transformadora e criativa?
2. Dentro deste processo da "qualidade total" você e sua comunidade estão atentos aos princípios que nos ensinam a preferência pelos fracos, pequenos, marginalizados, excluídos?
3. O que fazer para mudar em nossas Escolas a cultura da competitividade em cultura de solidariedade?

OS DESAFIOS QUE A ATUAL SITUAÇÃO NACIONAL E ECLESIAL APRESENTAM PARA O NOSSO APOSTOLADO*

ALGUMAS REFLEXÕES

Pe. Francisco Ivern, SJ
Rio de Janeiro, RJ

Nossa política não pode ser de anonimato e indefinição. Ela exige identidade clara e bem definida. Hoje quem não se define, morre.

INTRODUÇÃO

"Algumas reflexões", porque não se trata de nenhuma análise científica da atual conjuntura, quer nacional quer eclesial, nem sequer de um comentário documentado com dados e fatos recentes, sobre a situação do Brasil e da Igreja nos dias de hoje. São reflexões baseadas no conhecimento que, de algum modo, todos temos da situação atual, mas que se esforçam para sublinhar os desafios que essa situação apresenta para a Companhia de Jesus e para cada um de nós, como membros de uma ordem religiosa eminentemente apostólica ou evangelizadora.

São desafios que tentarei apresentar em termos dos valores evangélicos e de inspiração cristã e da possibilidade, capacidade ou meios que nós temos atualmente para responder a esses desafios. São desafios que se apresentam já hoje, mas que adquirem cada dia maior significado e gravidade. Essa breve apresentação é um convite para olharmos para o futuro e prever aonde a situação atual vai nos levar se não corrigirmos o curso das atuais tendências.

SITUAÇÃO NACIONAL

Os benefícios ou vantagens da atual política governamental e, mais concretamente, do chamado "Plano Real" não podem ser negados, nem ignorados: benefícios e vantagens em termos de uma menor inflação; de uma maior estabilidade monetária; de uma libertação progressiva do Estado de tarefas que não lhe competem; de um mercado mais livre e competidor, tanto no âmbito nacional, como regional (Mercosul) e mundial. Também é inegável o crescimento progressivo, durante os últimos decênios, da consciência social do povo diante da corrupção e ineficiência dos

* Trata-se de um texto dirigido aos Jesuítas, mas que consideramos totalmente válido para a Vida Religiosa na sua globalidade e, por isso, o publicamos aqui.

poderes e organismos públicos e, em geral, diante da injustiça social. Tampouco podem ser ignoradas as vantagens que o progresso científico e tecnológico, não apenas no campo das comunicações, mas também em outras áreas, tem trazido para a humanidade, mas também para o Brasil.

Como sabemos, tanto a atual política do governo, como o "Plano Real", fazem parte de uma política global e globalizante de inspiração liberal e que hoje tem características comuns a todos os países onde ela se aplica e que chamamos de "neoliberal" ou de "neoliberalismo" para indicar o sistema no qual essa política se inspira. Esse tema foi objeto da carta que os provinciais de América Latina escreveram em novembro de 1996.

Nessa carta, ao lado dos benefícios e vantagens do sistema neoliberal, também aparecem as suas grandes desvantagens e limitações. Algumas delas não podem ser atribuídas diretamente a esse sistema, já que o precedem e constituem deficiências crônicas e antigas da nossa cultura latino-americana, na esfera socioeconômica e sociopolítica. Por outro lado, o sistema neoliberal não parece dedicar à correção dessas deficiências a prioridade, atenção e recursos que poderia e deveria e, às vezes, até contribui para acentuar esses problemas. Em um país como o Brasil, em que o ritmo do crescimento demográfico, apesar de ter substancialmente diminuído nesses últimos anos, continua elevado, não fazer nada, fazer pouco ou não fazer o suficiente para diminuir problemas como os da moradia, da saúde, da educação básica, da segurança, da terra, dos baixos níveis salariais da maioria da população, etc., significa aumentar a sua extensão e gravidade.

Por outro lado, não seria sábio nem prudente focalizarmos apenas ou principalmente os sintomas e manifestações, no plano socioeconômico e sociopolítico, de males mais profundos: isto é, atacarmos os efeitos, negligenciando as causas; concentrarmos a nossa atenção nos frutos amargos, ignorando a árvore que os produz e as suas raízes. A principal mensagem da carta dos Provinciais sobre o neoliberalismo e dos decretos da CG 34 sobre a missão, é que para nós nem o combate dos males contemporâneos, nem a promoção da justiça, podem se reduzir a uma simples luta pelos direitos humanos, quer civis ou políticos, quer sociais ou econômicos, mas tem de ser avaliada, sobretudo, em termos dos nossos esforços para mudar uma escala de valores que está à base desses males e não condiz com a concepção cristã da pessoa humana e da sociedade: isto é, em termos dos nossos esforços para mudar as prioridades que condicionam a nossa vida individual e coletiva, que inspiram e animam a cultura ambiente, global e globalizante, na qual vivemos imersos ou submersos.

Um exemplo dessa inversão de valores é o mercado. O problema com a economia de mercado não é porque o mercado seja em si ruim ou inútil, senão porque este mercado — instrumento ou meio praticamente necessário para o funcionamento da economia e que, com freqüência, tem trazido e traz inegáveis vantagens para a população — funciona hoje inspirado e motivado pelas prioridades e valores de uma sociedade que subordina o social, o cultural e o político aos interesses econômicos. Vivemos em sociedades que vivem e funcionam em função desse mercado e não do ser humano e do seu desenvolvimento integral e harmônico. Vivemos em sociedades cujo objetivo prioritário não é a qualidade das relações humanas, baseadas no amor, na solidariedade e a partilha, mas no simples bem-estar material; nas quais os interesses individuais têm prioridade sobre os interesses sociais ou sobre o bem comum e, em particular, sobre o bem dos mais fracos, dos mais pobres e necessitados.

Os graves problemas que mencionávamos antes e que afetam negativamente amplos setores da nossa população (salários baixos, falta de educação básica, de saúde e moradia...), não são tanto as causas quanto os efeitos de sistemas e políticas baseados

numa escala equivocada de valores: valores ou contravalores enraizados no substrato cultural da nossa sociedade e, às vezes, até no modo alienado e alienante como as pessoas compreendem, interpretam e vivem a sua fé. Essa é a mensagem profunda de uma missão evangelizadora definida em termos de justiça, cultura e religião, como o faz a CG 34 anos nos seus decretos.

Focalizar apenas os efeitos ou sintomas, sem atacar as causas mais profundas dos problemas que nos afligem, não seria apenas pouco sábio ou prudente, mas até perigoso. Perigoso porque poderíamos, sem pretendê-lo, perpetuar as causas dos males que queremos combater. Não podemos excluir a possibilidade – e em numerosos países essa possibilidade se realiza, pelo menos em parte – que o atual sistema socioeconômico e sociopolítico contribua aos poucos a reduzir, senão a concentração da renda – muito pronunciada no Brasil, mas crescente praticamente em todos os países do mundo – pelo menos a pobreza. Naturalmente que a crescente concentração da renda não pode ser pacificamente aceita e está relacionada com pobreza, mas não de tal modo que uma maior concentração implique também e necessariamente uma pobreza maior. Há vários indicadores que mostram que, em muitos países, apesar de todos os problemas e dificuldades, ao mesmo tempo que aumenta a concentração da renda, os níveis de pobreza diminuem. Mesmo no Brasil, estatísticas recentes revelam que a renda familiar cresceu nos últimos anos e que a porcentagem das pessoas vivendo, por exemplo, com um, dois ou três salários mínimos tende a diminuir.

Sei que há diversidade de opiniões sobre esse ponto, porque é um problema complexo. Ao mesmo tempo que melhoram as condições econômicas de alguns grupos da população, pioram as de outros e aparecem novos "bolsões" de pobreza. Em muitos setores da nossa sociedade, os níveis de consumo, as aspirações e expectativas das diversas classes sociais, incluindo as classes trabalhadoras, crescem ou se orientam em outras direções que não são as tradicionais. Há famílias bem pobres, por exemplo, que preferem comprar uma TV a cores, um videocassete e uma antena parabólica, a investir em alimentação ou vestuário. O número elevado de parabólicas nas favelas revela isso.

O que desejo sublinhar, porém, e que não depende de estatísticas, é que a existência da pobreza generalizada não é para nós o único critério para julgar ou avaliar do ponto de vista cristão, uma determinada sociedade. Com freqüência, a pobreza diminui, mas paga-se um preço elevado por isso, em termos de outros valores essenciais para o bem-estar humano, social e espiritual, de uma determinada sociedade. Temos abundantes exemplos disso nos países supostamente avançados ou desenvolvidos. Nesses países, alguns dos problemas sociais que nós ainda enfrentamos foram em parte resolvidos, mas outros surgem, ainda mais graves, porque afetam não simplesmente o corpo, mas o espírito das pessoas e das nações: droga, violência, imoralidade, materialismo e consumismo desenfreados, insatisfação generalizada, em particular, entre os jovens, etc. A nossa crítica do sistema econômico liberal ou neoliberal continuaria, mesmo se esse sistema conseguir suprimir ou diminuir substancialmente os níveis de pobreza.

Essa visão da problemática contemporânea em termos de valores não apenas de ordem "social" (socioeconômica e sociopolítica), mas também sociocultural e sócio-religiosa, permite uma abordagem interdisciplinar e uma interação e mobilização dos diversos setores apostólicos nos quais trabalhamos. Isso não era possível ou muito difícil quando a nossa missão era definida ou compreendida simplesmente em termos da promoção da justiça, entendida esta apenas como "justiça social", no sentido estrito e redutivo dessa palavra. A CG 34 lembra que essa

"justiça social" deve ser colocada no contexto mais amplo, não de "qualquer" justiça, mas da justiça evangélica ou do Reino.

Quais são as conseqüências disso para o nosso apostolado e para a Companhia no Brasil? Trata-se de problemas globais que afetam e interessam a população brasileira e a vida das pessoas, nas suas diversas dimensões e também, portanto, todos os diversos setores apostólicos e ministérios nos quais estamos engajados. É necessário que tenhamos idéias claras a respeito, para que as nossas respostas, mesmo as mais pontuais, locais ou setoriais, se orientem na direção correta e levem em conta essa problemática mais ampla e mais global que as condiciona. Do contrário, corremos o perigo de cairmos em um ativismo cujos resultados não apenas serão de curto prazo, mas, às vezes, até poderão conduzir-nos lá aonde não pretendíamos chegar: resultados que não condizem com o ideal de sociedade que almejamos.

Nesse contexto, além de problema de recursos humanos reduzidos e decrescentes tendo que sustentar, praticamente, o mesmo número de obras ou ministérios do que antes, a nossa estrutura para o planejamento apostólico e que tem como base a unidade administrativa das Províncias, no modo como hoje essa estrutura funciona, é inadequada para responder aos desafios e às necessidades do Brasil e, em geral, do mundo contemporâneo, com os seus problemas e a sua crescente interdependência. As múltiplas e importantes obras nas quais trabalhamos e o número relativamente limitado de jesuítas com que contamos, exigiriam centros de reflexão, de avaliação, planejamento e decisão que só poderiam funcionar efetivamente no nível interprovincial. Quando digo isso não penso apenas em centros de reflexão na área social, mas também na área educacional, no setor espiritualidade, na pastoral, no trabalho com a juventude e com os leigos em geral, etc.

Os problemas hoje são globais não apenas do ponto de vista geográfico, mas também porque se colocam em termos de valores ou contravalores que afetam praticamente todas as dimensões da vida humana e, conseqüentemente, também todos os diversos setores apostólicos nos quais trabalhamos.

Precisamos de um mínimo de centros ou "pólos pensantes" que possam orientar na direção correta e colocar na devida perspectiva os nossos esforços nos diversos setores apostólicos nos quais trabalhamos e que, estabelecendo um denominador comum a todos eles, permitam a esses setores se relacionar, dialogar e colaborar, tanto entre si, como também com outros centros semelhantes, dentro e fora da Igreja. É interessante constatar, por exemplo, que alguns dos nossos documentos recentes no nível provincial (projetos apostólicos, planos diretores globais ou setoriais, etc.) ainda estão elaborados à luz de problemáticas ou de tendências que vigoravam 20 ou 25 anos atrás, sem terem em conta as mudanças ocorridas nos últimos anos, não apenas num mundo em rápida mudança, mas também na Igreja e na Companhia. Os jesuítas que trabalham na base, ocupados com mil e um compromissos, nem sempre têm o tempo, nem a capacidade para refletir e assimilar novas problemáticas, novos desafios e para repensar e orientar o seu trabalho de acordo com essa novidade.

Num mundo que globaliza rapidamente e supera barreiras tradicionalmente consideradas sagradas e intocáveis, movido por interesses materiais, experimentamos uma enorme dificuldade para superarmos a nossa mentalidade e modo de agir provinciais. A Província, que para Santo Inácio era uma mera unidade administrativa, torna-se, de fato, a unidade base de planejamento apostólico. Quando colaboramos, o fazemos, na maioria dos casos, movidos por interesses comuns e não tanto por problemas e desafios apostólicos externos comuns, que vão além dos limites provinciais e nos afetam a todos. Embora isso se aplique sobretudo a países como o Brasil, onde existem várias Províncias num mes-

mo espaço nacional, essas considerações também são relevantes no nível internacional e mundial.

Na Companhia, nesses últimos anos, temos mudado elementos do nosso Instituto e modo de proceder, antes considerados essenciais e intocáveis, mas ainda temos feito muito pouco para adaptar as nossas antigas e tradicionais estruturas de Governo para responder a necessidades apostólicas que exigiriam estruturas mais flexíveis que facilitassem a colaboração e o planejamento interprovinciais.

Acho que as nossas estruturas de planejamento e governo, não apenas no Brasil, mas também em outras regiões estão superadas. Esforços estão sendo feitos para responder melhor aos novos desafios que surgem no nível de todo um país, com diversas Províncias, ou no nível de toda uma região ou continente. São, porém, esforços ainda parciais, limitados, tímidos e, com freqüência, ineficazes. Um exemplo concreto, mas nem o único, nem o mais importante, é a carta dos Provinciais sobre o neoliberalismo. A carta foi publicada 15 meses atrás. Algo já tem sido feito no nível provincial, mas o seu impacto sobre as nossas políticas apostólicas, por exemplo na área educacional, é mínimo ou inexistente. Continuamos repetindo o que foi dito ou escrito vinte ou dez anos antes, como se nada de novo tivesse acontecido. Não temos nenhum instrumento adequado de planejamento e governo apostólico para traduzir essa carta em termos operacionais que pudessem inspirar e eventualmente enriquecer os conteúdos da nossa pastoral, do nosso ministérios dos EE.EE., do nosso trabalho educativo e do mesmo apostolado social.

SITUAÇÃO ECLESIAL

Se a situação nacional, com os seus problemas e desafios, globais e globalizantes, exige de nós uma maior colaboração interprovincial para poder definir e coordenar melhor a nossa resposta, mediante as diversas obras e ministérios nos quais estamos engajados, a atual conjuntura eclesial pede hoje, da nossa parte, uma contribuição mais clara e específica que reflita melhor a espiritualidade e carisma que nos são próprios, reafirmando e reforçando assim a nossa identidade, diante da polarização que marca essa conjuntura.

Depois do Vaticano II, do golpe militar no Brasil, da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968), confirmada e enriquecida pelo Conferência de Puebla (1979), a Igreja brasileira, através da CNBB, adota uma atitude corajosa de aproximação e defesa do povo cujos direitos civis, sociais e econômicos estavam sendo violados. A opção preferencial pelos pobres, a sua libertação das servidões que os oprimem, dominam a política pastoral da Igreja brasileira do fim dos anos 60 até o início dos 90. Embora a Teologia da Libertação nunca se tornasse a teologia do Episcopado, é inegável que o espírito libertário que essa teologia encarnava, inspirava e permeava de diversos modos a ação pastoral da Igreja, nos seus diversos níveis. Por causa disso, cresce durante esses anos o prestígio e a credibilidade da Igreja entre as classes populares, ao mesmo tempo que aumenta a número dos seus críticos entre as classes mais abastadas da nossa sociedade.

Depois da derrocada do socialismo real, por uma variedade de fatores, mas em parte também por causa dos erros e dos extremismos das tendências libertárias, influenciadas com freqüência pelo secularismo reinante e pelas ideologias da esquerda, ocorre na Igreja, e também na Igreja brasileira, uma guinada para a direita: um movimento pendular no sentido contrário ao que ocorreu depois do Vaticano II. Os defensores de uma Igreja aberta às problemáticas do mundo contemporâneo, profundamente inserida no meio do povo pobre e sofrido e comprometida na luta pela justi-

ça, envelhecem ou abandonam a luta, aparentemente incapazes de aprender dos seus erros e fazer uma nova síntese, corrigindo certas tendências e dando um novo passo em direção ao futuro.

Deste modo permitem que a inevitável reação eclesial, constituída por tendências e ideologias de ordem mais integrista, espiritualista ou intimista, ocupe aos poucos os "espaços" eclesiais, respondendo aos anseios de uma maior explicitação da fé e da experiência religiosa que a abordagem mais racional e moderna dos seguidores da teologia da libertação tinha, de certo modo, abafado ou, pelo menos, negligenciado. Também contribui para essa mudança de rumo a "erosão" da comunidade católica, a diminuição daqueles que se professam católicos, por causa das políticas proselitistas, sectárias e até agressivas dos novos grupos religiosos e das chamadas "seitas".

Acho que ninguém pode negar que hoje, mesmo na América Latina e até no Brasil, é o tempo dos carismáticos, dos seguidores de movimentos como Comunhão e Libertação, de grupos como os Legionários de Cristo, etc. Por um jovem, por exemplo, que a PJ da CNBB consegue mobilizar, os carismáticos mobilizam dez ou mais! Os estádios cheios de carismáticos devolvem à Igreja o seu orgulho e aos olhos de muitos membros da Hierarquia esse parece ser o caminho para recuperar as ovelhas e os aspectos perdidos.

Diante dessa situação, que é completamente distinta da que prevalecia nos anos depois do Vaticano II, muitos jesuítas não parecem perceber que a nossa política, embora sempre aberta à colaboração e ao diálogo, como recomenda a CG 34, não pode ser de anonimato ou de indefinição, mas exige uma identidade clara e bem definida. Não simplesmente como condição para sobreviver – hoje quem não se define "morre"! – mas porque o mundo e a Igreja precisam do nosso carisma e da nossa espiritualidade, sólida e integradora: dom de Deus que não podemos esconder, mas que temos o direito e o dever de partilhar com outros, particularmente com aqueles que vivendo no mundo, devem responder aos desafios apostólicos que este apresenta e assumir as responsabilidades e o protagonismo que a sua vocação exige. Penso no laicato ao dizer isso.

O carisma inaciano e, em particular, a espiritualidade inaciana e dos EE.EE., não são algo "paroquial" ou provincial como alguns pensam, ainda condicionados pela problemática de uma época que já passou, mas algo importante para os homens e as mulheres de hoje: uma contribuição que pode corrigir as tendências uma tanto extremas e unilaterais que hoje predominam na Igreja.

As tendências unilaterais, os movimentos pendulares extremos, tanto na Igreja como na sociedade, as posições que esses movimentos encarnam e as reações que provocam, sempre escondem no seu bojo elementos negativos e até contraditórios que, cedo ou tarde, contribuirão para a sua destruição. Diante dessas polarizações e tensões, o importante é não recuar, voltar atrás ou se refugiar nas posições extremas, mas aproveitar o que há de bom e verdadeiro em cada uma delas para dar um passo adiante, elaborando uma nova síntese.

A necessidade de síntese, de integração, tanto no nível pessoal, quanto social e comunitário, é hoje muito sentida, tanto na Igreja como na sociedade. É uma necessidade que percebemos, quando olhamos a realidade objetivamente, porque subjetivamente, identificados como estamos com uma ou outra tendência, nem sempre estamos conscientes do que está de fato acontecendo. Do ponto de vista puramente humano, é certamente mais fácil e confortável se esconder e encontrar a sua satisfação ou realização pessoal em um dos extremos, evitando as tensões que a síntese cristã necessariamente implica. É mais fácil refugiar-se num ativismo ou "militantismo" social, humanamente gratificante, mas sem a dimensão transcendente,

"mistérica" ou mística, que ao mesmo tempo que dá ao nosso compromisso social valor e sentido redentor, também o torna mais problemático e mais difícil de ser compreendido, aceito e, sobretudo, vivido. É mais fácil refugiar-se nas certezas da fé, mas de uma fé ou dum espiritualismo pouco encarnados, sem as complexidades e tensões que implica o diálogo com a cultura contemporânea. É mais fácil limitar-se a criticar essa cultura, a considerá-la apenas um mal a ser evitado, do que assumi-la criticamente como um interlocutor: uma condição "sine qua non" para que a nossa fé possa se encarnar.

Os movimentos pendulares que ocorreram na Igreja depois do Vaticano II, e ocorrem ainda hoje, mas no sentido contrário, acabaram criando dualismos e dicotomias ainda mais acentuados e profundos do que aqueles que pretendiam suprimir. O compromisso social excessivamente ideológico, pouco "direto" e pouco permeado pela mística cristã, permitiu que um bom número dos nossos irmãos fossem co-optados e absorvidos pelas correntes secularizantes que dominam a sociedade contemporânea e penetram também dentro da Igreja. Por outro lado, o espiritualismo intimista e pouco encarnado que caracteriza amplos setores da Igreja hoje, também contribui para criar as barreiras difíceis de superar entre a religião e o mundo da ciência, da tecnologia e da cultura e, em particular, impede que se adote uma atitude crítica diante das ideologias hoje dominantes: penso no neoliberalismo, ao dizer isso. Esse espiritualismo, porém, apesar dos seus graves riscos e perigos, poderia ter pelo menos uma vantagem: a de marcar a ruptura entre a fé, o cristianismo e a cultura moderna que, com freqüência, é necessária para estabelecer o diálogo entre identidades complementares, mas distintas e em contínua tensão. O problema, porém, é manter a suficiente abertura dialogal para que essa "ruptura" não se transforme em um abismo insuperável e não impeça nem a incarnação da fé, nem a evangelização da cultura.

O nosso futuro e sobrevivência como ordem religiosa eminentemente apostólica, reside na nossa capacidade para fazer a síntese entre o "religioso" e o "apostólico", entre o compromisso encarnado na realidade concreta e a mística cristã: a mística de morte e ruptura que o mistério pascal necessariamente implica. Nós jesuítas, porém, temos um poderoso aliado para realizar essa síntese e vivê-la no dia a dia. Esse aliado é o nosso carisma e a espiritualidade inaciana que recebemos de Deus como um dom e que são elementos eminentemente integradores das diversas dimensões da pessoa humana e estabelecem uma estreita e indissolúvel união e, ao mesmo tempo, saudável tensão entre a mística religiosa e as exigências concretas do apostolado.

A reafirmação e o esforço da nossa identidade, num espírito de abertura, colaboração e diálogo com a cultura contemporânea e até com outros credos religiosos, sem proselitismo nem sectarismos de nenhum tipo, também exige um esforço conjugado de todas as Províncias, já que essa identidade e modo nosso específico de ser e proceder, tanto do ponto de vista religioso como apostólico, tem de se manifestar não apenas no campo teológico, pastoral ou da espiritualidade, mas em todas as nossas obras e ministérios. Não podemos hoje, no nível nacional e diante das tendências hoje dominantes, projetar a imagem de uma Companhia que não sabe aonde se dirigir, nem tem uma identidade bem clara e definida. Essa falta de clareza e definição pode acabar atraindo para a Companhia pessoas de pouco valor humano, moral e intelectual que procuram nela um refúgio para as suas incertezas ou os seus problemas pessoais mal resolvidos.

Para concluir, acho que tanto a situação nacional como eclesial, com os seus múltiplos e complexos desafios exigem da Companhia no Brasil uma maior consciência das suas responsabilidades como corpo apostólico: responsabilidades que não podem ser

confinadas dentro dos limites administrativos e das estruturas de governo das Províncias, no modo como existem e operam hoje. Precisamos de estruturas de diálogo e colaboração mais ágeis e eficazes que possam preparar o caminho para eventuais estruturas de planejamento e governo apostólico, no nível interprovincial, que superam as limitações das que atualmente existem.

Esse é um problema, como apontava antes, que se coloca em termos de toda a Companhia e que provavelmente deverá ser discutido em uma próxima Congregação Geral, já que quaisquer mudanças nessa área, se julgadas necessárias, poderiam implicar mudanças substanciais na nossa estrutura tradicional de governo. Atualmente não existem intermediários entre o Pe. Geral e os Superiores Provinciais. As Conferências de Provinciais como tais não detêm nenhuma autoridade efetiva acima dos Provinciais e as suas decisões também não condicionam juridicamente o governo dos Provinciais, a não ser que forem ratificadas e assumidas pelo Pe. Geral.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Depois de ler atentamente os desafios que a atual situação nacional e eclesial apresenta para o nosso apostolado, tente responder individual ou coletivamente a estas perguntas:

1. Quais as conseqüências para o nosso apostolado desta nova versão de "justiça social", ou seja, a justiça evangélica ou do Reino?
2. Como atualizar nossos planejamentos para melhor atender às necessidades apostólicas hoje?
3. Como corrigir as antigas tendências e dar um novo passo em direção ao futuro?
4. Como fazer a síntese entre o "religioso" e o "apostólico"?

À ESPERA DA EXORTAÇÃO PÓS-SINODAL

D. Demétrio Valentini

Estamos vivendo ares e eventos jubilares nos quais o Espírito vem em socorro de nossa fraqueza.

INTRODUÇÃO

Era início de inverno em Roma quando se realizou o Sínodo da América, de 16 de novembro a 12 de dezembro de 1997. Chovia e o tempo parecia mesmo propício para abundante semeadura, à espera do sol que haveria de vir, com seu calor fecundante.

Em junho de 1998, por ocasião da terceira reunião do Conselho pós-sinodal, a primavera já ia avançada e o verão já se fazia pressentir. As colheitas estavam prestes a maturar.

Também o documento do Sínodo já ia tomando sua forma e ficou marcada a data de sua publicação: janeiro de 1999, por ocasião da visita do Papa, do dia 22 a 26, ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe.

Porém, mais que simples colheita, a publicação da Exortação Pós-Sinodal se destina a ser nova semeadura. Todo o processo sinodal é, na verdade, um canteiro de mudas que se cultivam e selecionam para serem transplantadas em terras que possibilitem sua expansão e crescimento. É importante captar as intuições fecundas que o Espírito fez sentir aos bispos de toda a América, em quinhentos anos, reunidos pela primeira vez em Sínodo com o Papa.

1. ÊNFASES CENTRAIS

O Sínodo significou, em primeiro lugar, um claro confronto da América com Cristo. "Todo homem que vem a este mundo" é destinado a fazer este confronto. Com o Sínodo, pareceu que chegara a hora de "toda a América" sentir-se interpelada por Cristo, que revelava sua presença como a tinha desvendado aos discípulos de Emaús ao sentar-se à mesma mesa. Reunidos juntos pela primeira vez, os bispos "americanos" abriam os olhos para reconhecer a vocação cristã do continente. E percebiam a urgência de partilhar sua fé com os outros discípulos e testemunhar sua certeza a todos que encontrassem pelo caminho.

Como categoria central está a idéia do "Encontro com Cristo". Não só porque esta categoria carregou o fio condutor do tema do Sínodo para a América, assim formulado pelo Papa: "O encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de conversão, de comunhão e de solidariedade na América", mas porque, de fato, em torno desta categoria os padres sinodais mais se detiveram nas suas reflexões. O próprio Sínodo, como acontecimento, acabou sendo para os bispos um encontro em que a presença de Cristo se manifestou de maneira inesperada e intensa, produzindo alegria e fraternidade, testemunhadas por todos como a graça maior do Sínodo.

Cabe à Exortação Pós-Sinodal transmitir esta experiência para as Igrejas de toda a América. O próprio evento sinodal se cons-

titui, ele mesmo, em alegre anúncio a ser feito para todos. Nesse sentido, o Sínodo se acrescenta aos relatos dos diversos encontros com Cristo, que o Evangelho testemunha, e que são lembrados para mostrar a força transformadora do "encontro com Cristo" que a América é chamada a reviver hoje.

É, portanto, sob a luz do "encontro com Cristo" que se iluminam os outros temas do Sínodo: a conversão, a comunhão e a solidariedade.

Percebemos aí a fecundidade pastoral contida nesta proposta. Refazer o encontro com Cristo. E como, por exemplo, podem tomar novo vigor os muitos "encontros" que a renovação conciliar já vinha propondo. No anseio de adensar com vivência espiritual as múltiplas atividades pastorais com que se envolvem as comunidades e os movimentos, está aí uma boa proposta a criar uma nova convergência e uma nova motivação: priorizar e perceber a presença de Cristo, que ilumina e transforma.

Mas do Sínodo resultou também outra constatação, vivida intensamente: o encontro com Cristo motiva para a missão. Isto se torna particularmente importante para a Igreja da América, no momento em que percebe que chegou sua "hora missionária".

Por isso, o Sínodo, que inicia sob a luz da categoria do "encontro", se conclui com a ênfase da "missão". O horizonte amplo da missão é dado pelo conceito já bem trabalhado por diversos documentos eclesiais nos últimos anos, da "nova evangelização". Mas o Sínodo da América aguçou a percepção de que a missão decorre do encontro com Cristo e, ao mesmo tempo, ela aprofunda as conseqüências desse encontro. Outra riqueza percebida com nitidez é a força renovadora da missão e a identidade abrangente que ela produz: missionários somos todos, a missão é de todos e assumindo a missão é que damos autenticidade e finalidade à nossa Igreja.

As sementes do Sínodo trazem vitalidade missionária. Como preparar o terreno para que desabrochem no surto missionário que a Igreja e o mundo esperam hoje da América?

2. SÍNODOS CONTINENTAIS

O documento vai falar do Sínodo da América. Mas ele precisa ser entendido no contexto dos outros Sínodos continentais que já foram realizados ou estão em andamento.

A África já realizou o seu e já tem exortação sinodal *"Ecclesia in Africa"*. A Ásia acaba de realizar seu Sínodo, com o título "Jesus Cristo, o Salvador, e sua missão de amor e de serviço na Ásia", e a exortação começa a ser elaborada. A Oceania terá o seu Sínodo no final de 1998, concluindo também no dia 12 de dezembro. Ele contará com todos os oitenta bispos daquele continente, que aproveitarão para fazer ao mesmo tempo sua "visita ad limina". No ano que vem será a vez da Europa realizar um sínodo em vista do Jubileu.

Arrematando a safra de Sínodos continentais, já está marcado para setembro e outubro do ano 2000 mais um Sínodo geral, cujo tema central será a missão do Bispo: "O Bispo, servo da mensagem de Jesus Cristo".

Não é difícil perceber a estratégia de mobilizar a Igreja em todos os continentes, através dos Sínodos, para a celebração do Jubileu. Mas ao mesmo tempo podemos interpretá-los como a retomada de uma das intuições centrais do Concílio Vaticano II, que permanece como o evento eclesial de significação mais ampla que a Igreja viveu em nosso tempo. Ainda mais, se nos damos conta do tema proposto para o Sínodo geral do ano 2000, sobre o episcopado. Pois a "colegialidade episcopal" foi exatamente o tema teológico mais denso e mais fecundo abordado pelo Concílio. É por uma adequada compreensão da "colegialidade" que se pode pensar e concretizar uma Igreja que conserva sua unidade, mas ao mesmo tempo se faz presente, de maneira diversificada, encarnando-

se nas realidades tão diferentes, geográfica e culturalmente, nos cinco continentes.

Por isso, além dos temas específicos de cada sínodo, em conjunto eles afirmam a vocação da Igreja de inculturar o Evangelho, de maneira diferenciada, nas diversas culturas, acolhendo o que elas apresentam de valores autênticos, humanos e religiosos, e potenciando-os com a força da graça de Cristo.

Para que isso aconteça, se faz necessária uma legítima descentralização, que o Concílio sinalizou, e a Igreja precisa ir dando os passos para concretizar. A passagem de milênio é particularmente convidativa para esta abertura, que tem evidente alcance ecumênico e missionário.

3. ADMINISTRAR A PLURALIDADE

O continente asiático coloca com evidência para a Igreja o desafio da pluralidade. A começar pela própria diversidade geográfica. Habituados ao nosso eurocentrismo, identificamos o Oriente como "próximo", "médio" e "extremo". Mas dentro desta grande diversidade geográfica conta sobretudo uma significativa diversidade cultural e religiosa. Basta pensar nos países árabes, na Índia, na China, no Japão, na Indonésia, nas Filipinas, na Sibéria.

É a Ásia que mais descortina o panorama missionário para a Igreja no terceiro milênio. Nesse sentido é válida a perspectiva histórica que relaciona os milênios com os continentes: no primeiro milênio a Igreja se deteve ao redor do Mediterrâneo, no segundo, ela atravessou o Atlântico e, no terceiro, teria chegada a vez de atravessar o Pacífico, chegando finalmente a terras asiáticas.

Mas esta perspectiva precisa ser colocada, objetivamente, diante da realidade que hoje se apresenta, com a Igreja minoritária em todos os países asiáticos, menos nas Filipinas e no Timor Leste. Em alguns países o número de cristãos, inclusive, está diminuindo, como é o caso do Japão e de Taiwan. Por isso, para que de fato no terceiro milênio o Evangelho seja acolhido pela Ásia, a Igreja precisa acolher melhor dentro de si mesma a pluralidade. Bem entendida, a pluralidade é expressão de riqueza humana, que se manifesta na diversidade cultural e na fecundidade de vivências religiosas que podem fazer frutificar de maneira surpreendente os multiformes dons da graça de Cristo.

Quando respeitada e valorizada, a pluralidade produz uma vivência mais autêntica e mais aberta da unidade que o Evangelho de Cristo fundamenta. Que aprendizado precisamos fazer, para irmos tecendo a unidade com a valorização de nossas diferenças e com o reconhecimento de nossas limitações?

4. CONTEXTO JUBILAR

Outra referência necessária para situar o Sínodo da América é o contexto jubilar. A motivação jubilar confere aos temas tratados pelos Sínodos uma dimensão de avaliação do passado e de projeção para o futuro.

O jubileu realça o alcance histórico dos eventos eclesiais que são organizados em vista da passagem do milênio. Fica diferente, por exemplo, falar de unidade da Igreja em tese, ou falar dessa unidade tendo presentes as muitas divisões entre os cristãos que foram se cristalizando ao longo do segundo milênio. Por isso, o alcance exato dos temas abordados pelos Sínodos é dado por esta perspectiva histórica.

Ao mesmo tempo, o jubileu confere uma especial significação teológica. Pois esses eventos jubilares têm a força de nos mostrar que estamos vivendo uma hora da gra-

ça, um novo "pentecostes", em que o Espírito "vem em auxílio de nossa fraqueza".

Na verdade, Jubileu e Pentecostes tem uma afinidade maior do que à primeira vista possa parecer. Pois ambos se definem pelo número cinqüenta, tanto o Pentecostes, celebrado decorridas sete semanas da páscoa, com o Jubileu, após decorridas sete semanas de anos. Assim se enfatizava o valor do "Dia do Senhor", e do "Ano do Senhor", como momento propício para reconhecer sua soberania e retomar seus caminhos.

A validade do jubileu não se mede pela grandeza dos eventos que estão sendo preparados. Mas pela abertura que tivermos para acolher a graça que Deus oferece à sua Igreja neste tempo. Estaremos dispostos e teremos a coragem dos apóstolos no dia de Pentecostes?

CONCLUSÃO

No dia de Pentecostes, havia em Jerusalém, diz a Escritura, gente de todas as partes do mundo. E todos entenderam os apóstolos em sua própria língua.

No próximo mês de janeiro, no Santuário de Guadalupe no México, será publicada a exortação pós-sinodal. A América é um continente que, como Jerusalém, acolheu a diversidade de raças e culturas, em seus países e em sua Igreja.

Entender a exortação em nossa própria língua significará, certamente, não só traduzi-la nos diferentes idiomas. Mas acolhê-la como mensagem que fala à nossa realidade. E nos mostra que o Cristo ressuscitado está presente e nos renova o dom do seu Espírito, para sermos testemunhas por toda a parte.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O texto destaca as ênfases centrais da exortação pós-sinodal em fase de elaboração. Procure aprofundar com sua Comunidade estas ênfases centrais. Quais delas, lhe parece, respondem mais à realidade da Igreja no nosso continente?

2. Como você e sua Comunidade podem contribuir para que a exortação pós-sinodal, prestes a ser promulgada, tenha uma recepção criativa na Igreja do Brasil?

A ANÁLISE INSTITUCIONAL A SERVIÇO DA REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

Pe. Victor Hugo Silveira Lapenta, CSSR

Refundação não é proposta revolucionária de destruir o que existe. Do caos não surgem espontaneamente novas formas institucionais de viver o carisma. Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! (João Paulo II[1]).

Refundar, refundação são termos que estão ocupando um lugar cada vez mais significativo e central no momento vivido agora pela VR. Tais termos são relativamente recentes. Referem-se eles a uma realidade que vem acontecendo no presente, um processo de reformulação intensa da vida e das estruturas dos institutos religiosos. Refundação já não é um termo de futurologia, ou um projeto para anos vindouros, um exercício mental de previsão de como será a face da VR no próximo milênio[2]. Já estamos dentro desse processo específico, embora ainda sem muitas clarezas e sem muitas certezas a respeito. É uma caminhada que já faz parte da história recente da VR. O objetivo geral da CRB para o triênio que se inicia agora tem a refundação como eixo central e objetivo dinamizador de toda a sua atividade.

Não é propósito deste escrito desdobrar pensamentos e teorias sobre a refundação. As conceituações, os quadros teóricos e analíticos de ordem teológica ou sociocultural condicionam e direcionam os processos de transformação das instituições de VR. Eles podem marcar os rumos da caminhada da refundação e, com certeza, juntamente com outros fatores de ordem cultural e social, esculpem as feições da VR que vem surgindo. Entretanto, aqui buscamos algo aparentemente mais simples, considerações sobre o processo em suas dimensões de estruturas institucionais.

Não é fruto de mera curiosidade a pergunta "Como será a VR no ano 2020?". A interrogação tem sido o tema de encontros, congressos e assembléias de religiosos mundo afora. A inquietação aí expressa vem revestida da percepção de que as coisas estão se movendo muito intensamente, de que as mudanças acontecem, queiramos ou não, e

1 João Paulo II, *Vita Consecrata*, 110.

2 Vale, Edênio, *Que futuro para a Vida Religiosa no Brasil? Reflexões em torno da virada do milênio*, Aparecida, Ed. Santuário, Cadernos de Vida Religiosa-2, 1998.

que elas são profundas a ponto de abalar as estruturas atuais.

A questão traz consigo o desejo, não só de nos fazermos conscientes do processo, mas de termos condições de tomá-lo nas mãos e de orientá-lo em direção a uma realização positiva e adequada.

Queremos então centrar a atenção no processo em si mesmo. Como ele acontece ou como poderá acontecer, focalizando os atores, mais que seus pensamentos e desejos, as ações e seu instrumental de intervenção, mais que os princípios que orientam os objetivos e as buscas. Queremos perceber os reais protagonistas dessa história e de como se dão as coisas.

1. REFUNDAÇÃO E ANÁLISE INSTITUCIONAL.

Em 1992 a CRB publicou "A Vida Religiosa enquanto Instituição", um livro redigido pelo seu Grupo de Reflexão dos Psicólogos[3]. O objetivo era apresentar as dimensões estruturais dos organismos em que vivem os religiosos e religiosas, procurando esclarecer seus aspectos institucionais, principalmente em sua função de contexto e de condicionantes da vida consagrada. Esse corte institucional, com seu peso psicossocial, permite compreender melhor certos aspectos da dinâmica de vida dos institutos religiosos e das pessoas que neles vivem sua consagração.

Como base teórica para o texto, o GRP utilizou os conhecimentos e técnicas da Análise Institucional. Esse modelo de análise permite tomar conhecimento tanto ***da gênese*** e ***da estabilização*** de formas e normas de organização, como ***das mudanças*** institucionais. Mesmo aquelas instituições milenares, aparentemente estáticas e imóveis, com o passar do tempo, sofrem transformações.

A Análise Institucional tem uma dupla função:

a) **estudar os fatores de institucionalização e de desinstitucionalização** de uma entidade,
b) **assenhorear-se dos dinamismos e mecanismos** que regem os processos de mudança, com o objetivo de **direcionar as transformações** institucionais.

O ser humano reúne-se em ***grupos*** (famílias, amigos, lazer, comunidades locais...), ***organizações*** (empresas, escolas, universidades, províncias religiosas...), e ***instituições*** (os organismos sociais mais amplos, de maior estruturação, estabilidade e permanência, tais como o Estado, a Igreja, a Vida Consagrada, ordens e congregações religiosas)[4].

A Análise Institucional considera a ***relação de interdependência*** entre esses três níveis sociais. O que se passa no grupo está ligado e é orientado pelo conjunto do tecido social a nível organizacional e institucional. Desde as mais simples estruturas, tais como horários e organização das atividades, normas práticas de convivência e de trabalho, até os mais complexos e fundamentais princípios, valores e normas que regem a vida e a convivência, tudo tem fundamento no institucional. As coisas mais visíveis nos grupos provêm do mais oculto e até às vezes inconsciente do institucionalizado. Na instituição está ***o inconsciente social***[5], com grande força de atuação nas práticas da vida, embora os membros da instituição habitualmente não se dêem conta de sua existência e de sua interferência. Uma das buscas da Análise Institucional é ***tornar patentes e visíveis as dinâmicas***, nem sempre muito claras, que regem os organismos e os grupos.

3 Losada, M., Lapenta, V.H.S., Sá, O. de, Almeida, D.B. de, *A Vida Religiosa enquanto Instituiÿão, Uma leitura psicológica,* Rio de Janeiro, Publicações CRB, 1992.
4 Losada, Op. cit., pg. 31.
5 Losada, Op. cit., pg. 30.

Do ponto de vista da Análise Institucional uma instituição é mais que a organização das relações sociais. A instituição articula as normas sociais constituídas e sua organização em fórmulas jurídicas. Aí encontramos ***o instituído***. É a dimensão de estabilidade e de permanência da instituição. Mas dentro da instituição dotada de vitalidade, a ação histórica dos indivíduos e dos grupos produz modificações e mudanças através das modalidades de ações constituintes. Trata-se do ***instituinte***, a dimensão de transformação da instituição[6].

A inter-relação entre o instituído e o instituinte produz o movimento da ***institucionalização*** que leva às novas formas sociais e relacionais. É o produto dessa ação dialética entre o instituído e o instituinte.

A Análise Institucional pretende levar os grupos e as organizações sociais a um ***sistema de autogestão***, ou seja, por meio da auto-análise de grupo, criar condições para que eles se façam conscientes dos fatores presentes em seu meio e administrem suas próprias realidades, conflitos e problemas[7]. Assim deixarão de ser entidades sujeitadas e beneficiárias da benevolência da cúpula, meros usufruintes das normas e da proteção, para assumirem a responsabilidade de grupos-sujeitos, capazes de traçar os seus caminhos por si mesmos.

O processo dialético entre o instituído e o instituinte se dá por meio dos analisadores. Chama-se ***analisador*** todo o sujeito e tudo o mais que evidencia conflitos e contradições na instituição, o que aponta os tabus, mexe e remexe com o existente, propõe mudanças e reformas. Tanto pessoas como fatores ambientais, principalmente de ordem cultural, tais como conceitos e valores novos podem exercer o papel de analisadores. Há vários tipos de analisadores. O *dissidente ideológico* põe em dúvida os objetivos e finalidades da instituição ou a sua própria organização. Já o *dissidente libidinal* lança dúvidas sobre a seriedade da instituição e sua ideologia. Por fim, o *dissidente organizacional* é aquele que contesta e ataca diretamente a própria instituição.

As instituições da VR, ainda que estejam fundadas em princípios evangélicos e de ordem espiritual, obedecem à mesma dinâmica do tecido social civil ou leigo. Mesmo que não estejam conscientes ou que não se dêem conta disso, os membros de um instituto religioso relacionam-se, convivem, organizam-se dentro dos princípios e dinamismos institucionais. As relações fraternas, tanto em suas dimensões espirituais como psicológicas, seja em termos de afeto ou em termos de poder ou de ação, obedecem às leis psicossociais como em qualquer outro grupo humano. As origens e a institucionalização inicial, os desenvolvimentos históricos, as transformações e o perecimento dos organismos religiosos seguem roteiros idênticos aos dos demais organismos humanos. Os ***modelos teóricos*** elaborados pela Análise Institucional, quando aplicados aos organismos da VR, permitem-nos fazer-nos conscientes de como as coisas aí se passam. As realidades mesmas da refundação da VR podem ser compreendidas com o auxílio desses modelos teóricos e, a partir deles, podem ser conscientemente conduzidas

Os grupos humanos e, entre eles, os institutos religiosos, percorrem um caminho histórico. Há grupos e instituições com momentos cheios de vitalidade enquanto outros vão-se esclerozando e tomando formas enrijecidas. A vida e a morte, a união e a desagregação, o enfrentamento dos problemas e das solicitações das diferentes circunstâncias ambientais ou a apatia e a rotina burocrática, tudo isso pode estar presente na história. A instituição dotada de vitalidade atua internamente num ***processo contínuo de autocons-***

6 Losada, Op. cit., pg. 74.
7 Losada, Op.cit., pg. 85.

trução e atua sobre o mundo exterior para alcançar seus objetivos, na ***busca constante da utopia de seu projeto.***

É função da instituição garantir a ***unidade, a estabilidade e a continuidade*** do projeto inicial dos organismos sociais. A vida e as condutas psicossociais ficam institucionalizadas através da fixação dos objetivos, de leis, de normas de ação e de procedimentos burocráticos, da distribuição de papéis e de encargos, de tradições e hábitos, de técnicas e de roteiros de ação. Dialeticamente, enquanto organismo vivo, a instituição, que tem sua razão de ser no dar estabilidade ao organismo social, sofre o efeito de forças de renovação e de adaptação às novas circunstâncias. É a ***tensão constante entre o conservar e o renovar*** que se debatem no interior da instituição.

A Análise Institucional volta sua atenção para os ***três diferentes momentos:*** a fundação dos organismos, sua continuidade histórica com as formas de vitalidade ou de estagnação e as mudanças e reformulações institucionais.

No caso dos institutos religiosos, a ***fundação*** ocupa um lugar de importância única, pois os momentos históricos iniciais definem todo o projeto futuro, criando a sua identidade. Convicções de fé garantem aos membros dos inícios e de todo o futuro que aí se manifesta o chamado do Espírito, elaboram-se o carisma, a espiritualidade e as praxes próprias da instituição. A fidelidade a eles é a garantia de fidelidade ao projeto divino.

Toda instituição possui ***três dimensões***: o discurso, a prática, a organização[8]. Seu entrelaçamento dialético é que determina a consistência e sustentação de cada instituição. O processo de análise institucional deve trabalhar essas três dimensões, cada uma em si mesma e suas interligações mútuas.

O ***discurso*** produz a explicitação dos objetivos, a análise da realidade interna e do contexto, a formulação do projeto, a expressão dos princípios e valores que inspiram e sustentam a ação. Por meio dele manifestam-se a utopia fundante e o desejo transformador da realidade. É tarefa do discurso das entidades de vida consagrada a formulação de seu núcleo vital: carisma e espiritualidade. Ele igualmente coloca ao nível da lógica e dos conceitos teóricos as duas outras dimensões: a prática e a organização. A ***identidade social*** da instituição é determinada pelo discurso: a explicitação dos objetivos define o organismo social e o faz reconhecido pela sociedade.

As funções vitais do discurso evidenciam a importância da linguagem que circula no interior de uma instituição e de sua comunicação com a sociedade, bem como a força que podem ter os textos que tornam permanentes as inspirações básicas da instituição. No caso dos institutos de vida religiosa destacam-se as leis, normas, constituições, estatutos, reflexões espirituais, exortações, comunicados da autoridade, planos de ação, os marcos teóricos e semelhantes.

Mas o discurso pode perder-se em palavreado sonoro e bonito que nada tem a ver com a prática da vida concreta da instituição.

A Análise Institucional enfatiza a necessidade de trabalhar essa linguagem, em coerência com as práticas e as estruturas.

É a ***prática*** a ação concreta de busca dos objetivos institucionais. Ela tem a força de traduzir o discurso: desejo e teorias transformam-se em ações reais, dentro das condições ambientais e da variedade e heterogeneidade dos indivíduos e dos organismos que vivem a instituição. As práticas podem afirmar o discurso ou negá-lo na medida em que são coerentes ou não com ele.

A prática deve ser inspirada, guiada e sustentada pelo discurso, pela utopia, pelos princípios e valores, bem como pela organização consistente e adequada, para que

8 Losada, Op. cit., pg. 25.

não se transforme em ativismo, em um frenesi de ações agitadas e desorientadas, ou em burocracia que repete os rituais da ação, mesmo quando eles não têm mais sentido.

A ***organização*** tem o papel de arcabouço, de esqueleto, de sustentação metódica e funcional. Ela cria as estruturas para a realização do discurso e para a prática da vida. A organização deve estar entre o discurso e prática, harmonizando-os e tornando-os coerentes. Uma entidade que prescindisse da organização como mediadora entre o discurso e a prática fatalmente iria cair numa situação caótica e alienante. O predomínio da prática sem organização levaria ao individualismo, ao psicologismo e ao espiritualismo vazio. Já o predomínio do discurso produziria o peso das normas instituídas imutáveis e pouco coerentes com a realidade, das teorias. É a organização que permite à entidade entender-se dialeticamente e promover a busca de estruturas adequadas ao intercâmbio entre o discurso e a prática. Assim, a organização desempenha o papel de elemento mediador e estruturante das novas relações entre o discurso e a prática.

Carisma e instituição são os ***dois pólos estruturantes*** do acontecer da Vida Consagrada. A Análise Institucional evidencia a ***relação dialética*** entre o desejo e a lei, entre o carisma e a instituição. Não basta estar atento ao quanto de evangelho existe num determinado instituto religioso, do mesmo modo como não seria suficiente aperceber-se apenas de quanto e como ele reproduz as relações de sociedade. As duas instâncias devem ser vistas em seu interagir dialético.

Na verdade, o Reino acontece quando homens e mulheres consagrados/as têm a alma e o coração voltados para Deus e os pés bem plantados no chão do acontecer humano.

A refundação da VR, tal como hoje ocupa nossa atenção de religiosos, é uma questão de mudança institucional. Trata-se de um movimento de alta vitalidade, de um não aceitar nem a estagnação das rotinas esclerosadas de um passado que não é mais adequado ao presente, como também de um não conformar-se com a morte ou abandono da vida consagrada. Não sabemos bem as formas institucionais que esta vida tomará no futuro, mas estamos convencidos de seu lugar vital na comunhão de Igreja e na sociedade humana.

Refundação não é a proposta revolucionária de destruir o que existe, para deixar que do caos surjam espontaneamente novas formas. Diante do caos social que aí está, a proposta é de elaborar novas maneiras institucionais de viver o carisma e o espírito das famílias religiosas. Busca-se encontrar estruturas institucionais mais consonantes com as exigências do presente e do futuro para aquilo que desde os momentos fundacionais constitui a identidade dos institutos religiosos. Falamos de ***um processo de mudança por reforma interna, consciente e participada*** por parte dos membros dos institutos. A Análise Institucional existe para estudar e para promover tais reformas. O analista institucional estará aparelhado com o conhecimento do processo como um todo, de seus dinamismos e mecanismos, das etapas, dos fatores energéticos e das resistências internas e externas para que possa intervir como perito e assessor das instituições em processo de análise.

2. UMA HISTÓRIA INACABADA DE MUDANÇAS.

O Concílio Vaticano II levou a Vida Religiosa a um processo intenso de renovação e de atualização[9]. Forçou-a a abandonar as seguranças tradicionais, mostrando que o

9 Secondin, B., *Por uma Fidelidade Criativa. A Vida Consagrada depois do Sínodo*, São Paulo, Paulinas, 1997, pg. 27 ss.

perfil dos institutos religiosos não correspondia mais às necessidades e expectativas das pessoas, da sociedade e da própria Igreja. O Concílio foi o indutor consciente de uma crise necessária e procurada.

Os institutos religiosos, que durante séculos foram organismos eclesiais moldados segundo modelos tradicionais e muito estáveis, lançaram-se obedientemente à renovação. Uma das metas dessa renovação era tornar os institutos mais adequados ao mundo moderno, conservando sempre sua inspiração evangélica, seus valores iniciais e os objetivos fixados pelos carismas de cada um. Desenvolveu-se uma história corajosa, sofrida e difícil de muitas mudanças. Os documentos *"Perfectae Caritatis"* do Concílio e *"Ecclesiae Sanctae"* de Paulo VI apresentaram princípios e normas práticas que balizaram as mudanças.

Os trinta anos mais recentes dos institutos de vida consagrada constituiram-se numa história corajosa de buscas e de abandonos, de aberturas e de conflitos. Tanto a nível pessoal, como comunitário e congregacional modificou-se o modo de ser. Aconteceram experiências de libertação e de afirmação, bem como de perda de segurança e de estabilidade. Como conseqüência aconteceram, por um lado, uma forte renovação de propósitos com a busca de consagração consciente e atuante e, por outro, desistências e saídas em grande número daqueles e daquelas que já não encontraram sentido no estilo de vida consagrada.

Diante desse processo de renovação, era de se pensar que os institutos religiosos chegavam a fórmulas atualizadas e satisfatórias que lhes garantiriam um futuro seguro e realizador. Mas quem agora analisa as realidades dos institutos religiosos dentro do contexto histórico presente, e principalmente se lançar o olhar para o futuro que se avizinha, chega a detectar um mal-estar crescente e uma inquietação que se alarga com o passar dos dias. Fica evidente: já não bastam os passos da renovação, é preciso ir até à refundação da Vida Religiosa.

3. OS PROTAGONISTAS DA REFUNDAÇÃO E SEUS CAMINHOS.

Uma percurso necessário da refundação é aquele que estamos considerando de maneira específica neste escrito: a instituição enquanto realidade psicossociológica do instituto religioso. Não basta considerar os aspectos teológicos e espirituais da vida consagrada. As transformações institucionais não podem ficar à margem e ao acaso das circunstâncias. A Análise Institucional propõe uma condução consciente e metódica dessas transformações. Ela é um instrumental que, bem utilizado, será eficiente fator de refundação do instituto religioso.

O processo analítico-institucional de refundação de um instituto de vida consagrada deverá ter seu roteiro, com alguns passos (objetivos, tarefas, instrumentos de ação, e meios) e intervenções bem definidos. Assinalamos aqui apenas os mais significativos:

- definir quais os sujeitos (pessoas e organismos institucionais) que deverão atuar no processo como analisadores, com que papéis, responsabilidades, direitos e deveres;
- consolidar a autogestão;
- definir quais outros possíveis analisadores (pessoas, entidades, expressões socioculturais) atuam no processo;
- esclarecer qual a identidade do instituto a ser preservada e renovada;
- esclarecer quais os traços do carisma e espírito iniciais que devem ser recuperados, se for o caso, ou preservados e refundados;
- estar atento ao inconsciente social, procurando trazê-lo à consciência institucional e elaborá-lo (uma psicanálise social);

- tornar patentes quais as estruturas vigentes (o social e o instituido), bem como os dinamismos atuantes (o instituinte), com a avaliação de sua interferência positiva ou negativa no ser e na atuação do instituto, para encaminhamento de sua possível renovação;
- estar atento ao discurso vigente, sua congruência maior ou menor com a prática e com a organização;
- verificar a dialética do desejo e da lei no instituto, principalmente em termos de estilos de vida, de projetos e de estruturas.

A reinterpretação e atualização da identidade própria está no núcleo da refundação de um instituto religioso. Entre os traços dessa identidade devem necessariamente ser considerados o carisma, a espiritualidade, o projeto e a organização de vida, a ação ministerial e a presença na Igreja e na sociedade. Todos os componentes da identidade forjada nos inícios devem ser considerados mais em seu sentido de vida e missão do que nas fórmulas concretas historicamente esculpidas naquele dado momento fundante.

O processo de refundação parte da sensação de que é preciso encontrar novo estilo de ser, de viver e de agir, pois as atuais e tradicionais formas e estruturas já não correspondem às necessidades, expectativas e propostas do presente e do futuro. Ao mesmo tempo, tal processo é alimentado pela convicção de que o carisma inicial é um dom de Deus também para hoje e amanhã e que ele tem um sentido e papel de grande força para o acontecer do Reino nas realidades atuais. O ministério prestado pelo instituto continua a ser o atendimento de uma necessidade que aí está.

Um dado muito positivo do vivido agora pela Vida Religiosa em sua busca de refundação é que não se trata de algo induzido de fora para dentro, mas de uma inquietação e busca experimentadas pelos próprios membros dos diferentes institutos de vida consagrada. É um acontecer que corresponde à proposta de autogestão da Análise Institucional. Isso significa uma força vital abundante e generosa, capaz de conduzir fortemente e por dentro a tarefa de desenhar o novo rosto da VR.

A busca do carisma e do espírito fundacionais não será uma atividade arqueológica de descoberta de múmias e de seres pré-históricos. Por isso, não é possível limitar-se a copiar o fundador e seus primeiros companheiros nos detalhes acidentais e nas palavras proferidas naquele contexto histórico do passado. O que importa é o projeto radical da fundação. Este é que deve ser refundado agora. A pura imitação de técnicas pastorais ou de atividades sociais e religiosas dos primeiros tempos levaria enganosamente à reprodução de modos de agir que estavam condicionados pelo momento histórico do passado, e que hoje seriam sem muito sentido e valor.[10]

É preciso que essa leitura do carisma esteja atenta aos diferentes sujeitos e suas diferentes participações e contribuições na concretização histórica do carisma inicial. Os sujeitos a considerar são os seguintes:

- ***o fundador ou fundadora***, como personalidade central chamada pelo Espírito Divino para a missão originadora da comunidade e sua missão, com sua história de discernimento entre certezas, inquietações e dúvidas, de abandonos e de buscas;
- ***companheiros e companheiras*** dos primeiros momentos, sujeitos de uma inter-relação de seus dons pessoais com as propostas fundantes, com atitudes participantes, dóceis ou conflitivas;

10 Garcia Paredes, José C.R., *Teologia de la Vocación a la Vida Consagrada*, Madrid, Instituto teológico de Vida Religiosa, Universidad Pontificia de Salamanca, pg. 68 ss.

- ***a comunidade inicial***, na qualidade de expressão histórica do feixe de relações interpessoais e de realização da missão primeira do instituto. Sua vida é por si mesma uma interpretação dos dons divinos manifesta através das respostas institucionais;
- ***a sociedade da época***, especialmente o povo de Deus que acolhe o instituto nascente em seu seio e usufrui de seu ministério, ou que se opõe ao novo e cria dificuldades para o seu surgimento e expansão;
- ***a autoridade hierárquica*** responsável eclesial pelo discernimento dos dons e carismas e pela aprovação das formas concretas assumidas pelo instituto em sua vida e missão.

O processo atual de refundação propõe, em seguida, passos de análise tanto da realidade presente e de suas exigências, dos fatores atuais, sejam internos do instituto sejam externos e ambientais, como do legado histórico dos inícios que esculpiu a identidade religiosa e social do Instituto. Pois será necessário encontrar soluções que harmonizem da melhor maneira a alma do instituto e o contexto presente.

O sujeito adequado para efetuar a leitura do carisma e espírito fundacionais é, em primeiro lugar, a própria comunidade. Ela os vive experiencialmente, por dentro, e pode desenvolver uma autocompreensão consciente e fecunda. Peritos exteriores contribuirão dentro da especificidade de suas especializações, ângulos de visão e respectivas metodologias. Mas seria um desvio o canonizar-se a comunidade atual em forma de intérprete infalível do carisma e vida, considerando-se apenas sua realidade em si mesma como perfeita manifestação dos dons divinos. É necessário que ela desenvolva uma vontade consciente e atuante de chegar ao conhecimento, purificado das marcas do tempo e das infidelidades pessoais e grupais, do carisma e espírito das nascentes do instituto.

Uma empresa leiga e civil também deve às vezes superar situações caóticas de crise. Não são os administradores burocratas nem os funcionários acomodados os adequados para tais momentos. A empresa necessita então de quatro tipos de pessoas:

- ***visionários*** e de imaginação fértil que intuitivamente descobrem caminhos, estratégias e recursos;
- ***líderes orgânicos*** que discernem metodicamente as propostas dos primeiros e traçam a reengenharia e os roteiros de soluções para os problemas;
- ***realizadores*** que assumem as atividades necessárias, administram recursos e orientam o pessoal para a superação do caos;
- ***corpo de funcionários***, capazes de reaprender, atualizados e metodicamente preparados para enfrentar novas técnicas e orientações.

A empresa tem necessidade de uma nova filosofia de relações humanas abrangente de toda sua clientela externa e interna, para poder reequacionar-se adequadamente.

A refundação não se equipara simplesmente com a reengenharia empresarial. Ela tem sempre a dimensão da graça divina e do apelo vocacional do Espírito. A história da salvação apresenta uma sucessão de líderes, homens e mulheres, suscitados por Deus, juizes, profetas, reis e comandantes, dirigentes e apóstolos, nas situações críticas de seu povo. Hoje e sempre Ele envia aos institutos profetas maiores e menores. Como sempre, profetas e profetizas podem ser acolhidos ou rechaçados.

Com freqüência, Deus concede a uma ou poucas pessoas os dons necessários para conduzir o processo de refundação. Por isso sempre será necessário que a caminhada do instituto se faça pela participação de seus membros nos diversos níveis de integração comunitária. Profetas maiores e menores e povo devem integrar-se na comunhão de respostas aos apelos divinos.

"Também cabe aos superiores e em sua medida aos formadores a tarefa de colaborar na refundação do instituto. Devem estar preparados para atuar criativamente, governando voltados para o futuro e antecipando-se na medida do possível aos desafios. Devem estar convencidos de que quem em última instância refundam os institutos não são as comissões, nem os capítulos, mas os indivíduos. Devem estar dispostos a manter-se em sua tarefa de refundação, inclusive quando a congregação rechaça seus esforços e inclusive os marginaliza. E para tudo isso devem ter a convicção de que este processo é uma aventura de fé que requer deles uma permanente e profunda união com Cristo e espírito de abnegação"[11].

Não será necessariamente o superior ou superiora maior, investido/a de autoridade formal a figura maior da refundação. Caberá sempre a ele ou ela estar atento/a para não abafar o Espírito nem calar os profetas. Discernimento dos espíritos, isso sim é sua missão, juntamente com a capacidade de incentivar e apoiar.

O processo de formação do instituto tem a missão de preparar as novas gerações e de renovar as mais antigas: não deixar que brotem e frutifiquem as sementes da resignação, do conformismo passivo, do medo, da falta de iniciativas. Nossos tempos não carecem de acomodados bonzinhos mas de pessoas corajosas e confiantes em Deus.

Espírito de fé, visão evangélica da realidade, escuta dos apelos divinos, leitura atenta dos sinais dos tempos, profetismo corajoso, são buscas espirituais imprescindíveis. A elas devem somar-se estratégias e técnicas de reformulação institucional para que aconteça de verdade a resposta ao chamado do Espírito para a refundação.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Estamos atentos ao Espírito na tentativa de encontrar estruturas institucionais mais adequadas às exigências do presente e do futuro? Que passos devemos dar quanto à refundação de nosso Instituto? É possível traçar um roteiro? De que maneira?
2. Estamos conscientes de que cada um de nós é chamado a participar corajosamente na reformulação institucional?

11 Garcia Paredes, Op.cit., pg. 79.

NOVO ROSTO DO(A) CONSAGRADO/A NA AMÉRICA LATINA

Pe. Edênio Valle, SVD

Absolutizar os caminhos e as propostas é uma atitude de auto-suficiência voluntarística que repugna ao Evangelho. Deus está preparando a hora da Vida Religiosa de amanhã.

1. Ao iniciar essa reflexão sobre o rosto do(a) consagrado(a) na América Latina, ocorreu-me espontaneamente um *insight*, que tomo como ponto de partida do artigo. Coisa interessante! Ninguém tem uma percepção imediata de seu próprio rosto. Essa é sempre mediatizada por algum intermediário e, em seu sentido mais denso, por alguém. O espelho, sem dúvida, é quem desde cedo nos familiariza com a imagem física de nós mesmos. Ele nos mostra no dia a dia, no ano a ano, cada detalhe, cada ruga, cada sombra ou brilho que altera a aparência cambiante de nossa fisionomia. Modernamente, a fotografia, o cinema e o vídeo trouxeram extraordinária contribuição a uma percepção mais dinâmica de nossa figura externa, rosto, corpo, andar. Tornaram mais plástica e real a imagem que fazemos de nós mesmos.

Mas, no tocante ao sentido interior de nossa auto-percepção, esses instrumentos todos são limitados. Uma adequada auto-imagem é fundamentalmente intermediada pela visão que os outros têm de nós. Se quisermos saber com propriedade quem e como somos e/ou, mesmo, parecemos, devemos perguntar aos demais como nos vêem externa e internamente. É no relacionamento com o outro que a auto-imagem que fazemos de nosso rosto passa a ser alimentada pelo que realmente somos do ponto de vista "ontológico". De um auto-retrato, necessariamente estático e externo, nossa auto-imagem passa a ser uma espécie de "vídeo" que flui em movimentos humanos essenciais. Com isto ela adquire uma "alma" que a qualifica e dinamiza desde dentro. Passa a ter um rosto, uma identidade individual. Diz-nos como e quem somos.

2. Creio que foi essa intuição que levou os Bispos da América Latina e do Caribe a se perguntarem, já em Puebla, em que espelho a Igreja da América Latina e do Caribe melhor poderia "des-cobrir" seu verdadeiro rosto. E a resposta que encontraram foi a de que é no rosto dos pobres que ela deve se olhar para "reconhecer", na história e nas condições de hoje, a presença e o caminho de Jesus (Puebla n° 31-39).

Em Santo Domingo, as linhas e nuanças deste rosto foram explicitados com maior

minúcia. Os Bispos afirmam aí, enfaticamente, que o rosto do Senhor está presente é nos rostos "desfigurados", "desiludidos", "humilhados", "aterrorizados", "angustiados", "sofridos", "cansados" e "envelhecidos" (DSD n° 178). É nesse espelho que seus traços mais profundos se refletem, traçando para o mundo a figura do próprio Jesus. Por esse caminho a Igreja chega a se conhecer em profundidade, no tocante ao seu ser e à sua missão. Seu rosto torna-se, no sentido mais próprio e concreto da metáfora, o rosto dos pobres, pois são eles o critério da chegada do Reino (Lc 7,18-23) e a pista que a encarnação do Verbo nos deu para "restaurar o rosto desfigurado do mundo" (DSD 13).

3. A Vida Religiosa (VR) na América Latina aceitou assumir essa via na busca de redefinição de sua identidade teológica e histórica. O rosto dos pobres está passando, aos poucos, a ser para ela o critério e a "provocação" (expressão usada pela Exortação *"Vita Consecrata"*) mais importante que o Espírito Santo lhe propõe, nesta segunda metade do século. A opção evangélica pelos pobres e a inserção em seu meio não são, porém, fotografias já acabadas a serem guardadas. São, muito mais, uma pista evangélica e um processo espiritual concretizável através de um contínuo confronto com o escândalo da miséria e da exploração características de nossa realidade. Exigem um contínuo mirar-se e remirar-se no espelho vivo dos pobres. Os/as consagrados/as compreenderam, em sua prática de vida, que é só se abrindo a este caminho, que a exemplo da Igreja, poderão autenticamente des-cobrir "seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos" (DSD n° 179).

4. Pressupondo a relevância dessa premissa fundamental, perguntemo-nos, em seguida, (I) qual o rosto da VR para os outros, em especial os pobres?; (II) como nós, os religiosos/as, somos vistos pela Igreja oficial e como vemos nosso próprio rosto?; e, finalmente, (III) que visão ideal está sendo construída na vivência dos últimos decênios? A resposta a essas questões pode ser muito elucidativa para um retrato realista de nós próprios em nossas buscas de hoje e de amanhã.

I. O QUE DIZEM OS OUTROS DA VIDA RELIGIOSA?

Durante a fase preparatória do Sínodo sobre a Vida Consagrada foram realizados na América Latina intensos debates em torno das 25 perguntas levantadas pelos "*Lineamenta*". Uma dessas questões indagava exatamente pela visão que *os outros* têm da Vida Consagrada. Muitas comunidades de religiosas/os andaram perguntando às pessoas sobre o conceito que essas se faziam da VR. No caso do Brasil, uma Comissão sintetizou o material recolhido. Baseamo-nos, a seguir, nestes dados do Brasil[1]. Supomos que eles, embora parciais, possam servir como base para uma consideração mais geral do que se passa também no resto da AL. Parece que um importante fator na determinação da percepção que *os outros* têm da VR (falaremos mais especificamente dela e não da Vida Consagrada em suas várias modalidades), depende muito do lugar desde o qual os outros nos olham. A percepção que de nós têm os mais pobres é distinta da daqueles que se encontram melhor situados na sociedade e na cultura latino-americanas modernas.

1. Como nos vêem os mais pobres?

A percepção que os pobres têm de nós, por sua vez, está longe de ser homogênea.

1 O Relatório da CNBB à Secretaria do Sínodo não foi publicado. Consta do arquivo da CRB e foi aí consultado pelo autor.

Ao contrário, é bem desigual. Constata-se entre eles, tanto a valorização, quanto a desvalorização da VR. E isto tanto do ponto de vista teológico quanto do ponto de vista sociocultural.

Duas coisas parecem certas. A VR, é percebida pelos pobres como pouco vizinha ao seu mundo. Além disto, a visão que o povo mais simples tem da VR é bastante influenciada pela imagem passada da VR. O imaginário popular concebe a VR e o seu aparato sociológico de obras na linha do assistencialismo e da segregação. Tal imagem cultural não corresponde ao que a VR quer ser hoje, mas é de fato o enfoque principal das camada populares especialmente as urbanas. Por razões históricas, que não vem ao caso discutir aqui, estamos social e culturalmente distantes do cotidiano real do povo, acastelados em obras construídas segundo um modelo, já ultrapassado, que desconhecia o status preferencial que cabe aos pobres na evangelização e no amor da Igreja à humanidade.

Pode-se supor que essa imagem recobre a totalidade das camadas pobres da população? As respostas vindas da base levam-nos a dizer que não. Ali onde a VR inserida se acha efetivamente presente e atuante, o povo dos pobres a conhece, a respeita e a quer muito bem. Nessas situações, que continuam crescendo em número e significado, o povo percebe e valoriza não apenas o bem que a presença dos religiosos/as lhe traz. Aprecia também a motivação teológica que explica e dá sentido à opção e conseqüente estilo de vida dos religiosos/as. Muito embora a VR inserida se distinga sociologicamente dos ambientes onde se faz presente, ela é sentida como parceria dos pobres e não como emissária de um mundo que lhes é estranho e mesmo hostil. Prova desta nova percepção é o grande aumento de vocações provenientes desses meios populares. É uma mostra inequívoca de que há uma irradiação do sentido da VR nestes bairros e comunidades de base onde a religiosa e o religioso procuram viver mais dentro da vida e da cultura do povo. Claro que o fenômeno do aumento das vocações de extração realmente "popular" precisa ser considerado de outros pontos de vista, pois tem sua carga de ambigüidade. Mas não é isto o que estamos discutindo aqui. Queremos tão somente mostrar que as respostas recebidas apontam claramente para o restabelecimento, ao menos, inicial, de uma ponte entre a VR e o mundo dos pobres. A "grande VR" que foi institucionalizada segundo padrões históricos do passado, começa a ter, assim, pela mediação da VR inserida, um espelho onde poderá se ver e rever com mais diafanidade evangélica.

Mas o outro lado da moeda existe e tem grande força. O sentido que a VR tem enquanto sinal do Reino é muitas vezes opaco e sem expressão. Uma Comunidade Religiosa, residente em umas das mais miseráveis e violentas regiões urbanas do Brasil (a chamada Baixada Fluminense, próxima à cidade do Rio de Janeiro) escrevia em sua resposta:

> *"Aqui em nossos bairros a VR é uma grande desconhecida. Não há hostilidade. Apenas – e isto é tão doloroso constatar – inexistimos para essa gente toda".*

Em outras palavras: o lugar social efetivamente ocupado pela VR a torna ainda um sinal quase incompreensível para quem é pobre. E pobre, em regiões geo-econômicas como essa, são, no mínimo, 80% da população. Talvez seja essa a percepção que a imensa maioria dos brasileiros pobres tem da VR. Somos, para esses nossos irmãos, seres de outro planeta. Bonzinhos até, mas imensamente distantes!

2. Como a sociedade secularizada vê a VR?

Nos ambientes de classe média já afeitos à mentalidade urbana, a VR acha-se fisicamente mais presente. Nossas casas e serviços estão basicamente orientados para este

setor da população. Mas, a sua receptividade e ressonância evangélicas parecem decrescer continuamente. Em um passado não muito distante era desses ambientes que provinha a maioria das vocações, em especial as femininas. Hoje, é coisa rara sair uma vocação, por exemplo, de um colégio católico de classe média. De novo, são muitas as explicações para esse dado. Mas, ele revela que a VR pouco ou nada representa para esse segmento sociocultural.

Para a porção secularizada de nossa sociedade, mesmo quando freqüenta nossas escolas ou hospitais, a VR perdeu sua antiga atração e irradiação. A classe média moderna não percebe o sentido e a finalidade de sua existência. Quando muito, dá algum valor à sua funcionalidade. Os símbolos da antiga VR (roupa, clausura, obras) aparecem como até meio ridículos. Mesmo as chamadas "novas formas da VR" a impressionam pouco. Diz o citado relatório final:

> *"A modernidade (de esquerda e de direita) não é capaz de ver nas atuais formas da VC, inclusive na VR inserida, um sinal transcendente. Em geral tem uma crítica forte às obras dos religiosos/as. A maioria, aparentemente, é indiferente às motivações e às tentativas da VC em seu processo de "aggiornamento". É um mundo sem interesse para esse mundo moderno. Há uma pequena exceção quando se trata da presença e atuação social e política em torno da justiça. Mas, também aí, a dimensão teológica é prescindida ou considerada apenas em seu aspecto funcional. A juventude, neste setor cultural, não se liga por nada à VR. Para ela os votos são incompreensíveis" (p.3).*

Parece que não se trata de "valorizar ou não a VC" enquanto tal. Para as novas classes médias urbanas brasileiras (não sei até que ponto o mesmo se dá em outros países da AL) este tipo de vida, também a VR inserida, é simplesmente destituído de significado. A modernização de nossa sociedade e a cultura que essa trouxe consigo quase não permite se ver na consagração a Deus, um "signo" eloqüente do transcendente, cristão (ou mesmo não-cristão). Na parte da população já afetada pela modernidade existe, sim, uma busca do sagrado. Só que essa se orienta em direção a outros lugares e símbolos. A maioria parece ser indiferente às motivações e tentativas de "aggiornamento" que a VR vem fazendo. São coisas irrelevantes para a mentalidade que está se instaurando devido às mudanças sociais ainda em curso. Esse fato nos deve levar a perguntar com seriedade se a falha está do lado de lá ou de cá, isto é, do nosso lado. A questão é, antes de tudo, de teologia e espiritualidade, mas não pode prescindir do contexto sociocultural.

II. A VR NO ESPELHO DA IGREJA OFICIAL E DA PRÓPRIA VR

1. O rosto da VR à luz das "mútuas relações"

O que a Igreja nos diz em nível de magistério, já ficou sintetizado no que acima se mencionou dos documentos de Puebla e Santo Domingo, expressando o magistério pontifício. Temos aí a grande diretriz de fundo. No entanto, o que se ouve dizer é que, no varejo, existem tensões, como a crise da CLAR, no início da década de 90, deixou claro, mas que, no conjunto, reinam a harmonia e a confiança, de ambos os lados.

Não temos estudos sérios a respeito da real percepção que os Bispos têm da VR em geral. Uma das poucas pesquisas é a realizada pela Conferência dos Religiosos do Brasil, de 1993, respondida por 190 Bispos brasileiros (sobre 235 questionários distribuídos)[2]. Ela mostra que acima de 95% dos

2 Também esta pesquisa não foi publicada. Consta dos arquivos da CRB.

respondentes têm a VR na mais alta estima. O único ponto negativo que, aliás, volta insistentemente, é o de que os religiosos/as continuam se comprometendo pouco com os objetivos, problemas e prioridades das Igrejas locais. As Províncias tendem a ficarem centradas em seus interesses mais particulares. No mais, em 12 diferentes aspectos da presença e atuação da VR em nível local, a avaliação é positiva.

Não se pode, porém, esquecer o pequeno, mas ativo e influente percentual dos Bispos que têm outra opinião. Parte desse grupo talvez não tenha respondido ao questionário. Na aula sinodal de 1994, em Roma, ouviu-se sua voz. Logo no segundo ou terceiro dia do Sínodo, alguns Bispos latino-americanos externaram um parecer depreciativo a respeito da VR concreta. Entre eles estava também um Bispo do Brasil, presente no Sínodo (não por eleição de seus pares!). O retrato bastante sombrio por eles apresentado provocou surpresa e um certo "frisson" na Assembléia Sinodal que, decididamente, resolveu não apoiar a ótica da suspeita sistemática desses poucos Bispos. Bem outros foram a perspectiva e o tom assumidos pelo Sínodo nos dias seguintes. Essa mesma ótica mais objetiva foi mantida pela Exortação *"Vita Consecrata"*. Nessa última, o retrato feito da VC é tão luminoso que até leva os consagrados/as a se sentirem meio envergonhados. Eles/as bem sabem que são inúmeros os pecados, omissões e lacunas da VR real. Oxalá fosse o quadro assim luminoso e "transfigurado".

E os religiosos/as, como pensam que os Bispos e as Igrejas locais os vêem? Nas respostas chegadas à Comissão é dito que em muitos lugares se tende a considerar e valorizar a VR preferencialmente em sua perspectiva "funcional". Isto vale, de maneira especial, para os Religiosos Clérigos e para as Religiosas que assumem um papel pastoral direto na vida das dioceses e paróquias. Ambos os grupos tendem a ser vistos e valorizados quase só em sua utilidade apostólica no quadro das prioridades diocesanas. O específico de sua vocação e carisma de consagrados fica quase sempre em um apagado segundo plano, em detrimento da VR e da própria vida cristã da Diocese.

Entre os religiosos e religiosas que atuam em obras não imediatamente ligadas à ação pastoral dos Bispos (leia-se: os que não trabalham em paróquias e cúrias metropolitanas), há uma forte queixa de que estão sendo marginalizados da pastoral de conjunto e cada vez mais deixados a si próprios. Carregam sozinhos o peso da direção e manutenção de obras, erigidas há 50 ou 80 anos atrás, por insistência do episcopado. Agora, esse fardo bastante grande e em si pastoralmente rico, está sendo ignorado por inúmeros Bispos, presbíteros e leigos atuantes, ocupados em conseguir objetivos pastorais de outra natureza que acabam por desvalorizar modalidades mais institucionalizadas como as das obras.

Os religiosos/as que dirigem as escolas, instituições de assistência social e hospitais católicos se vêem obrigados a enfrentar sem apoio direto das Igrejas locais os pesados desafios decorrentes das imposições do mercado neoliberal e do sufocante controle estatal. Cria-se, assim, uma situação de impasse que tem sérias conseqüências internas e externas para a VR e para os religiosos/as.

2. VR na visão dos próprios religiosos/as

Olhemos, agora, para dentro da própria VR. Como se vêem os religiosos e religiosas? Falemos, primeiro, do quotidiano real. Com a palavra, o relatório da CNBB-CRB, enviado à Secretaria do Sínodo:

"Dentro da própria VC, um pequeno número de respostas diz que muitos religiosos perderam o sentido de sua vocação e que a VR decaiu. A quase totalidade das respostas, no entanto, mostra uma VC empenhada em se

repropor desde suas fontes originais, embora alguns mencionem a existência de um certo cansaço, em virtude da situação atual da Igreja e da sociedade brasileira".

Explicitando um pouco melhor temos o seguinte quadro geral:

- *A VR contemplativa* experimenta certo crescimento e retomada. Há uma atualização teológica e espiritual marcante. Ela provém do esforço das próprias Ordens e deve muito ao programa de formação das Contemplativas (de nome "Profoco"), que há 20 anos a Conferência dos Religiosos do Brasil vem conduzindo. Além disso, os atuais movimentos de espiritualidade e oração estão contribuindo para uma revalorização da Vida Contemplativa. Contudo, para a ampla maioria da população e até para muitos dentro da Igreja, essa, em geral, continua sendo algo de difícil compreensão.
- Certos setores eclesiásticos (incluída aí a VR masculina) têm pouca estima pela VR *feminina*. A mulher consagrada *"é vista como alguém simplório e submisso e não com uma pessoa adulta, responsável, dedicada aos irmãos"*. Neste contexto, as consagradas são vistas desde fora e de cima. São mais utilizadas para o trabalho do que respeitadas e promovidas pelo que são, querem e devem ser na sociedade, na cultura e na Igreja – enquanto "mulheres" e enquanto "consagradas". Quando suas obras têm prestígio social elas encontram maior espaço e maior valorização. Há na VR feminina uma inquietação e busca que caminha em duas direções nem sempre conciliáveis. De um lado há uma pressão de cunho "eco-feminista" que pede uma revisão muito ampla da própria Vida Religiosa; de outro lado, existe a clara consciência de que a opção preferencial pelos pobres precisa seguir adiante, questionando mais radicalmente os atuais modelos. O povo percebe ambas as ênfases no modo de ser da religiosa hoje.
- A *VR masculina* é largamente considerada em função do sacerdócio ordenado e do ministério e não desde sua dimensão carismática. Os próprios *religiosos-presbíteros* experimentam dificuldade em expressar o dom religioso profético-carismático recebido de Deus para a construção da Igreja. Os *irmãos leigos "tendem a ser vistos nessa mesma perspectiva clerical e nem sempre sua busca de identidade e papel eclesial é compreendida e fomentada"*.

3. Auto-percepção teológica da VR

A Exortação Apostólica *"Vita Consecrata"* poderá trazer novo alento à teologia da VC. Sua discussão e aprofundamento teológico já tiveram início, também na América Latina. A CLAR publicou um Guia para a leitura da Exortação na perspectiva da *"traditio"* latino-americana[3]. Vejamos, à luz do relatório da CNBB ao Secretariado do Sínodo, como os consagrados/as do Brasil se percebiam e se descreviam teologicamente já antes do início do Sínodo. Este "auto-retrato" teológico poderá ser útil neste momento em que se inicia a recepção da Exortação pós-sinodal. Ele nos mostra que a auto-percepção que a VR latino-americana tem teologicamente de si coincide fundamentalmente com o que o Sínodo nos vem dizer. Apoiando-nos no texto do Relatório, salientamos alguns aspectos apresentados pelos Religiosos/as do Brasil como sendo os eixos de força de sua visão da VC:

- A raiz e fonte mais profunda da VR estão na "aliança batismal". Essa insere o consagrado/a no mistério de

3 Guia de lectura de la Exhortación Apostólica Post-Sinodal "Vida Consagrada", Bogotá, CLAR, CLAR 1996.

Deus Uno e Trino, estabelecendo/a simultaneamente na comunhão de todo o povo de Deus, dotado de distintos ministérios e carismas para realizar no mundo o desígnio do Pai. Fora dessa solidariedade radical na graça e na consagração batismal não se pode conceber a vocação específica do consagrado/a na Igreja, nem o sentido mais profundo de sua entrega ao absoluto de Deus. Tampouco se torna claro o sentido do chamado pessoal à santidade e à missão que Deus faz a cada vocacionado (p.4).

- A essa luz se vê melhor a centralidade do seguimento de Jesus (de sua pessoa, missão, vida e testemunho). O dom do seguimento segundo os conselhos é dado como carisma do Espírito para o bem de toda a Igreja (p.1).
- A missão da VC deve ser entendida cristológica e pneumatologicamente como "um ser-radicalmente-enviado". A missionariedade da VR supõe, entre outras coisas, a escuta da Palavra (o discipulado), a misericórdia vivida, o compromisso de vida com os mais pobres, o testemunho de comunhão, o serviço aos irmãos na linha do carisma congregacional, a comunidade fraternal ou sororal com partilha de vida, oração e missão, a contemplação na vida, o espírito das bem-aventuranças, a vivência do *"Magnificat"* de Maria, a *"homologia prós Theon"*.
- Em uma linha mais pragmática os religiosos/as mencionam vários aspectos aos quais referem o seguimento e a vivência dos conselhos: a possibilidade de servir concretamente à humanidade; o assumir as tarefas mais desafiantes da Missão e do amor ao próximo; a inserção nos areópagos da modernidade; a inculturação, etc. Além disso, vêem a VR como proposta alternativa e profética aos valores e modelos da sociedade existente com seu individualismo, ambição de poder, do ganho e do prazer.
- O "núcleo essencial" da espiritualidade vivida pela VR reside, segundo o relatório, na comunhão e intimidade com o Pai. É uma vida segundo o Espírito Santo, no seguimento de Jesus. A força do Espírito leva à entrega total da vida a Deus e aos irmãos, na perspectiva do Reino. Impele ao discernimento amoroso da vontade de Deus nos sinais do tempo e nas situações da vida. Expressa e concretiza a comunhão-missão eclesial presente no carisma vivo de cada Congregação e de cada pessoa... (p.4). É uma espiritualidade necessariamente encarnada e radicada na páscoa de Jesus. É uma entrega e uma diaconia permanente, cuja pedra de toque é a opção missionária de Jesus e da comunidade de seus discípulos. É uma espiritualidade martirial que brota da solidariedade profética e da partilha de vida com os pequenos e oprimidos (p.4). Passa, portanto, pela kenosis e a cruz do Senhor. Contempla, nos pobres, os sinais da morte e da ressurreição do Senhor. Quer ser um signo escatológico do Reino.

III. UM ROSTO IDEAL PARA A VR LATINO-AMERICANA

1. Que traços do novo rosto da VR acentuar?

Alguns pensam que os movimentos católicos, do tipo da Renovação Carismática, Neo-Catecumenato e outros, poderão trazer uma modificação neste panorama e situação. Faço parte dos que vêem essa modificação como não excluível, embora remota. O que é importante notar é que uma evolução nessa direção – que está parcialmente acontecendo – criaria uma nova ambigüidade no rosto histórico da VR. De vários pontos de vista, parece-me que não é por aí que a Igreja deve incentivar a busca de caminhos para a reconstrução da VR no país

e no continente. Com isto, não se está afirmando nem o caráter secundário da espiritualidade (da *"pietas"*), nem se defendendo a existência de um modelo único e exclusivo. Ao contrário, a espiritualidade é absolutamente decisiva para o projeto da VC. É uma exigência absoluta do seguimento de Jesus. Sociologicamente, está aí a agitação mística da classe média e da população pobre de nosso país a demonstrar claramente a urgência de um horizonte espiritual em sociedades e culturas como as nossas. Um certo pluralismo, além de historicamente inevitável, é uma necessidade. Oferecerá à VR melhores condições de expressão e de penetração em todos os ambientes sociais. O que quero salientar é que na América Latina, essa espiritualidade passa necessariamente pela opção preferencial e evangélica pelos pobres. Essa precisa tornar-se cada vez mais o grande critério discernidor e amalgamador de todas as formas de seguimento de Jesus na linha da consagração. Os quase cem milhões de pobres do continente têm o direito evangélico de exigir da VC um entrega mais plenamente encarnada de nosso amor.

Não é que todos/as os religiosos/as devam "se inserir". O que toda a VR precisa compreender, de maneira cada vez mais coerente, é que a VR latino-americana, se quiser ser seguimento de Jesus em um continente traumatizado pela opressão e a injustiça, deve se mirar e remirar no rosto dos pobres. Esse caminho é exatamente o apontado pelos Bispos no Documento de Santo Domingo. Estão indicadas aí as pautas novas para a concretização de tal caminho. Uma delas, fundamental e não dissociável da *inserção* e da *libertação*, é a *inculturação* (cf DSD 87 e 230). É no nível dessa prática e compromisso de um testemunho evangelizador comprometido com os problemas, já indicada por Paulo VI (E.N. 19), que serão verificadas a autenticidade e a força profética de todas as formas do seguimento de Jesus na América Latina.

Pessoalmente vejo como mais inspiradores e "provocativos" testemunhos de vida de pessoas como os da Irmã Genoveva Boyé, das Irmãzinhas de Charles de Foulcauld, e do religioso e Bispo claretiano Dom Pedro Casaldáliga. O testemunho destes dois Religiosos, ambos atuantes na Prelazia de São Felix do Araguaia, se complementa de maneira admirável. Dom Casaldáliga é por demais conhecido. Poucos conhecem a Irmã Genoveva que vive, desde 1952, na aldeia dos índios Tapirapé. Genoveva, no mais puro estilo evangélico, tornou-se índia com os índios. Vive aí há mais de 40 anos! À sua chegada, a tribo estava em franca decadência. Morria quase. Não passava de 50 pessoas ao todo. Hoje são 400, divididos em 2 aldeias. Têm dignidade, consciência de si e orgulho de sua cultura. Estão preparados para enfrentar, como índios, os câmbios que estão acontecendo. Conhecem o Evangelho das bem-aventuranças. Seria essa a sua situação sem a presença e o compromisso de vida de Genoveva e de Pedro? Não seria, acaso, através de espelhos como esse que o todo da VC deveria se ver e se discernir em seu processo de conversão ao Reino?

2. Atitudes exigidas pelo momento presente

O momento que a América Latina e o Brasil vivem é acabrunhador. Reina um clima de des-esperança. A tônica, em termos de povo, é de passividade e certo desânimo. Não se consegue ver claramente por onde caminhar. Em termos da vida do povo pobre, crescem a olhos vistos a miséria e o abandono. As novas perspectivas da economia e da política não são nada alvissareiras para quem sonha com um mundo melhor. Não há, ao que parece, nem mesmo alternativas viáveis para um processo de renovação do continente. Não é fácil em alguns contextos discernir no que está acontecendo o que pode trazer mudanças na linha da justiça e da fraternidade e o que é semente de morte.

Mas a Igreja e a VR não podem perder de vista algumas perspectivas no processo. Delas dependerão os traços do rosto da Igreja e da futura VR da América Latina. Mais ainda, delas dependerão a santidade, a vitalidade profética e a força irradiadora que são a razão de ser da VC no mundo. Os pobres se alegrarão e saberão que o Reino está próximo se constatarem na vida dos consagrados/as essas atitudes que testemunham o Reino:

- O mais urgente, talvez, seja nossa capacidade de resistir na caminhada. Há atualmente a tentação forte de ver só o negativo. Corremos o risco de nos acostumarmos à não-esperança, de não acreditar na força de Deus presente na vida e nas lutas dos pobres. É preciso manter viva nossa capacidade de admirar como Deus escreve certo por linhas tortas. Os pobres resistem, malgrado a onda de sofrimento que se precipita sobre eles. Devemos estar, ao seu lado, consolando-os em sua aflição e abandono, edificando-nos com sua coragem e sua fé no poder de Deus. Mais ainda do que há 20 ou 30 anos atrás, essa é a hora de renovarmos a nossa opção preferencial pelos pobres. O novo cenário, determinado pelo fim do socialismo real e pelas mundializações do chamado modelo neoliberal, torna evidente o caráter excludente do novo sistema que está sendo imposto ao mundo. Já não existe a ideologia marxista a dar sustentação política pela libertação dos povos. Cabe aos cristãos, em virtude de sua fé, unirem-se às pessoas de boa vontade para dizerem não à iniquidade deste sistema suavemente mais cruel.
- Dizer não ao sistema, mantendo ativa a esperança e a luta, supõe um exercício permanente de análise crítica da situação da realidade em que vivemos. Essa atitude, em Medellin, deu à Igreja da América Latina um impulso novo e vital. Não podemos abandoná-la, agora. Neste momento ela é tão ou mais urgente do que nos anos 60. Temos hoje condições melhores para ser críticos no campo da política, da história e da economia, sem colocar em perigo, como temiam muitos, a integridade da fé e da reflexão teológica cristã.
- Ter olhos e ouvidos para todas as dimensões que constituem a vida do povo pobre. Não cair nas estreitezas materialistas das esquerdas e das direitas políticas. Valorizar todos os aspectos qualitativos que enriquecem a cultura e o quotidiano de nossos povos. Beber de seu espírito comunitário, de sua capacidade de solidarizar-se, de sua generosidade. Mergulhar fundo em sua espiritualidade, em sua vida de oração, em sua busca de Deus e do reino. Entrar bem dentro de sua experiência cultural. Não ter receio, ao mesmo tempo, de reconhecer o lado obscuro e pecaminoso que existe na vida de nosso povo. Mas, fazê-lo desde dentro, como companheiro, e não como quem de cima e de fora se arvora em juiz. Fazê-lo pedindo pela omissão e pela parte de culpa que nos cabe no doloroso processo vivido pela América Latina. Fazê-lo perseverando na busca de novos caminhos e na reorientação das grandes obras herdadas. Fazê-lo com abertura aos leigos a quem cabe um protagonismo inédito em uma Igreja demasiado clerical em suas estruturas e modos de pensar e agir.
- Criar na Igreja e na VR espaços para a acolhida do povo, em especial dos mais excluídos. Este foi o tema da Campanha da Fraternidade da Igreja do Brasil no ano de 1996. Nessa reflexão quaresmal se percebeu a urgência de assumir as organizações e os movimentos populares, por mais combatidos e frágeis que se sintam. Apesar de todas as contradições e obstáculos cabe-nos apoiar o papel dos mais pobres na construção da democracia e

no exercício da cidadania. As CEBs, conservando sua autonomia e sua dimensão religiosa, são um espaço que a Igreja precisa preservar e potenciar para que o povo tenha vida e dignidade. Elas são um dos lugares cristãos nos quais os movimentos populares devem ter apoio.

- É hora de "descer para encontrar a Deus" (Benjamin Buelta). A conjuntura exige da VR um aprofundamento permanente da experiência do seguimento de Jesus e da comunhão com Deus e os irmãos. Cultivar a oração encarnada, contemplar Deus agindo no meio dos pobres, na vida quotidiana e na história coletiva, celebrar a vida e a esperança: eis as linhas que precisam ser aprimoradas nos anos vindouros. É por aí que poderemos atravessar os anos de inverno na sociedade e na Igreja, confiados cada vez mais no Espírito e na Palavra de Deus.
- A evangelização vista na perspectiva da inculturação tem um "ir-e-vir", uma "circularidade" (Ronaldo Muñoz) que devem ser praticadas e aprofundadas. No meio do povo, a VR deve aprender a dar e receber, a evangelizar e ser evangelizada, a ser discípula e a ensinar. Antes que o missionário chegue, o Espírito já o soprou. Reconhecê-lo é hoje fundamental para a instauração do reino com espírito, inteligência e coração aberto a todas as sementes do Verbo.

3. "Eis que se fez uma realidade nova" (2Cor 5,17)

A XXIII Semana Nacional para os Institutos de Vida Consagrada (Madrid, 1994) tinha como tema a Boa Nova anunciada por Paulo aos Coríntios: *"passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova"* (5Cor 2,17). Vale a pena, a modo de arremate desta reflexão, recordar os traços que nesta Semana[4] foram mostrados no rosto da VR que está emergindo na América Latina, por entre dores de parto. Mesmo sabendo que o único rosto do Senhor se apresentará sob muitas e variadas formas, dizia-se aí que os traços marcantes seriam, provavelmente, os seguintes:

- "Terá um caráter mais marcante de *discipulado*.
- A pessoa de Jesus, sua práxis, terá um lugar privilegiado na vida e na missão da comunidade religiosa muito mais visivelmente comprometida, em seu estilo de vida, lugar sociocultural e serviço, com a causa dos pobres.
- Nessa mesma linha, haverá, no Brasil, um paulatino câmbio étnico-cultural nos futuros membros das comunidades religiosas. À semelhança do que está acontecendo com o clero brasileiro, cada vez mais as vocações virão das classes sociais mais pobres, o que levará a um progressivo câmbio no atual estilo de vida, ditado pela visão e modo das classes médias, de costumes em parte não-brasileiros. Estará mais marcada pela missionariedade, pela disponibilidade mais consciente a recuperar em termos novos o carisma fundacional, refundando-o em função das urgências da missão, discernida com e na Igreja local, mas tendo em vista a universalidade inerente à vocação religiosa.
- Será mais marcada pelo *profetismo*, em suas três acepções de uma profunda experiência da Palavra viva de Deus nas situações concretas em que a VR se encarna para poder expressar o que Deus lhe diz. Também no sentido de um *anúncio-denúncia* que aponta para *alternativas* de esperança, justiça e consolação.

4 Cf. Valle, Edênio, "Hacia un nuevo modelo de Vida Consagrada", in Garcia, J.C. Rey y otros, *Lo viejo pasó... ha comenzado lo nuevo*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 1994, 266-267.

- Será mais acentuadamente marcada por *rupturas* com o "mundo do pecado" para deixar clara a natureza de anormalidade contra-cultural (liminal e terapêutica) da relação que a VR tem com a sociedade, a cultura e a mesma Igreja.
- Ao mesmo tempo ela será mais *secularizada*: terá um estilo de vida menos sacralizado; terá uma mais clara consciência de sua dimensão laical; estará mais aberta a uma interação com o laicado: maior comunhão, participação e intercâmbio, na espiritualidade, no trabalho e na economia de vida.
- Terá um rosto mais *feminino*, recuperando, nos termos de nossa época, a indispensável tensão criativa entre o masculino e o feminino, tensão perdida ou reprimida no modelo patriarcal vigente até o Vaticano II.
- Será mais *criticamente* consciente de *seu papel político* real em um mundo dividido. Tomará posições (estruturais, mais que subjetivas) melhor definidas em favor da justiça, o que lhe acarretará certa perda de 'status' e até alguma perseguição e rejeição.
- Será mais *pluralista* em suas expressões, donde o risco da dispersão, da fragmentação e do subjetivismo. Para evitá-lo, deverá:
  - Criar *comunidades vivas*, com um sentido internalizado de pertença e com compromissos comunitários assumidos livremente pelos membros. Serão comunidades de vida e missão, mais que aglomerados de pessoas funcionalmente justapostas.
  - *Constituir comunidades contemplativas* que deverão aprender a viver estilos e momentos diferenciados de inserção ativa e de contemplação.
  - Dar às comunidades a oportunidade real de ter um *rosto popular: indígena e afro-brasileiro.*

4. Aspectos ainda imponderáveis

Várias questões e possibilidades ficam no ar, dependendo de uma série de fatores e encaminhamentos ainda não ponderáveis. São *"quaestiones disputatae"* a serem esclarecidas pelo sopro do Espírito nos próximos decênios. Em parte os pontos acima enumerados são também afetados pelos mesmos fatores de incerteza. Só o futuro nos dirá por onde passarão os caminhos do amanhã:

- As comunidades do futuro serão *mistas*. De que maneira o serão é cedo para se dizer, uma vez que os impulsos que estão nascendo nas bases (as "novas formas de VC"), são ainda vistas com certa suspeita pela Igreja oficial, cuja postura de fundo continua sendo a de proteger o já constituído e aprovado pelo Direito Canônico vigente. Mas o que já está existindo em alguns países levanta as seguintes interrogações: será um estilo que mescla, simultaneamente, pessoas com um compromisso total e por toda a vida ao lado de outras totalmente comprometidas, mas apenas parcialmente engajadas na vida comum? Serão essas pessoas celibatárias e casadas? Serão as comunidades constituídas por mulheres e homens, podendo todos ter direitos iguais? Serão as comunidades só de católicos ou poderão delas participar cristãos evangélicos e mesmo de outras religiões?
- Até que ponto a Igreja abrirá espaço à participação plena da mulher em sua vida e em seus ministérios?
- Até onde a VR se deixará moldar pelas peculiaridades de cada povo, de cada cultura, de cada Igreja local? Como dará corpo à sua universalidade fundamental em um planeta que vai se convertendo em uma aldeia global?
- Necessita a VR, ou parte dela, assumir características secularizadas para poder ser um sinal mais visível do

Reino em uma cultura verdadeiramente planetária e, por isso, plural e pós-cristã?

A história sempre nos revela surpresas. Nelas está contida uma ação do Espírito que precisa ser discernida. Depois que passam as procelas, nós vemos com mais clareza. Absolutizar os caminhos e propostas é uma atitude de auto-suficiência voluntarística, que repugna ao Evangelho. Deus está preparando a "hora" da Vida Religiosa de amanhã. A nós, em especial aos que viveram a 'revolução' do Vaticano II, cabe fazer como o vigia de que fala o profeta Isaías: discernir no horizonte os sinais de que a aurora está para acontecer.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Alguns pobres têm visto a Vida Religiosa como uma realidade muito diferente e distante de sua própria vida. Já outros, em cujo ambiente a Vida Religiosa se acha inserida, os religiosos são parceiros presente e atuantes. O que fazer para que a Vida Religiosa seja percebida e valorizada entre todos os pobres?
2. Refletindo sobre a atuação de pessoas que vivem no mais puro espírito evangélico, que exemplos podemos encontrar e tentar reproduzir em nossa Vida Consagrada? Como será o novo rosto do consagrado na América Latina?

LEITURA ORANTE DA BÍBLIA: FONTE DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Frater Henrique Cristiano José Matos, CFMM

A Lectio Divina é, em si mesma, muito simples e à altura de qualquer pessoa que queira encontrar-se com o Senhor na sua Palavra.

INTRODUÇÃO

A Leitura Orante ou *Lectio Divina* é uma prática antiqüíssima na Vida Religiosa Consagrada, particularmente na tradição monástica. O Projeto da CRB-Nacional "Tua Palavra é Vida" (1° vol. em 1990 – 7° vol. em 1996) tornou-a conhecida e divulgada entre religiosos(as) *de vida apostólica*[1].

Quem efetivamente se enveredou pelos caminhos da *Lectio*, particularmente na modalidade sugerida no Projeto mencionado, experimentou pessoalmente e em comunidade como esta forma de leitura bíblica constitui um fator poderoso na renovação e dinamização da própria vida espiritual, dando motivação e fundamentação à nossa consagração.

A finalidade do presente texto é corroborar o Projeto "Tua Palavra é Vida" com uma reflexão sobre origens, conteúdo e estrutura da *Lectio Divina*, privilegiando sua vertente de leitura *pessoal*, uma vez que esta sempre se encontra disponível para os(as) consagrados(as), preparando e auxiliando, inclusive, sua modalidade comunitária como é apresentada didaticamente nos sete volumes da coleção da CRB.

Oxalá os(as) religiosos(as) descubram cada vez mais seu valor, fazendo da *Lectio* o eixo da sua vida espiritual[2]. Que na formação *inicial* e *permanente* a "Leitura orante da Bíblia" receba a atenção que merece e possa assim contribuir, de fato, para renovarmos *por dentro* nosso seguimento de Jesus, pois – como atesta São Jerônimo (+ 419) – "Quem desconhece as Escrituras, ignora o Cristo" *(Comm. in Isaiam, Prol. 1)*.

1. A BÍBLIA: PALAVRA DE VIDA

A Sagrada Escritura é "a grande Carta" que o Pai envia a seus filhos que peregrinam no mundo e com os quais se entretém mediante o Espírito Santo (cf. DV, n. 21). Nos Livros Sagrados Deus vem amorosamente ao encontro dos homens, transmitindo-lhes a *Mensagem de Vida*. Sua "Palavra

1 Escrevemos no artigo *Uma espiritualidade de Misericórdia*, na nota 13, p. 417 desta revista (Ano XXXII, n. 305, setembro de 1997): Trata-se, sem dúvida, da "mais significativa contribuição a uma autêntica renovação da VR no Brasil que nos foi oferecida no período pós-conciliar".

2 Uma iniciação à *Lectio Divina* encontra-se no livro "Vida Religiosa, um projeto em construção", cap. 5, p. 165-176 (Editora O Lutador, Belo Horizonte, 1994).

é Vida" para toda a Humanidade e para cada homem e mulher em particular. Lendo a Bíblia "descobrimos que a Palavra de Deus se encarna não só naquelas épocas do passado, mas também hoje, para poder estar conosco e ajudar-nos a enfrentar os problemas e a realizar as esperanças: Oxalá ouvíssemos *hoje* a sua voz! (Sl 95,7)[3].

Escutando e meditando a Palavra, a partir de sua existência concreta, a pessoa *experimenta* a luz, a força e a presença criativa do amor de Deus. A Palavra divina é como uma semente (cf. Mt 13,19) que traz no seu bojo a vida (cf. Dt 32,47). Germina na História e na vida de cada pessoa, iluminando e nutrindo os que a recebem (cf. Sl 119,105), com uma nova sabedoria capaz de penetrar no segredo das coisas (cf. Rm 11,33).

A Escritura oferece a Palavra que *informa* dando-nos a *forma* de Deus, pelo fato de fazer-nos participar da vida, vontade e pensamentos do próprio Deus. Na visão dos Santos Padres *toda* a Bíblia nos fala de Cristo e a ele conduz. "Toda a Sagrada Escritura constitui *um só* Livro e este Livro único é Cristo, porque toda a divina Escritura nos fala de Cristo e se realiza em Cristo!" (Hugo de St. Victor (+ 1141), *De Arca Noe* II, 8). "Comemos e bebemos o sangue de Cristo no mistério [da Eucaristia], mas também na leitura das Escrituras", escreve São Jerônimo, no seu "Comentário sobre o Eclesiastes" (1,13) e conclui: "Para mim, penso que o Evangelho é o corpo de Cristo". Inácio de Antioquia (+ c. de 110), na sua "Carta aos Filadélfios" (5,1) falara, igualmente, do Evangelho "como da carne de Jesus" (5,1).

A Bíblia é o *Livro da Igreja*, comunidade de fé, antes de sê-lo da pessoa individualmente. Devemos ler a Escritura Sagrada e *escutar Deus* em Cristo, desde o interior de seu Corpo, isto é, a Igreja. De fato, "a busca em comum faz aparecer *o sentido eclesial da Bíblia* e fortalece em todos o sentido comum da fé. Por isso, é tão importante que a Bíblia seja lida, meditada, estudada e rezada não só individualmente, mas também e sobretudo em comum. Pois trata-se do livro de cabeceira da Igreja, da Comunidade"[4].

Por fim, somos convidados a nos tornarmos "servidores da Palavra", seus ministros, que nunca cedem à tentação de reduzir a Palavra aos caprichos de nossos interesses!

2. A "LECTIO DIVINA" OU "LEITURA ORANTE DA BÍBLIA"

2.1. Na tradição monástica

Não se exagera dizendo que a *Lectio Divina* é elemento constitutivo da vida monástica. Em si não segue um método fixo ou rígido. Procura-se na Escritura antes o "sabor" do que a "ciência", na convicção de que o "gozo" da Palavra divina abre a porta a uma compreensão mais íntima e profunda. Assim, o monge acolhe a Bíblia com "o ouvido do coração" [*in aure cordis*] e a saboreia com "o paladar do coração" [*palatum cordis*], na expressão atribuída a São Gregório Magno (+ 604). No entanto, "a *Lectio Divina* não é (...) uma especialidade dos monges; ela pertence a toda a Igreja. É uma condição necessária para que a Palavra frutifique em nós"[5].

2.2. Conceito de "Lectio Divina"

Não se trata de uma "leitura espiritual" ou texto de "edificação" e, menos ainda, de um estudo de caráter exegético ou intelectual.

3 CRB. Coleção "Tua Palavra é Vida", vol. 1 (1990), p. 19.
4 *Id., Ibid.*, p. 26.
5 BIANCHI, Enzo. "Rezar a Palavra". *In:* CIMBRA. "*Lectio Divina*", *ontem e hoje*. s/l, 1989 (Coleção "Valores monásticos à luz das ciências modernas", n. 3, vol. I), p. 60.

Lectio (=leitura) e *divina* são dois termos que conjuntamente indicam um *encontro dialogal* entre Deus que "fala" e a pessoa que "escuta", estabelecendo-se entre ambos uma comunicação no amor, sendo esta precisamente uma das características essenciais da Revelação divina: "... o Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1 Tm 1,17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15, 14-15), e com eles se entretém (cf. Br 3,38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber" (DV, n. 2).

Estamos diante de uma leitura saborosa e *orante* da Bíblia, realizada sob o influxo do Espírito Santo, tendo em vista um *diálogo amoroso* com o Senhor que faz crescer a fé e aumenta a esperança. Podemos com razão falar de uma *leitura existencial* da Palavra que ultrapassa de longe a curiosidade intelectual, envolvendo a vida toda de uma pessoa ou comunidade. Procura-se "água viva" para dessedentar a "sede do coração", isto é, a busca de sentido, paz, felicidade, enfim de salvação.

"A *leitura de Deus* – não se insistirá nunca o bastante nisso – é uma leitura gostosa e degustada, palatável. É saborear o Verbo, saborear a Deus, no Espírito Santo, que vivifica a letra e suscita no leitor um gosto secreto para que se ponha em harmonia com o que leu e responda com sua oração e toda a sua vida à Palavra do Pai"[6].

Sim, "pela *Lectio Divina* procuramos atingir o que diz a Bíblia: 'A Palavra está muito perto de ti: na tua boca e no teu coração, para que a ponhas em prática' (Dt 30, 14). Na boca, pela leitura; no coração, pela meditação e pela oração; na prática, pela contemplação. O objetivo da *Lectio Divina* é o objetivo da própria Bíblia: 'Comunicar a sabedoria que leva à salvação pela fé em Jesus Cristo' (2Tm 3,15); 'instruir, refutar, corrigir, formar na justiça e, assim, qualificar o homem de Deus para toda a boa obra' (2Tm 3,16-17); 'proporcionar perseverança, consolo e esperança' (Rm 15,4); ajudar-nos a aprender dos erros dos antepassados (cf. 1Cor 10,6-10)"[7].

2.3. O papel dos Santos Padres

A Bíblia é o livro por antonomásia da *Lectio*, pois é "tão grande o poder e a eficácia que se encerra na palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo e vigor para a Igreja, e, para seus filhos, firmeza da fé, alimento da alma, pura e perene fonte de vida espiritual" (DV, n 21). O *objeto específico* da "Lectio Divina" é, portanto, a Sagrada Escritura *em si*. Mas desde os tempos mais remotos, os monges entendem que a leitura da Bíblia não pode ser separada dos comentários que dela fizeram os Padres da Igreja. Foram eles, depois os Apóstolos, os primeiros "mestres espirituais" da Igreja. Viviam o que ensinavam e ensinavam o que viviam. É por isso que seus escritos transmitem ao mesmo tempo "doutrina" e "experiência", intimamente unidas numa só vivência. "Não importam os gêneros literários de que se servem os Padres: sempre explicam ou desenvolvem a Escritura. Mais ainda: tudo o que os Padres não somente escreveram ou disseram, mas também fizeram, está relacionado – segundo o pensamento dos antigos monges – com a Escritura; tudo se reduzia a uma ilustração, teórica ou prática, sobre ela... [De fato] 'viviam da Bíblia, pensavam e falavam pela Bíblia, com essa admirável penetração que chega até à identificação de seu ser com a própria substância bíblica' (Paulo Evdokimov)[8].

2.4. Duas modalidades de "Lectio"

2.4.1. A "leitura orante" a nível pessoal

Há aqui um encontro mais estritamente pessoal e íntimo com a Palavra de Deus.

6 COLOMBáS, Gracia M. *Diálogo com Deus. Introdução à "Lectio Divina"*. São Paulo, Paulus, 1996, p. 47.
7 Col. "Tua Palavra...", *op. cit.*, p. 18.
8 COLOMBáS, *op. cit.*, p. 109-110.

Trata-se de um *contacto freqüente* – de preferência diário – e *interior* com a Bíblia numa *experiência vital* com Deus. Por meio de minha reação de fé, amor e esperança, a mensagem divina contida na Escritura se converte em *apelo para mim*, "acontece comigo". "Ainda que eminentemente 'ativa', a *lectio divina* pode chamar-se ao mesmo tempo 'passiva' enquanto consiste também em deixar ressoar em nós a voz de Deus que nos fala, em deixar que sua Palavra nos transforma, em abandonar-nos a Deus"[9].

2.4.2. A "leitura orante" a nível comunitário

A *Lectio* pode (e deve!) ser feita também junto com meus (minhas) irmãos(irmãs), num colóquio fraterno que os antigos chamavam de *collatio* (colação). Compartilhar as experiências pessoais vividas em contacto com a Escritura, compará-las com os outros "ouvintes da Palavra", não deixa de ser um forte estímulo para prosseguir na prática da *lectio*. É justamente neste contexto que se situa a excepcional importância dos "encontros bíblicos" sugeridos na dinamização do Projeto *Tua Palavra é Vida*, da CRB.

Na "Vida de Santo Antão", escrita por volta de 357 por Santo Atanásio (+ 373), lemos este fato significativo: "Certo dia, todos os monges foram vê-lo e lhe pediram que lhes dirigisse a palavra. Disse-lhes em egípcio: 'As santas escrituras bastam para o nosso ensinamento, mas é bom que nos exortemos mutuamente na fé e nos animemos com conversações. Vós, meus filhos, trazeis ao vosso pai o que sabeis; eu, mais velho que vós, comunico-vos o que a experiência me ensinou. Que nosso esforço comum seja, antes de tudo, de não abandonarmos o que começamos, de não nos desencorajarmos no trabalho..."[10].

O significado desse "colóquio fraterno", a partir da Escritura Divina, é sublinhado igualmente pelo monge beneditino Samaragdo (+ c. de 825), no "Diadema monachorum" (PL 102, 63). Neste seu livro afirma que esta prática salutar e edificante contém: uma *confessio*, isto é, uma contribuição proveniente de testemunho pessoal; uma *collocutio*, isto é, um diálogo enriquecedor do ponto de vista religioso e cultural; uma *confabulatio*, isto é, uma conversação fraterna que constrói a comunhão mútua. Sim, conclui a monge: A *collatio* ensina como nos dispor a aprender dos outros, no que diz respeito ao amor, compreensão e aplicação da Palavra de Deus.

Outra testemunha é o Papa Gregório Magno (+ 604) que, recordando provavelmente os dias felizes vividos no mosteiro, fala numa de suas homilias: "Sei por experiência que muitas coisas da Palavra de Deus que não consegui compreender por mim mesmo, ficaram claras estando com meus irmãos. Acontece, assim, que, por graça de Deus, cresce o entendimento das Escrituras quando para vocês aprendo aquilo que ensino e percebo muitas vezes que é acolhido por vocês o que eu lhes digo" (*In Ezechielem* II,II, 1 – PL 76, 948-949).

3. DISPOSIÇÕES INTERIORES DA "LECTIO"

Quando entramos em comunhão com o Senhor através de sua Palavra viva e eficaz, devemos, como Moisés, "tirar as sandálias dos pés" porque o lugar em que pisamos "é uma terra santa" (cf. Ex 3,5). É necessário despojar-se de tudo que impeça uma comunicação vital com Deus. Um profundo *respeito* pela presença real do Senhor que vem a nós através de sua Palavra deve nos levar a criar *em nós* e *ao redor de nós* um clima propício para a *escuta*. Algumas sugestões podem ser úteis neste sentido: ter seu "cantinho sacro", um lugar preparado para a

9 *Id., Ibid.*, p. 61.
10 SANTO ATANáSIO. *Vida e conduta de Santo Antão*. São Paulo, Paulinas, 1991, p.39.

"leitura orante", onde estão: Bíblia, vela, ícone (p. ex. da Santíssima Trindade ou de Cristo) e banquinho para assentar ou almofada. Importante também é uma posição corporal correta que não canse e favoreça a concentração[11]. Há pessoas que gostam de usar incenso-em-palito enquanto meditam. Tudo isso pode ajudar para obtermos interiormente uma atitude de acolhimento, de recepetividade. Efetivamente, "nós nos preparamos para entrar no mundo de Deus e para sentir sua proximidade. 'Tu estás próximo, Senhor' (Sl 119,151). Às vezes com lentidão e com extrema dificuldade interior, às vezes com entusiasmo e rapidez, tomamos consciência de que Deus está ali, que estamos em sua presença (cf. Sl 84), e eis-nos capazes de colocar nosso coração em suas mãos, em seu coração, em suas asas (cf. Sl 61 e 91)"[12].

Seja como for, a *Lectio* sempre exigirá austeridade e pressupõe espírito de sacrifício, como aliás todos os verdadeiros valores a serem adquiridos na nossa vida! Comenta Guilherme de Saint-Thierry (+ 1148), na sua "Exposição sobre o Cântico dos Cânticos" (1,28): "...o conhecimento saboroso de Deus exige o silêncio, o segredo da solidão, ou então um coração solitário mesmo no meio das multidões".

Essa *atitude básica de escuta* somente é possível numa existência em que ela é cultivada expressamente, tornando-se uma maneira-de-ser da pessoa que se mostra pela abertura e disponibilidade na convivência.

A *invocação do Espírito Santo* é absolutamente imprescindível ao se iniciar a "leitura orante", porque ter acesso à Palavra de Deus é, antes de tudo, um *dom do Espírito*. Simeão, o Novo Teólogo (+ 1022), não hesita em dizer que "a Palavra somente se torna fecunda quando o Espírito de Deus anima aquele que lê". E São Gregório Magno (+604) afirma categoricamente que "as palavras de Deus não podem ser penetradas sem sua sabedoria. Quem não recebeu seu Espírito não pode de modo algum entender suas palavras" (Mor. 18,39.60). De fato, estamos sob a dependência do Espírito à procura de Cristo para contemplar o Deus único, nosso princípio e fim. Orígenes (+253) argumenta que para ler com proveito a Bíblia é indispensável um esforço de *atenção* e de *assiduidade*. O que não conseguimos com o próprio esforço deve ser pedido na oração "pois é absolutamente necessário rezar para compreender as coisas divinas".

A disposição interior pede uma entrega sincera, um abandonar-se em Deus, a fim de poder *discernir a sua vontade*. Deve ser evitada toda negligência na escuta da Palavra, pois segundo Cesário de Arles (+ 543) "aquele que não tiver escutado atentamente não será menos culpado do que aquele que, por descaso, tiver deixado cair no chão o Corpo do Senhor" (Sermão 78,2).

Em suma, "trata-se de escutar e de acolher, antes mesmo de refletir. Isto é, escutar a Palavra de maneira vital. A leitura é feita com todo o ser: com o *corpo*, pois normalmente pronunciam-se as palavras com os lábios; com a *memória* que as fixa, com a *inteligência* que lhe compreende o sentido. O fruto de tal leitura é a experiência"[13].

Uma característica essencial da "Lectio" é sua *gratuidade*: ela deve ser completamente desinteressada. Não se lê a Palavra de Deus, em primeiro lugar, para dela "tirar proveito" no sentido comum do termo. Sua finalidade primeira é simplesmente querer "estar com o Senhor", gozar de sua "presença amorosa". Segue daí que a "Leitura orante" deve ser pausada, alheia a toda pressa. O que se procura é saborear, mais que saber; admirar e

11 Veja: MATOS, Henrique Cristiano José. *A oração dos simples*, vol. III (O corpo na oração) Belo Horizonte, O Lutador, 1994. Particularmente o cap. 5: "Posição e gestos do corpo em oração", p. 41-55.
12 BIANCHI, *op. cit.*, p. 75.
13 *Id.*, *Ibid.*, p. 81.

não raciocinar ou questionar. O ouvinte da Palavra deseja a proximidade do Senhor que lhe vem ao encontro "como amigo" (cf. DV, n.2). Quer-se ouvir sua voz e sentir sua presença mesmo antes de captar o conteúdo formal das palavras. Exatamente esta experiência de comunhão recíproca é motivo de grande *alegria interior*[14].

Devemos esforçar-nos para *permanecer na Palavra* (cf. Jo 8,31-32) e assim, como discípulos(as) do Senhor, conhecer a verdade. Isso só é possível se houver *assiduidade*. Exorta João Cassiano (+ 435): "Eis aqui a coisa à qual deves aspirar por todos os meios: aplicar-te com constância e assiduidade à leitura sagrada até que uma incessante meditação impregne teu espírito e, por assim, dizer, que a Escritura te transforme à sua semelhança" (Conferência XIV, 11).

4. OS PASSOS DA "LECTIO DIVINA"

Entre os escritos de *Guido II*, prior da Grande Cartuxa, perto de Grenoble (França), de 1173 a 1180 e, provavelmente, em 1188, foi encontrada uma preciosa *Carta sobre a Vida Contemplativa*, na qual descreve os "quatro degraus" da "escada espiritual" [*Scala claustralium*] como meio adequado para fazer uma "Leitura Orante" espiritualmente proveitosa: *lectio, meditatio, oratio* e *contemplatio*. Guido parte da própria experiência e sugere essas quatro "etapas" para se obter uma *Lectio* vital e profunda. Não são "técnicas de leitura" mas fases de um processo dinâmico a fim de se assimilar a Palavra de Deus *na vida*. No fundo, são quatro atitudes permanentes que coexistem e atuam juntas, embora com intensidade diferentes conforme o degrau em que a pessoa se encontra.

Segundo o monge cartuxo "a *leitura* (1° degrau) consiste na observação [*inspectio*] atenta das Escrituras com aplicação do espírito. A *meditação* (2° degrau) é uma ação acurada (estudiosa) da mente para, como a ajuda da própria razão, obter o conhecimento de uma verdade oculta. A *oração* (3° degrau) é um entreter-se em Deus com o coração, pedindo que afaste os males e conceda o bem. A *contemplação* (4° degrau) é uma certa elevação da alma a Deus, conduzida acima dela mesma e degustando as alegrias da eterna doçura"[15].

Assim, "a *lectio* apresenta o alimento sólido, a *meditatio* o mastiga; a *oratio* o saboreia; a *contemplatio* é o próprio sabor!" (Guido II).

Em si, a *Lectio* é muito simples e possui uma estrutura transparente . Fundamentalmente consta de dois momentos[16]:

- A leitura atenta e religiosa da Bíblia, durante a qual se *escuta* a voz do Pai celeste que se dirige ao leitor-ouvinte pessoalmente.
- A resposta da pessoa através da *oração*, verdadeira adesão à Palavra e também expressão de louvor pela grandeza e bondade de Deus e de suas maravilhas salvíficas. Simultaneamente contém preces de intercessão e pedidos de perdão.

4.1. A Leitura

"O objetivo da *leitura* é ler e estudar o texto até que ele, sem deixar de ser ele mesmo, se torne espelho de nós mesmos e nos reflita algo da nossa própria experiência de vida. A *leitura* deve familiarizar-nos com o texto a ponto de ele se tornar *nossa* palavra"[17]. Percebemos, então, que

14 Cf. BAROFFIO, Bonifacio. *"Lectio divina e vita religiosa*. Leumann, Elle dc Ci, 1988, p. 13 (Collana "Vita consacrata", n. 6).
15 MATOS. *VR, um projeto... op. cit., p. 171.*
16 Cf. PANIMOLLE (org.), Salvatore. *Ascolto della Parola e Preghiera. La "lectio divina"*. Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1987, p. 15s.
17 Col. "Tua Palavra...", *op. cit.*, p. 23.

através do texto Deus quer *falar* conosco e comunicar-se.

4.2. A Meditação

A *meditação* é um processo de "apropriação" pessoal do texto mediante uma *atualização* e *repetição*.

4.2.1. Enquanto a *leitura* iluminou o trecho bíblico na sua realidade *objetiva*, a *meditação* quer interiorizar o texto, buscando seu sentido para nós, hoje[18]. Nesta "atualização" o ponto de partida é a *nossa* situação presente. Em função dela interrogamos o Livro sagrado, procurando nele luz para nosso agir. O texto, portanto, é trazido para *dentro* de nossa existência concreta tanto pessoal quanto comunitária.

4.2.2. Ao lado de uma "atualização" do texto é importante frisar a *repetição* ou *ruminação*, uma espécie de "mastigação" e "digestão" da palavra com o objetivo de assimilá-la melhor. Deixamos passar a Palavra de Deus da cabeça ao coração! Um método simples e comprovado numa tradição religiosa secular é a prática da *mantra*: um incessante repetir ao longo do dia de uma frase ou palavra que resume a substância da leitura bíblica[19].

Temos aqui um instrumento espiritual adequado para guardar *viva* a lembrança do encontro com o Senhor na mensagem de sua Palavra. Também, "através desta ruminação nós nos colocamos sob o julgamento da Palavra de Deus e deixamos que ela nos penetre, como espada de dois gumes (Hb 4,12), pois água mole em pedra dura tanto bate até que fura![20]

4.3. A oração

A oração é uma *resposta*, solicitada pela Palavra que nos foi dirigida por Deus. É ele que tomou a iniciativa de falar-nos (cf. Dt 4,12), "porque nos amou primeiro" (1Jo 4,10.19). Agora vem a nossa *retribuição*, configurada em oração e gestos de amor e obediência. A atividade orante brota espontaneamente do oração e se traduz numa admiração silenciosa e adoração do Deus da vida. No entanto, na sua simplicidade a oração "deve ser realista e não ingênua, o que se alcança pela *leitura*. Deve nascer da experiência do nosso nada e dos problemas reais da vida, o que se alcança pela *meditação*. Deve tornar-se uma atitude permanente de vida, o que se alcança na *contemplação*[21].

De fato, como nos diz São João Crisóstomo (+ 407), esta oração, ou *diálogo com Deus*, "é um bem incomparável, porque nos põe em comunhão íntima com o Senhor (...). Mas não é só no momento determinado para rezar que devemos elevar a Deus o nosso espírito. Também no meio das mais variadas tarefas é preciso conservar sempre viva a aspiração e lembrança de Deus, a fim de que todas as nossas obras, condimentadas com o sal do amor de Deus, se convertam em alimento agradável para o Senhor..." (Hom. 6, *De precatione*).

Freqüentemente a oração vem acompanhada de moções de *penitência* e *conversão*, no sentido de uma sincera mudança de coração (cf. At 2,37s) que a tradição monástica indica com o termo *compunção*. É natural que isso aconteça numa pessoa sintonizada com a Palavra viva do Senhor. Esta, de fato, "penetra até o mais recôndito, o mais íntimo do ser, onde o espírito sobrenatural se encontra com nosso princípio vital. E aí, no interior do homem, possui uma capacidade de julgar e sentenciar, porque obriga o homem a tomar posição; diante dessa palavra não é possível o compromisso nem a dissimulação. (...) Precisamente porque 'a Pala-

18 Cf. GIURISATO, Giorgio. "Lectio Divina" *hoje*. In: CIMBRA. *"Lectio Divina"..., op. cit.* p. 133.
19 Veja as orientações sobre "mantra" em: MATOS, Henrique Cristiano José. *A oração dos simples*, vol. I, 2a parte. Belo Horizonte, O Lutador, 1994, p. 25-47.
20 Col. "Tua Palavra...", *op. cit.*, p. 24.
21 *Id.*, *Ibid.*, p. 27.

vra de Deus pode exigir de mim hoje uma coisa que não exigiu ontem' – escrever H.U. von Balthasar –, 'devo permanecer aberto e atento para escutar o que exige'"[22].

4.4. A contemplação

Neste quarto passo a experiência de Deus se intensifica e aprofunda. Fixamos em Deus nosso olhar e nosso coração (Paulo VI) e vemos a realidade à luz de sua Palavra. Aprendemos assim a "pensar conforme Deus" (cf. Mt 16,23) e a interpretar cada situação segundo "o pensamento do Senhor" (cf. 1Cor 2,16). A realidade se torna diáfana e mergulhamos na essência das coisas onde vislumbramos e saboreamos a presença viva, amorosa e criativa de Deus.

A *contemplatio* contém em si a *operatio*. "A 'palavra da vida' dá a vida quando é realizada. Assim, a palavra de Deus nos acompanha na vida, enquanto é experimentada na ação. Esta experiência quotidiana serve por sua vez para compreender a palavra de Deus"[23]. Santo Ambrósio (+397) o resume assim: "A *Lectio Divina* nos leva à prática das boas obras. Realmente, da mesma forma que a meditação das palavras tem por fim sua memorização, de modo que nos lembremos das palavras meditadas, assim também a meditação da lei, da Palavra de Deus nos faz tender para a ação ela nos impele a agir"[24].

A contemplação não deve ser confundida com uma simples introspecção psicoanalítica nem com uma capacidade visionária. Pelo contrário, ela nos faz enxergar as coisas "a partir de Deus". São Bento de Núrsia (+547) o expressa no belo texto do Prólogo de sua Regra monástica: "... abertos os nossos olhos para a luz que nos diviniza, vamos *ouvir* com os ouvidos cheios de espanto a divina voz que diz: Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam os seus corações"[25].

Efetivamente, "a contemplação não só medita a mensagem, mas também a realiza; não só ouve, mas coloca em prática. Não separa os dois aspectos: diz e faz; ensina e anima; é luz e força"[26].

De outro lado, a *contemplatio* já faz saborear algo da alegria e gozo que "Deus preparou para aqueles que o amam" (1Cor 2,9). Introduz-nos numa "conversa tranqüila com Deus, sem outro desejo a não ser o de permanecer ao seu lado. Esta presença e esta proximidade tornam-se sempre mais silenciosas, como em um passeio entre amado e amante, em que, em um certo momento, após o diálogo e a alegria do reencontro, fica-se simplesmente um perto do outro. Não se diz mais nenhuma palavra, falam apenas os olhos e o coração. Assim, sempre mais próximo de Deus, conhece-se em profundidade seu pensamento, pressente-se claramente seu coração no texto e abandona-se a ele"[27].

Através da *Lectio* o ouvinte deve perguntar-se a si mesmo: como é que minha vida, a minha atividade, o meu apostolado, se tornam de fato "palavra de Deus", à luz daquela Palavra de Deus definitiva que é Jesus Cristo, misteriosamente presente na Escritura? Por isso, a *Lectio* faz situar a nossa fé no ritmo do quotidiano, no serviço diário ao Reino, tendo três impulsos particularmente significativos[28]:

- A *discretio*, ou seja, a capacidade adquirida no Espírito para *acolher* na vida o

22 COLOMBáS, *op. cit.*, p. 24.
23 TERRA, João Evangelista Martins. "Lectio Divina". *In*: ATUALIZAÇÃO 22 (1993), n. 243, p. 217.
24 Citado em: *BIANCHI, op. cit.,p.* 100.
25 *A Regra de São Bento.* In: SOUZA, Marcelo de Barros. *Na estrada do Evangelho. Uma leitura comunitária e latino-americana da Regra de São Bento.* Petrópolis, Vozes, 1997, p. 194.
26 Col. "Tua Palvra...", *op. cit.*, p. 30.
27 BIANCHI, *op. cit.*, p. 95.
28 Cf. MARTINI, Carlo M. "Lectio Divina" *e pastorale. In*: PANIMOLLE. *Ascolta... op. cit.* p. 218.

que é conforme ao Evangelho, rejeitando o que lhe é contrário. É o *discernimento* para conhecermos a vontade de Deus em situações concretas.

- A *deliberatio*, ou seja, a *escolha* consciente daquilo que corresponde à verdade da Palavra de Deus, ouvida com amor e assimilada com fé.
- A *actio*, ou seja, o agir subseqüente dentro de um comportamento "segundo Deus": um estilo-de-vida que traduz vitalmente a nossa "experiência de Deus".

Em síntese: a *Lectio Divina* decorre num processo dinâmico em si muito simples e à altura de qualquer pessoa que queira encontrar-se com o Senhor na sua Palavra. Podemos resumir este itinerário assim:

"1) Ler e reler, cada vez mais, até conhecer o que está escrito;

2) repetir de memória, com a boca, o que foi lido e compreendido e ruminá-lo até que, da boca e da cabeça, passe para o coração e entre no ritmo da própria vida;

3) responder a Deus na oração e pedir que nos ajude a praticar o que a sua Palavra nos pede;

4) o resultado é uma nova luz nos olhos que permite saborear a Palavra e enxergar o mundo de maneira nova. Com essa luz nos olhos, começa-se, novamente, a ler, a repetir, a responder a Deus, e assim por diante... Um processo que não termina nunca, sempre volta, mas que nunca se repete tal qual"[29].

5. Os frutos da "Lectio"

A *Lectio Divina* é um meio à disposição do Espírito para nos conceder a "mentalidade de Cristo". A teologia ortodoxa usa aqui dois termos característicos: o homem *pneumatóforo* torna-se *cristóforo*; comunicando-lhe a graça do Espírito Santo, através das Palavra, o Senhor configura de tal forma o fiel a Cristo, que ele reproduz em si a imagem de Jesus[30].

O contato pessoal (e comunitário), assíduo e profundo, com a Palavra de Deus produz no ouvinte uma *mensagem bíblica*: as idéias, expressões e imagens da Escritura se tornam seu "patrimônio espiritual". A pessoa começa a pensar e a falar a partir da Bíblia e como a Bíblia.

A "Leitura orante" da Escritura confere também à piedade um caráter mais *objetivo*. "Longe de baseá-la em imaginações e sentimentalismos inconscientes, a edifica sobre fatos, modelos e mistérios *reais*, com que o cristão procura identificar-se. Centra-o em Deus, ou, mais exatamente, em Cristo e na Santíssima Trindade"[31].

Quem pratica a *Lectio* sabe por experiência própria como ela exerce uma *função purificadora*, questionando-nos e, muitas vezes, virando-nos pelo avesso. A Palavra de Deus convida à *conversão*, é um "espelho" que põe a descoberto nossas incoerências e disfarces. Mostra-se "viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, junturas e medulas. Ela julga as disposições e intenções do coração' (Hb 4, 12).

Através da prática perseverante da *Lectio* o ouvinte converter-se-á em "homem de Deus", servidor e testemunha da Palavra. Torna-se sensível à passagem do Senhor e às inspirações de sua vontade, "cheio de seu Espírito de sabedoria, solícito ao santo louvor, disposto a servir a Deus em todas as circunstâncias da vida de comunidade e a ser testemunha do Senhor por meio de sua vida"[32].

29 Col. "Tua Palavra...", *op cit.*, 19.
30 Cf. MASINI, Mario. *Iniziazione alla "Lectio Divina". Teologia, metodo, spiritualitá, prassi.* Padova, Messagero, di S. Antonio, 1989, 21.
31 COLOMBÁS, *op. cit.*, p. 89.
32 *Congresso dos Abades beneditinos de 1967.* Citado em: COLOMBÁS, *op. cit.*, p.88.

Por fim, podemos concluir as nossas considerações sobre a "leitura orante da Bíblia" com a oração atribuída ao Guido II, Abade da Grande Cartuxa (séc. XII), que resume em si toda a *riqueza espiritual* da "Lectio Divina": "Senhor, quando vós me partis o pão da Sagrada Escritura, eu vos conheço por esta fração do pão; quanto mais eu vos conheço, mais desejo conhecer-vos não mais somente na aparência da letra, mas no conhecimento saboreado pela experiência. E não peço este dom por causa de meus méritos, mas em razão de vossa misericórdia... Dai-me, Senhor, a garantia da herança futura, ao menos uma gota da chuva celestial para me refrescar em minha sede, pois estou ardendo de amor".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Neste texto o autor nos diz que não é só no momento da oração que devemos elevar o nossos espírito a Deus, mas também quando realizamos as diversas tarefas do dia a dia. E nos convida a responder individual ou coletivamente a essa questão: "Como é que a minha vida, a minha atividade, o meu apostolado se tornam de fato **palavra de Deus**, à luz daquela Palavra de Deus definitiva que é Jesus Cristo, misteriosamente presente na Escritura?
2. A última parte do texto nos diz que a Lectio exerce uma função **purificadora**, convida à **conversão**, faz questionamentos profundos sobre as nossas incoerências e disfarces. Procure partilhar com sua comunidade essas idéias revendo atitudes e ações à luz da Lectio: fonte de renovação espiritual.

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de outubro de 1998

Como escrevi neste mesmo espaço da quarta capa da revista de setembro, agora, em outubro, a partir do dia 15, está à sua disposição, o NOVO livro **Para Fazer Bem o Retiro-6: ORAR-REZAR, ATIVIDADE ESSENCIAL**. Faça o seu pedido, antes que se esgote a tiragem. Você vai gostar do tema e de sua exposição.

– Mais um livro de oração?

Sim. Cada geração deve aprender a rezar porque ou rezamos mal ou, então, de modo insuficiente. Há uma pedagogia espiritual da oração, uma MISTAGOGIA, um modo de se iniciar ao mistério da relação com Deus. Você tem consciência da necessidade desta função mistagógica? Cada geração deve reiniciar-se à oração. Corrigir insuficiências sentidas. Sensibilizar-se a exigências novas. Encontrar meios para uma experiência renovada de ESCUTA e DIÁLOGO com Deus.

– O que é orar-rezar?

Não advogo definição ou noção alguma em particular porque orar-rezar é um conceito amplo. É um grito do coração, um olhar para Deus ou, simplesmente, um gemido (palavras mudas, sem sons articulados) feitos de confiança porque nascem de filhos que clamam **Ab – Abbí – Abbá**, ou seja, pai, meu pai, papai, e brotam do Espírito que nos socorre e reza por nós. Grito, olhar, gemido, símbolos existenciais de nossa condição pobre e pecadora.

ESCUTA, SENHOR, A MINHA ORAÇÃO.
A TI SE ELEVA O MEU CLAMOR.

– Há diferença entre orar e rezar?

Nenhuma diferença. Ambas as palavras exprimem a mesma realidade. O conteúdo destas duas palavras, tanto objetivo quanto etimológico, não justifica qualquer oposição ou diferenciação entre elas. Não há entre elas evolução semântica ou qualitativa de conceito. Há, no entanto, circunstâncias nas quais o uso já consagrou ora as palavras orar e oração, ora as palavras rezar e reza.

– Por que temos dificuldade de descobrir a utilidade de longas horas gastas em oração sem resultado imediato?

Não sei. Se, por vezes, nossas convicções de fé se revelam insuficientes, em outras, o ativismo voraz da cultura atual, uma angústia que crê poder escapar de si mesma pela agitação, nos atrai, imanta, hipnotiza, seduz. Desenvolve em nós um senso de auto-suficiência incompatível com a revelação. Será preciso, então, re-aprender, aprender de novo, a descansar as mãos depostas e postas. Repousar os olhos para contemplar o que há de mais profundo em nós. Afinal, a vida não se reduz à eficiência.

– Mas não existe o perigo da alienação?

Não se assuste com este fantasma. Este perigo não está ao nosso alcance. A oração é um exercício de senhorio escatológico sobre a vida e o mundo. Ela se traduz numa vida incansavelmente apostólica. O ativismo não é termômetro confiável nem da liberdade, nem do amor, nem da fidelidade ao Senhor. Definitivamente, no ativismo não está o essencial para o discípulo e seguidor. Mesmo face às reais necessidades do dia-a-dia, urge preferir buscar aquele único necessário, que comporta o que permanece para a parusia.

– Mas rezar não é comprometer-se, abrir-se ao irmão?

Perspectiva secularista, ambígua, unilateral. Quanto mais se contempla o mistério do Pai infinitamente misericordioso, o mistério do Filho que se fez generosamente nosso irmão, o mistério do Espírito Santo poderoso renovador do mundo, tanto mais se sente impelido por este mistério insondável a ser espiritualmente dinâmico, a doar-se até doer, até morrer.

A GRAÇA, dom divino que **Jesus** nos mereceu; o AMOR, iniciativa preveniente, livre e gratuita do **Pai** que nos escolheu por filhos, realizem em nós uma COMUM-UNIÃO por obra do **Espírito Santo**. Filhos no Filho e solidários com todos os irmãos, clamemos no Espírito, **Abbá**, papai. Amém. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator Responsável/Converagência